

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

LIZ ANDRÉA LIMA MIRIM

VOZES DO SILÊNCIO – VARIAÇÕES DA CLÍNICA

Tese apresentada à banca
examinadora, como exigência parcial
para obtenção do título de doutora em
Psicologia Clínica sob orientação do
Prof. Dr. Renato Mezan

SÃO PAULO
2011

*Aos meus pais,
que silenciosamente
me contaram como era bom viver!*

Agradecimentos

A todos os meus pacientes, sem os quais este trabalho não existiria, meu mais sincero reconhecimento.

Ao meu orientador, Renato Mezan, pela generosidade, confiança e acolhida. Muito obrigada!

À Cris, pelas inúmeras discussões.

À Cláudia, pela paciente leitura e palpites.

À Elisa Cintra e Tereza Elízete, pela fecunda discussão na qualificação do trabalho.

Aos meus amigos de caminhada: Gínia, Tatiana, Rachelle, Lissette, Leonardo, e Ana Cristina.

Aos amigos que de longe me apoiaram: Bitá, Dalva, João, António, Píva, Lili, Críca, Sílvia e Mariana.

A minha eterna gratidão a Fernando que de longe me apoiou nessa empreitada.

A todos que ao longo do meu caminho estiveram ensinando-me a arte da escuta e da pesquisa: professores, supervisores e analistas.

Às minhas irmãs e sobrinhos que estavam ao meu lado. Silenciosamente!

Às minhas companheiras de trabalho: Neuza, Sílvia, Neia e Carla.

Ao ACAIA e aos colegas de trabalho dessa instituição.

À Dírceu, pelo trabalho de revisão.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa e pela PUC pela possibilidade de desenvolver este trabalho.

Ao final, meu profundo agradecimento a Clóvis pela disposição de compartilhar comigo as alegrias e tristezas do dia-a-dia desta vida.

A todos, meu mais profundo e sincero: Muito obrigada!

RESUMO

Foi a partir de um atendimento em silêncio que este trabalho iniciou. Como atender uma paciente que não conta sua história? Após algum tempo começa a escrever cartas que me são entregues e é com a ajuda delas que o atendimento vai acontecendo. Este silêncio é uma resistência ou ele fala, me conta de sua vida?

Em outro lugar, devo coordenar uma oficina com mulheres que se recusam a formar o grupo, o que essa recusa me conta? São os percalços que desse desencontro que me servem de material para eu trabalhar.

Refletir sobre a função dessa experiência – resistência, comunicação, gesto, compartilhamento – é objetivo desse trabalho, assim como os procedimentos que foram adotados para que fosse possível a análise dessa paciente e a participação das mulheres na oficina. São as vozes desses silêncios que procuro entender.

O silêncio é de ouro, lembra S. Ferenczi ao nomear um artigo dessa forma. Por que será que esse autor compara o silêncio com esse material tão nobre, cobiçado pelos homens?

A partir das conceituações de Consultas Terapêuticas e Psicanálise segundo a demanda (de Winnicott) e de clínica extensa (de Fábio Herrmann) que me coloco a disposição para trabalhar nesses dois casos.

Portanto, nesse trabalho anseio olhar essas duas experiências e apreender o que nelas têm de terapêutico, como podemos acolher os sofrimentos que se apresentavam e dar algum sentido, fazendo que os atendimentos fluíssem. Usando o conceito de brincar forjado por Winnicott temos dois exemplos de como o analista se põe nesse jogo, cada uma fazendo um rabisco, e oferecendo ao outro para ser completado.

Palavras chaves: silêncio, variações clínica, resistência, comunicação, contratransferência.

ABSTRACT

It was from a silent session that this work started. How to treat a patient who doesn't tell her story? After some time, she begins to write me letters, and it is with their help that the analysis comes into course. Is this silence a form of resistance, or does it speak, or tell me of my patient's life?

In a different instance, I'm to manage a workshop with women who refuse to make up a group. What does that refusal tell me? The troubles of this mismatch are to serve as the basic blocks for me to work on.

Reflect on these experiences – resistance, communication, gestures, sharing – is the object of this work, along with the procedures adopted to make it possible to analyze that patient and to have those women participating in the workshop. What I try to understand are the voices of these silences.

Silence is golden, reminds S. Ferenczi in the title of an article. I wonder why the author compares silence to so a noble and covetable material!

From the concepts of Winnicott of therapeutic consults and psychoanalysis on demand, and of Fábio Herrmann of extensive clinics, I got willing to work on these two cases.

So, what I long for in this work is to look at these two experiences and try to grasp what there is in them as therapeutic, how to harbor all the suffering they represented and to extract some sense from them, making the therapy moving on. Using the playing concept forged by Winnicott, we have here two examples of how the analyst may place him/herself in this game, each one drawing a scribble and offering it to the other to be completed.

Key words: silence, clinical variations, resistance, communication, countertransference.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Minha aproximação com o tema	7
I. AS REVERBERAÇÕES DO SILÊNCIO	12
Sobre o atendimento	14
As cartas	18
De volta ao atendimento.....	20
Um passeio pela teoria.....	29
Retomando.....	41
II. O PORTÃO DE ENTRADA	56
A favela do beco Nove	59
Costurando um lugar	62
Tecendo, colorindo, cuidando	68
Após 7 meses	80
III. REFLEXÕES TEÓRICAS	83
Sobre o silêncio	84
Sobre o trauma	99
Sobre a violência	106
IV. ÚLTIMAS REVERBERAÇÕES	112
V. BIBLIOGRAFIA	120
VI. APÊNDICE	128

Sinhá Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente.

Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinhá Vitória, inquieta, com certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bocejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam.

Se não fosse isso... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que perfume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.

Pobre de sinhá Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados no lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara saía da parede.

(Graciliano Ramos – Vidas Secas)

INTRODUÇÃO

Qual é o profissional que, ao receber um pedido, não se põe a pensar? Seja ele psicanalista, engenheiro, dentista, médico, músico etc... A primeira questão que se coloca é se pode responder a esta demanda; depois se pergunta como vai fazer isso... e ao longo do processo outras perguntas aparecem...

Quando Melissa¹ me procurou, também fui tomada por essas perguntas, “Como posso ajudá-la?”; ou “Que pedido é esse?”; “O que quer?” e a cada encontro, ela me punha a pensar, colocava-me outras questões. A regra fundamental foi quebrada logo de início, pois Melissa não falava. Roussillon², no texto *Agonia e desespero na transferência paradoxal*, discorre sobre uma experiência de supervisão na qual a teoria se interpunha ao atendimento. Os analistas estavam tão apegados à técnica que deixavam de escutar as histórias para executar os conhecimentos, ou seja, deveriam escutar um complexo edipiano, ou uma mãe invasiva ou um sonho e destrinchá-lo, sem se perguntarem por que este sonho agora? do que será que este paciente falando? Winnicott, ao contrário dos supervisionandos de Roussillon, vai às últimas consequências e diz: “Faço análise porque o paciente necessita. Se o paciente não necessita de análise então faço outra coisa”³. De alguma forma, eu sabia que deveria deixar a técnica e escutar o silêncio de Melissa.

Fui chamada por outro lado, a coordenar uma oficina de bordado em uma favela no região central da cidade de São Paulo – por uma instituição que trabalha com crianças naquela região. O bordado seria nosso meio de conversa. Enquanto bordávamos, íamos conversando. Conhecer a realidade daquela comunidade moradora da favela, pelas falas das mulheres, entender a lógica instituída naquele espaço, das pessoas que vivem em condições muito precárias de habitação e saúde, era o nosso objetivo.

Parecia atraente e sedutora a proposta – conversar e aprender a bordar – enquanto isso, um espaço de troca se constituiria. Entretanto, o grupo de mulheres demorou para se formar. Comecei então a trilhar o caminho de formação do grupo.

¹ Os nomes aqui utilizados, assim como os lugares mencionados fazem alusão de alguma forma aos nomes e locais originais, contudo foram trocados para manter o sigilo das pessoas

² ROUSSILLON, R. Agonia e desespero na transferência paradoxal. In *Revista de Psicanálise da SBPPA*, v. 11, n. 1, abril, 2004, pp. 13-33.

³ WINNICOTT, D. W. (1962) Os Objetivos do tratamento psicanalítico. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 152.

O que podemos fazer em um processo terapêutico marcado pelo silêncio? Há um pedido de cuidado, mas uma recusa em dobrar-se às regras do trabalho.

Roussillon, no artigo mencionado, percebe que há uma impossibilidade de escutar livremente, e este fato abriu para ele refletir sobre a causa daqueles analistas estarem respondendo contratransferencialmente dessa forma. “A teoria funcionava como uma representação *pronta* da história infantil dos analisandos”⁴. Outras questões aparecem nesse relato, e o autor é imperativo quanto ao compartilhamento de afeto. Nas agonias impensáveis, mais que retirar o paciente deste lugar, é preciso compartilhar com ele para que tenha a possibilidade de acessar outro lugar; poder *sentir* a solidão do analisando **junto** com ele é tão importante quanto interpretá-la. Diz ele a “reparação nunca cura, nunca por si só diretamente. Somente o *compartilhamento de afeto* empático alivia a solidão que caracteriza o desespero, somente a inteligibilidade o torna aceitável e relativo, superável”⁵.

A vida de Fabiano, de Sinhá Vitória, dos dois meninos, da cadela e do papagaio narrada por Graciliano Ramos conduzia-me a um universo seco, porém cheio de texturas. A família pouco fala, os diálogos entre Sinhá Vitória e Fabiano são quase monossilábicos, mas é possível sentir a tristeza de Fabiano sendo enganado pelo patrão, ver sua raiva diante ao soldado amarelo, compartilhar a alegria dele em comprar um corte de tecido para a mulher, e dela, a delicadeza com que cuidava dele, as dores nas costas por dormir na cama de varas, e seu sonho em dormir numa cama com colchão, a tristeza da família em ter de comer o papagaio, e mesmo da cadela chupando os ossos da ‘companheira’. Essa narrativa oferecida por G. Ramos servia-me de modelo para compartilhar os afetos com Melissa e com as bordadeiras, como sugeria Roussillon.

No primeiro capítulo apresento Melissa, uma profissional com pós-graduação, poliglota, mas que passa suas sessões em silêncio. Contou que sofreu abuso sexual do irmão durante sua infância⁶. Ela tentou contar essa violência para a mãe, mas esta não acreditou. “*Ele era o filho querido da mamãe*”, conta ela. Além desse segredo, a mãe era muito brava e violenta, cada vez que ela batia nos filhos avisava que teriam que ficar calados, porque se chorassem apanhariam ainda mais. Melissa então

⁴ ROUSSILLON, 2004, p. 16

⁵ Ibidem, p. 26.

⁶ Entende-se por abuso sexual qualquer conduta sexual com uma criança levada a cabo por um adulto ou por outra criança mais velha. Isto pode significar, além da penetração vaginal ou anal na criança, também tocar seus genitais ou fazer com que a criança toque os genitais do adulto ou de outra criança mais velha, ou o contacto oral-genital ou, ainda, roçar os genitais do adulto com a criança.

aprendeu que deveria ficar em silêncio, sempre. Falar podia lhe ‘custar muito caro’. É nessas condições que chega para análise. Ela sabe falar, mas não quer, ou não pode. Ao transcrever as ‘falas’ de Melissa, destaco com *itálico* para facilitar a percepção do leitor.

No segundo capítulo, relato a experiência com as bordadeiras. Uma oficina de bordado deveria acontecer em um barraco de uma favela, onde uma instituição trabalha com crianças. Esta oficina nasceu da necessidade da instituição de conhecer melhor a realidade das crianças que atendia, algumas apresentavam dificuldade escolar, outras nem a escola regular frequentavam, ou seja, eram crianças que tinham uma realidade particular. Experiências como reuniões de pais e convites para os pais visitarem a instituição não tinham sido bem sucedidas. Percebeu-se a necessidade oferecer algo mais concreto. Formou-se um grupo de bordado com as mães, com o objetivo de ensinar-lhes uma atividade que pudesse render financeiramente, além disso, obtinha-se um contato regular para discutir as questões da educação das crianças, um espaço de contar e escutar as histórias delas.

O grupo se formou, e a instituição conseguiu dessa forma entrar em contato com a realidade vivida pelas crianças que a frequentavam. A experiência obteve sucesso, as mães começaram a participar da oficina e outras atividades – como marcenaria, capoeira e uma praça de jogos – foram propostas pela instituição para as crianças menores que não tinham idade para frequentá-la e também para os adultos. Dessa forma ampliavam-se os serviços à comunidade.

Mas nada disso foi fácil, nem simples. O capítulo narra sobre os passos necessários para entrar nesse grupo de bordado e me colocar à escuta das histórias. Nessa escuta, instituição e famílias poderiam se beneficiar. A instituição por estar em contato com esse mundo vivenciado por essa população específica, as famílias por estarem em contato com novas experiências, outros relatos, outras possibilidades de relacionamentos. Mesmo assim, as mulheres do bordado relutaram em me aceitar. Como incluir mulheres desconfiadas, acostumadas à exclusão?

Novamente vejo-me frente de uma situação em que me ofereço à escuta, mas não vêm palavras. Como um peixe que sabe que se morder a isca ficará preso, as bordadeiras se afugentam da linha, assim como Melissa que não fala para eu não saber de sua história. Do lado das bordadeiras, não posso costurar os desenhos imaginados por elas, ao lado de Melissa não posso trançar os fios de sua história.

Melissa e as bordadeiras têm em comum minha presença e minha oferta de escuta. Diferentemente da mãe de Melissa, que não tem tempo para ela, e da cidade, que não tem disponibilidade para acolher essas mulheres que têm uma experiência

diferente, coloco-me à disposição para escutá-las. Como diz Tereza Elizete Gonçalves⁷, “devemos disponibilizar nosso conhecimento onde as necessidades e as angústias do paciente se apresentam, e clamam por respostas que a ciência pode tão bem revelar”.

Como proceder com Melissa que se coloca á minha frente sem falar nada? Pode-se perceber seu sofrimento em estar ali, o qual repete e repete e repete, numa tentativa de elaboração. Eu, sem saber da sua história, espero, não posso fazer nenhuma interpretação, apenas vou assinalando minhas percepções. Assim se passam meses. Quanto tempo devo esperar? Ofereço-me a escutar, e o que escuto é um silêncio. O que me diz essa “fala muda”? Devo fazer ressoar aquele silêncio, como um som que bate e volta distorcido, assim é que me coloco a escutar o silêncio de Melissa. Forma-se um grupo para ensinar bordado e refletir sobre as questões de seus cotidianos e as mulheres não comparecem, permanecem perto mas longe da roda.

No terceiro capítulo, exploro a literatura sobre o silêncio, e consequentemente a de trauma e violência. Há dados que ressaltam aos olhos nessa produção. A literatura é escassa, ficando longos períodos sem artigos publicados, apesar de ser tratado com muito apreço. Os longos silêncio que os autores relatam são períodos dentro de uma sessão, mas que acabam após uma intervenção analítica, o que não era meu caso. A literatura sobre o trauma é vasta, já a produção sobre violência é também rara, e como observa J. F. Costa⁸ há uma imprecisão na conceituação desse tema o que dificulta a compreensão. Isso me levava a pensar o que estava fazendo de errado, o que acontecia com o processo que eu conduzia... Essas perguntas acompanharam-me ao longo do trabalho.

O silêncio é de ouro, lembra S. Ferenczi ao nomear um artigo seu dessa forma. Por que será que esse autor compara o silêncio com esse material tão nobre, cobiçado pelos homens?

Freud coloca o silêncio como um detalhe da linguagem ao deixar que os pacientes falassem, forjando depois o conceito de associação livre como regra psicanalítica. A partir daí, muitos autores fizeram considerações sobre a linguagem – desde a regra fundamental até a interpretação do analista. O silêncio ficava para o analista, que deveria se manter assim, em atenção ao paciente e desta forma convocaria o paciente a falar.

⁷ GONÇALVES, T. E. *A Degradação da Infância: Maus-tratos e Sevícias na Origem da Conduta Anti-Social. Um Estudo Psicanalítico*. Tese de doutorado. PUC-SP. 2006, p. 18.

⁸ COSTA, J. F. [1984] *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed Graal, 2003

Ferenczi, com esse título, coloca o silêncio como um produto nobre. Todos nós em algum momento já ficamos calados. Ou porque não sabíamos o que dizer, as palavras faltaram, como se diz popularmente, ou porque não queríamos dizer nada. As situações são muitas, até mesmo para guardar um segredo, ficamos em silêncio. Quando observamos uma criança pequena, podemos perceber que ele fica muito tempo em silêncio, brincando sem falar quase nada. E ainda quando esta é mais nova, quando não sabe falar, são o choro, os gestos e o silêncio seus meios de expressão. Esta é a linguagem que ela usa para se comunicar com sua mãe, e esta em sua atitude de atenção vai aprendendo a entender cada gesto, cada barulho e cada silêncio de seu bebê. É este o meio que embala a relação mãe-bebê.

As bordadeiras se negam a fazer roda comigo. Elas fazem uma roda fora do barraco, para conversar, ficam à minha vista mas eu não sou convidada. Eu me disponho a escutá-las, elas têm histórias para contar, mas não para mim, é só entre elas. Diferente de uma situação de análise tradicional, na qual o paciente pede o encontro, ali, naquele barraco, devo lançar mão das reflexões da teoria dos Campos para fazer do (des)encontro uma situação analítica, ou mesmo das consultas terapêuticas aplicadas por Winnicott, nos ambulatórios de pediatria e psiquiatria do hospital onde trabalhava.

Winnicott, um entusiasta da psicanálise bem aplicada, por outro lado, trabalhando no hospital geral, e com sua formação em psicanálise pode perceber que podia oferecer ajuda aos pacientes sem que estivesse fazendo análise. Ao escrever sobre esse tipo de procedimento, deixa claro que é diferente da psicanálise tradicional, mas está baseada nela, e que aqui “há um intercâmbio muito mais livre entre o terapeuta e o paciente do que num tratamento psicanalítico puro”. Mais à frente, escreve:

(...) se é dada a oportunidade de maneira adequada e profissional para uma criança ou para um adulto, no tempo limitado de contato profissional o cliente trará e exporá (...) o problema predominante e o conflito emocional ou a espécie de tensão que aparece nesse momento da vida do cliente⁹.

O trabalho com as bordadeiras não é consulta terapêutica, pois para Winnicott, as consultas não devem superar três encontros, no caso das bordadeiras, há uma frequência semanal, por tempo indeterminado. Seguindo o texto, ele marca a diferença entre as consultas terapêuticas e o trabalho grupal. Diz ele que há um valor no trabalho individual que pode ser perdido no trabalho grupal. Estou ciente que meu

⁹ WINNICOTT, D. W. [1971] *Consultas terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1984, p. 15.

trabalho é diferente das consultas terapêuticas, mas este autor nos mostra que há caminhos além da análise tradicional, dentro da psicanálise.

Neste sentido temos Fábio Hermann que volta aos primeiros textos de Freud para justificar a aplicação da psicanálise fora do âmbito do consultório. O autor lembra que na época de sua invenção a psicanálise ocupava uma área além do consultório vindo a ficar restrita a ele posteriormente. Assim, postula Fábio a clínica extensa, ou seja, a teoria atrelada ao método, sendo exercidas para fora dos contornos padrões. Para tal, formula a noção de campo transferencial, e é neste campo que trabalha o analista. Nessa situação *sui generes*, o analista vai se dispor a escutar a metáfora da vida anímica de seu paciente. O terapeuta propõe-lhe um espaço de mentira, como uma brincadeira infantil, em que o paciente possa experimentar verdades ainda inatingíveis¹⁰, diz ele.

Silêncio, tempo e confiança são meus apetrechos de costura nesse trabalho. Sei que devo fazer esse caminho com cuidado, tanto para não ficar surda com os gritos surdos de Melissa e nem deixar furar o dedo na agulha e dormir como a Bela Adormecida.

No último capítulo, passo a cruzar os fios desse bordado... algumas perguntas foram levantadas ao longo do terceiro capítulo a partir das reflexões que são respondidas nesse quarto capítulo, de forma que eu posso abrir a compreensão dessa situação: como se colocar pra escutar o silêncio e o que ele pode nos dizer.

Ao final como ilustração apresento duas cartas de Melissa – uma delas escrita com a mão esquerda - e um trabalho de bordado.

MINHA APROXIMAÇÃO COM O TEMA

Em 1999 fui chamada para trabalhar em um projeto com mulheres em situação de violência. Tomo contato com essa realidade presente em todas as classes sociais, tanto do lado das pessoas com pouca instrução formal como do outro lado. As formas que a violência assume são bastante diversas, desde xingamentos (violência psicológica), brigas, espancamentos e ameaças de morte (violência física), e abuso ou violência sexual.

¹⁰ HERRMANN, F. *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p. 22.

Abrir-me para esse tipo de atendimento, ofereceu-me a possibilidade de pensar as ações terapêuticas que se podia oferecer a essas mulheres. Inicialmente na década de 1970 quando os serviços começaram a funcionar, dava-se ênfase a que a mulher fizesse a denúncia e deixasse a casa do agressor. Percebendo-se a dificuldade delas em executar esse plano pré-traçado começou-se a pensar nas relações entre esses pares. O modo de oferecer assistência mudou, e passou-se então a escutar a queixa e dar as orientações, mas traçar um plano conjuntamente com a mulher e respeitando o tempo dela, segundo suas necessidades e possibilidades. Isso me ensinou que não poderia ter uma posição neutra nesses casos, mas orientá-las nos passos para sair daquela situação, ao mesmo tempo deveria escutar qual o caminho possível para aquela mulher e ainda os entraves que tal situação oferecia.

Apesar do movimento feminista não ter muita afinidade com as teorias freudianas (a questão do falocentrismo, da castração, entre outras), a conceituação de inconsciente, defesa, resistência puderam ajudar a estruturar o campo da violência de gênero, ou seja a violência que se pratica pela via do gênero¹¹.

Nessas três décadas de estudo sobre a violência de gênero a mulher saiu da condição de vítima para a situação de violência. Essa mudança se fez pelo modo de compreensão da violência. Quando a mulher é referida como estando em uma situação de violência, ela está em outra condição, ou seja, ela acessa um lugar de passagem, pois ela é um sujeito nessa relação. Estar em uma situação oferece a possibilidade da mudança, há uma mobilidade intrínseca à condição de estar assim, ela pode tomar decisões, outros rumos, uma vez que está em movimento dentro de uma relação à qual tem também seus ganhos secundários¹². Assim também o homem saiu da condição de agressor para autor de agressão, dentro da mesma lógica de mobilidade. Essas mudanças oferecem mobilidade aos sujeitos dessa relação, na tentativa de desestigmatizar os indivíduos nas suas ações.

Nesse caminho fui atendendo mulheres que haviam sofrido violência física, psicológica e sexual e pude entrar em contato com diversos universos sócio-culturais – um dos trabalhos foi nas áreas de prostituição do Largo da Batata (São Paulo-SP). Oferecer a essas mulheres, prostitutas, que também sofrem violência dos clientes, da polícia, da sociedade, um outro olhar reassegurando um lugar dentro da sociedade, possibilitando que tivessem acesso a serviços públicos, discutindo o lugar delas dentro

¹¹ Gênero foi uma conceituação que ganhou força com os estudos feministas da academia na década de 1980 para diferenciar o sexo biológico da construção de ser mulher e homem o que constitui o gênero.

¹² MIRIM, L. Balanço do Enfrentamento da Violência contra a Mulher sob a Perspectiva da Saúde Mental. In: *25 anos de enfrentamento da violência contra a mulher*. CFSS – Ford Fund., 2006. Disponível em: www.mulheres.org.br/violência/25anos.

das relações sociais, de mulher e de cidadania deu-me lastro para trabalhar com questões marginais.

Nesse contexto fui chamada a ocupar o lugar de bordadeira da favela. A instituição necessitava de alguém que se dispusesse a ensinar o ofício do bordado assim como a escutar as histórias e intervir nelas quando achasse pertinente. Outro fato é o cotidiano da própria favela, marcado pela violência, e novamente a exclusão vivida e ou imposta pela sociedade.

Assim, enfrentar esse universo de violências cruzadas – domésticas e públicas – e ainda me colocar em possibilidade de escuta e intervenção me pôs a seguinte pergunta: quem é meu paciente?

Não é a primeira vez que isso acontece na história da psicanálise. Freud¹³ ao descrever o caso do Pequeno Hans nos brinda com um atendimento diferente daquele feito nos moldes do consultório. Quem era o paciente de Freud – o menino ou o pai que lhe escrevia as cartas? Costumamos citá-lo como o primeiro caso de supervisão, mas também não é um atendimento comum, era o pai que atendia o garoto em casa, nas situações familiares que surgiam. Não podemos deixar de observar que o *setting* era muito particular.

Mais tarde temos as tão conhecidas consultas terapêuticas de Winnicott. Inicialmente exercendo a função de pediatra, e já com interesse pela psicanálise, Winnicott vai para a área da psiquiatria. Lá percebe que a primeira entrevista lhe dá material para ser explorado e tentar compreender o paciente. Ele nos fala de um modo diferente de se colocar como profissional e assim conceituou essa modalidade de atendimento. Este autor também nos relatou o caso da pequena Piggie em que ele fez um atendimento segundo a demanda, ou seja a menina vinha ao encontro de Winnicott quando os pais achavam necessário, ela morava em outra cidade. Em três anos de análise, a menina foi atendida por Winnicott apenas 14 vezes, o atendimento contou ainda com cartas escritas pelo pais.

Foi com esse aparato teórico que me pus a fazer as oficinas de bordado e a escutar as mulheres que estavam a minha volta – desde as dificuldades em entrarem na roda, assim com as vicissitudes que lhes tiravam da roda.

Melissa, diferentemente do trabalho com as mulheres da favela, veio me procurar na instituição na qual eu trabalhava coma questão da violência de gênero. Esta instituição nasceu em 1981 e trouxe um modelo de atenção às mulheres na área

¹³ FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In; FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol. X, 1986, pp.15-157.

da ginecologia o qual questionava o modelo tradicional do saber médico – juntos, o profissional e a mulher, construíam a queixa e os cuidados.

Melissa conheceu essa instituição em meados da década de 1990. Foi lá para ser atendida na área da ginecologia, ela sabia que era uma instituição preocupada em escutar as mulheres, não apenas em reproduzir o conhecimento adquirido. Mais tarde, necessitando de um atendimento psicoterápico entrou em contato com a instituição para saber da oferta desse serviço. Ela não veio à procura da minha pessoa como profissional, mas veio a essa instituição que ela sabia que dava atenção exclusivamente às mulheres, defendia os direitos delas e questionava o modelo médico tradicional, talvez também pensasse que questionava o modelo psicológico.

Apesar de vir à procura, coloca-se em silêncio e devo manejar minha forma de atendimento para oferecer continência às angústias de Melissa.

A violência é marcada pela relação de poder entre as pessoas e por um silêncio que se impõe. Atender essa população é se oferecer de porta-voz, é nomear aquela experiência e oferecer outro lugar àquela pessoa. As violências vividas pelas personagens desse trabalho colocam-nas em um silêncio profundo, ou num grito tão alto que se torna inaudível¹⁴. Preciso dar tempo para poder escutá-las, sustentar o silêncio até acostumar meus ouvidos àquela fala, e aos poucos ir dando voz a essas experiências que chegam a mim sem palavras.

Fora da literatura psicanalítica, Merleau-Ponty escreve sobre a linguagem dando ênfase ao silêncio. Escreve que “toda linguagem é indireta e alusiva e se quiser, silêncio¹⁵”. O autor vai mostrar neste texto como a linguagem é feita de palavras, mas estas tateiam à procura de uma significação, há uma intenção nelas, mas diz que antes de tudo vêm banhadas pelo silêncio. Lembra que uma criança aprendendo a falar diz uma palavra que para ela é uma frase, e também um som que significa uma palavra.

Neste texto Merleau-Ponty usa como referência Maulraux, crítico de arte da época, que toma cada pincelada como uma intenção, há um significado neste gesto. Merleau-Ponty parece se render aos encantos do crítico e propõe tentar olhar a arte da linguagem como uma arte muda (equivalente a pintura, no caso). Ao equipara as duas – linguagem e pintura – diz que “vai nos deixar adivinhar sob a linguagem falada

¹⁴ Este grito está referido na p. 35.

¹⁵ MERLEAU-PONTY, M. A Jean Paul Sartre. In: MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Minotauro Ed. 1962. p. 63.

uma linguagem operante ou falante, cujas palavras vivem uma vida mal conhecida, unindo-se e separando-se conforme o exige a sua significação¹⁶.

O que podemos fazer em um processo terapêutico marcado pelo silêncio? Há um pedido de cuidado, mas uma recusa em dobrar-se às regras.

Pretendo olhar essas duas experiências e apreender o que há nelas de terapêutico, como podemos acolher os sofrimentos que se apresentavam e dar algum sentido fazendo-os fluir. Valendo-me do conceito de brincar forjado por Winnicott, neste trabalho, temos dois exemplos de como o analista se põe nesse jogo, podendo assim se comunicar com as pacientes de outra forma ao se colocar para ser encontrada e assim tirá-las de uma situação congelada em que se encontravam.

¹⁶ Ibid. p. 109.

AS REVERBERAÇÕES DO SILÊNCIO

Ainda na véspera eram seis vivos, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e pro ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também às vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes a toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia berro de rês perdida na caatinga. Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que se não relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo uma confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.
(Graciliano Ramos – Vidas Secas)

*“Parece-nos bem mais importante detectar o que o discurso esconde e o silêncio revela”.
(T. Reik, 1926)*

Melissa é uma mulher de pouco mais de 40 anos de idade que vem procurar terapia em uma instituição que oferece atenção à saúde das mulheres¹⁷. Ela é professora, tem cinco irmãos, dois homens mais velhos e três irmãs mais novas. Seu pai trabalhava como funcionário público e sua mãe era dona-de-casa. Moravam em uma cidade do interior do estado de São Paulo até que veio para a capital para fazer o curso universitário e desde essa época não voltou mais a morar com os pais.

Quando questionei por que desejava fazer terapia, disse-me que queria se conhecer. Melissa ficou em atendimento por muitos anos. Apresentarei, aqui, um recorte de seu atendimento – os quatro primeiros anos. Nos três iniciais, ela falava muito pouco, o que algumas vezes me fez pensar em paralisar seu atendimento, mas Melissa não faltava, nem se atrasava, o que me apontava para o estabelecimento de um vínculo. Após dois anos, Melissa ainda falava muito pouco nas sessões, e eu sabia muito pouco de sua história. Isso me fez pensar que eu não estava conseguindo manejar o caso com sucesso, então disse-lhe que a atenderia apenas até o final do semestre.

Muitas vezes, havia me falado que eu iria me cansar e a mandaria embora. Parece que esse momento havia chegado. Tomando por base o atendimento do *Homem dos Lobos*, no qual Freud estabeleceu uma data limite para seu término, eu fazia o mesmo.

A partir daí, Melissa, que já me escrevia algumas ‘cartas’, passou a me entregar muitas ‘cartas’, que eram escritas entre as sessões, ou seja, quase diariamente eu estava presente ali com ela: era nas sessões, ou quando estava escrevendo.

Atendê-la era um desafio, pois sentia que se eu não aguentasse, seria muito ruim para ela, mas muitas vezes senti-me incapacitada para analisá-la. A quantidade de material escrito era abundante, o que me fez abandonar a idéia de parar com o atendimento. Continuei a atendê-la, mas ainda era difícil falar com ela sobre o material que me trazia. Como ajudar uma paciente que instaura o silêncio como linguagem? Estamos compactuando com o sintoma ou estabelecendo uma linguagem?

¹⁷ Esta instituição oferece aconselhamento e orientação na área de violência doméstica e direitos sexuais e reprodutivos especificamente e às questões da saúde sexual e reprodutiva das mulheres em geral. Conta com uma equipe profissional de psicólogas, médicas gineco-obstetras e educadoras em saúde. A instituição recebe financiamento de fundos nacionais e internacionais, entretanto todos os atendimentos são cobrados.

SOBRE O ATENDIMENTO

Melissa liga. Ao telefone, pergunta sobre a linha teórica que eu sigo e diz que não gostava de psicanálise. Peço que venha para nos conhecermos e depois ela decide. Vem. Diz que quer fazer terapia para se conhecer. Repete essa frase 4 ou 5 vezes na 1ª sessão. Em algum momento conta que é professora universitária e que foi demitida da universidade em que dava aulas. Talvez seja chamada em outra faculdade, é o que diz. São frase soltas ao longo do tempo. Tem mestrado na sua área e pretende fazer doutorado. É apenas isso que ela conta nesse primeiro encontro. Num primeiro momento parece que é uma resistência como tantos outros pacientes que iniciam o seu pedido de análise assim, talvez pudesse ser e seja em algum momento. Fiquei apreensiva se ela voltaria, afinal já falara ao telefone que não gostava da linha teórica que eu trabalhava e na sessão falou pouco.

Ela retorna. Na segunda sessão, volta a falar que quer se conhecer e chora. Ela se retorce na cadeira, tentando ficar de lado para mim, chora muito. Há muito sofrimento no choro de Melissa. Falo isso para ela, e ela continua chorando. A sessão toda, Melissa chora. Não fala nada além dessa primeira frase. Ali parece que se estabelece uma transferência: ficar junto com alguém é uma tortura, mas ela também não consegue interromper aquele sofrimento.

As sessões se sucedem nesse choro. Ela pouco fala, e chora quase todo o tempo. Entendo que era assim que Melissa podia estar ali, chorando e em silêncio. E o pedido de de querer se conhecer? Essa questão não parece ser apenas uma resistência, ela está nos falando algo com essa interrogação. Meses se passaram, e as “falas” eram muito poucas, no entanto, não havia faltas e nem atrasos. Pude perceber que aquele era seu jeito de estar ali comigo. Quando tinha que faltar, pedia para mudar de horário. Quando havia feriado e eu lhe oferecia uma mudança, ela aceitava. Uma vez precisei mudar o horário por um problema meu. Duas semanas antes avisei-a e propus um outro horário. Ela não respondeu. Na sessão anterior à minha falta, lembrei-a desse fato durante a sessão, e no final, ao me despedir, indiquei que nos veríamos após uma semana – não haveria reposição uma vez que ela não tinha falado se concordava ou não com o horário proposto por mim. No mesmo dia, à tarde, ela me ligou aceitando a reposição como eu havia pedido. Neste mesmo dia, ao telefone, pediu para que eu falasse tudo que era importante logo no início, pois *‘depois ela perdia’* (sic).

Era isso que me mostrava que havia um vínculo, e um desejo de estar naquele lugar. Ela disse-me inclusive que sabia que deveria falar, mas alguma coisa acontecia que não conseguia. Sua fala era silenciosa, era isso. É curioso pensar que ao telefone ela dissesse que não gostava de psicanálise, mas inicia o processo. Afinal, se ela não gostava da linha teórica da qual eu me utilizava para trabalhar e parecia ser um sofrimento ficar na sala de análise, por que não interrompia o processo? De alguma forma, achava, que esse jeito de trabalhar podia conter seu sofrimento. Entretanto, escreveu algumas vezes que queria parar com a terapia, não sabia por que não conseguia fazer isso. E, ainda, que não era uma boa paciente.

É claro que Melissa sabe falar, aliás é professora de línguas, e trabalhou com crianças deficientes. O domínio da língua ela tem, e também a possibilidade de se comunicar com o diferente. É esse o seu trabalho, fazer com que os outros possam se comunicar, se fazerem entender. Ali, parece que me ela ensina outra língua: a do silêncio.

Nos primeiros meses, o silêncio tomava conta de quase todo tempo da sessão. Lembrei-me do atendimento de crianças, e pensei em pedir que desenhasse. Deixei lápis e papel sobre uma mesa e algum tempo depois de estarmos em silêncio pedi que desenhasse. Ela fez um desenho sem muita demora e me entregou. Pedi que me falasse quem era naquele desenho. Ela ficou quieta, não falou nada, mas desenhara dois olhinhos arregalados, que pareciam assustados com mato em volta – essa foi a minha percepção. Em outra sessão, fiz uma segunda tentativa e ela se recusou. Não pedi mais para desenhar.

Como precisava saber de sua história, ia perguntando e ela me contava ‘muito a conta-gotas’. Aos poucos fui sabendo como era constituída sua familiar nuclear. Seus pais eram um casal tradicional, a mãe trabalhava em casa, cuidando da casa e dos filhos e o pai trabalhava fora – era o provedor financeiro da família. Ela conta que era um homem carinhoso, doce, mas tinha pouco contato com os filhos e as regras de casa eram dadas pela mãe, uma mulher bastante exigente. Por causa dessa conformação de casal, os filhos não foram acostumados com o pai. Tinha dois irmãos mais velhos do que ela e três irmãs mais novas. Ela acha que não tinha cumplicidade nem com os homens e nem com as mulheres – quando tinham de se proteger das broncas da mãe, ela sempre sobrava.

Contou também algumas coisas de sua infância. Disse-me que sua mãe era muito brava, batia e dizia que eles não podiam chorar, que se os visse chorando apanhariam ainda mais, deveriam engolir o choro, essa era a ordem. Melissa então ia para o quintal, ficava escondida entre as árvores e chorava. As meninas deviam ajudar

nos afazeres domésticos, mas como sua mãe era muito brava, nunca ficava satisfeita com a limpeza realizada. Sempre tinham de refazer e sem reclamação, pois não estava bom, “*chegava a ferir o joelho*” (sic) quando tinham que encerrar a casa novamente. Se reclamassem apanhariam mais. A mãe de Melissa tinha uma capacidade pequena de identificar-se com seus filhos.

Sua mãe, muitas vezes, fazia comida que não agradava aos filhos, e tinham que comer. Os irmãos mais velhos jogavam no chão, mas ela, como temia ser repreendida, comia. É nesse momento que Melissa aponta a falta de cumplicidade. Também contou que gostava de esporte, começou a treinar em um time do clube quando era adolescente. Ela sempre estava treinando, era assim que passava todos os dias, inclusive finais de semana, se não tivesse jogo, ela ia treinar. Desta forma, saía de casa, arrematou. Aprendeu a tocar piano quando criança, o que gostava muito. Disse que nesse período da adolescência ou estava jogando ou tocando piano.

As sessões transcorriam quase o tempo todo em silêncio, e eu ia sinalizando como percebia cada momento. Ela ficava quieta, se mexia, chorava e eu falava o que podia inferir daquela situação. Passados alguns meses trouxe-me uma carta. “*Acho que tudo que mais quero na vida, é entender o que acontece comigo. Não entendo esse bloqueio de não falar, não conseguir falar. Fiquei pensando sobre isso essa semana. Parece que essa loucura começou quando eu voltei da Espanha, pois antes disso eu fazia terapia com a Sandra e embora eu não gostasse de falar, não tinha tantos problemas assim. Alguma coisa aconteceu nessa época, porque depois disso as terapias não aconteceram mais*”.

Nos primeiros meses, Melissa quase não falava, até que no final do ano ela foi chamada em outra faculdade. Passou a comparar os dois locais de trabalho, o atual e o anterior. Contava sobre a professora com quem trocava carona, os alunos, a dinâmica das aulas. Falava um pouco desses fatos sempre sem detalhes, com frases curtas e simples e depois vinha um silêncio ou, então, depois de algum tempo falava o que eu estava percebendo, apontando sobre o que ela tinha acabado de falar e aquele silêncio que se abatia. Demorava alguns minutos e ela então começava a chorar. Mesmo com tão poucas palavras e o choro intenso algumas vezes não conseguia terminar a sessão no horário. Eu lhe falava que nosso tempo estava terminando que queira que ela se acalmasse. Sentia a necessidade de ficar com Melissa mais tempo

Margareth Little, ao descrever seu processo analítico com Winnicott, conta que ao final das sessões ele trazia café com biscoitos, e ela diz que “ele fazia com que eu

me sentisse quente e confortável”¹⁸. Talvez não precisasse trazer café com biscoitos para Melissa, mas poder confortá-la, o que algumas vezes fiz, passando poucos minutos, era meu sentimento. Nenhuma vez a coloquei para fora porque seu horário havia acabado; eu me levantava e ficava olhando para ela que também estava em pé, de costas, após o aviso do término. Olhava para fora, depois se virava.. parava... dava alguns passos, mexia na chave do seu carro e só quando se dirigia à porta é que eu a abria. Tentava respeitar seu tempo.

Contou também que já havia feito terapia antes, e as outras duas terapeutas a tinham mandado embora devido ao seu silêncio, assim como os psiquiatras que procurava. Eles diziam: “se você não falar não tenho como te ajudar”, escreveu para mim em uma carta reclamando da atual psiquiatra. Em outra carta escreveu, “*Credo, que tortura. Não pode existir nada pior do que consulta com psiquiatra. Que horror.*” Talvez as outras terapeutas e psiquiatras de Melissa, fizessem da mesma forma que sua mãe, colocavam-na para chorar longe dali, davam bronca. Ali não era lugar de chorar, não podia. Na sala de análise tinha de falar, assim como em casa tinha de engolir o choro.

Quando é que Melissa poderia chorar? Falei para ela dessa possibilidade de chorar ali, já que tantas vezes havia sido repreendida por chorar. Em casa, escondia-se entre as árvores e ali, sentada na cadeira, tentando se esconder da analista. Novamente há uma atualização das cenas infantis com sua mãe. Melissa se esconde enquanto chora, vira-se na cadeira. Se eu a vir chorando também a repreenderia? Talvez, assim é que fizeram outros profissionais. Ao contrário, quando percebo seu choro, ofereço lenço que ela aceita, mas mesmo assim continua nessa postura escondida.

Depois de alguns meses, ofereço a Melissa uma segunda sessão na semana, pois podia perceber que era intenso nosso encontro. Ela não respondeu, vindo na sessão seguinte a aceitar minha proposta. Esse jeito de responder somente na sessão seguinte era uma constante no processo. Depois de algumas vezes, pediu para eu sempre que tivesse que falar algo importante o fizesse no início das sessões porque depois ela perdia. Fiz o contrário das outras terapeutas: ao invés de mandá-la embora, aceito aquele jeito de estar ou fazer análise. Apesar dos ataques à minha capacidade de analisar, eu podia entender seu medo de entrar em contato com aquela loucura que ela sentia. Para mim, eu ficava tranquila naquele lugar de tentar dar algum sentido ao silêncio e choro de Melissa. Ou ainda, de oferecer colo à pequena Melissa nas suas

¹⁸ LITTLE, M. I. *Ansiedades Psicóticas e Prevenção – registro pessoal de uma Análise com Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 61.

angústias primárias. Ou, será que ela quisesse sim que eu também a mandasse embora para ela “não ter que se conhecer”, talvez se deixar embalar por um colo agora é amedrontador. Será que esse colo não a deixará cair? Sua vivência com o outro foi muito apavorante: sua mãe e seu irmão. Eu sentia seu desejo de estar ali

Vou parar aqui para contar sobre essas cartas que são muito importantes nesse processo. É a fala de Melissa, fora da sala de análise, longe dos meus olhos.

AS CARTAS

Depois de alguns meses, Melissa começou a me escrever cartas, entregues nas sessões e se referiam à sessão anterior. Vou chamar de carta, uma folha de papel no qual ela escrevia e me dava para ler. Não eram cartas propriamente ditas, mas relatos de pensamentos, sentimentos escritos em primeira pessoa, entregues a mim. Ela se referia a mim pelo nome, ou seja não eram cartas dirigidas a mim, mas a “alguém”. E eu naquela hora era a destinatária. É impossível não pensar em transferência nesse momento, mas a quem ela queria falar aquilo?

Essas cartas começaram no final do primeiro ano do processo terapêutico. Ela as escrevia e ia me trazendo, não tinham nenhuma regularidade temporal e nem mesmo sobre os assuntos. No começo, eram esporádicas; somente no final do segundo ano ficaram mais frequentes, e após o terceiro ano, passaram a ser mais presentes: quase toda sessão, ela entregava-me duas ou três cartas. Entregava-as dobradas, sem data, um montinho de papel escrito, o que dificultava eu saber a ordem em que foram escritas. Da primeira vez, eu perguntei qual seria a sequência, mas como não respondeu passei a lê-las conforme as ia abrindo. Imaginava pelo conteúdo, algumas se referiam à sessão anterior, outras falavam de acontecimentos da semana, assim eu inferia a ordens... mas é sempre uma hipótese.

Melissa relatava o que estava sentido naquele momento, geralmente eram noites de insônia em que ficava muito agitada, ou o que tinha pensado ou sentido na sessão anterior, mas isso de alguma forma não era falado, vinha escrito. Muitas vezes achava que após uma sessão mais tensa, ela iria escrever alguma coisa, mas não. Ao contrário, em alguns momentos que tinha uma percepção de calma, ela me traz na sessão seguinte uma carta muito tensa, ou falando como a situação terapêutica tinha deixado-a desorganizada, ou que depois durante a semana tinha se desorganizado e não aguentou uma determinada situação.

Quando Melissa entregava as cartas, parece que era o jeito encontrado de me dizer que esta é uma história que deve ser escrita, para ser lida pouco a pouco. Um vai e volta, entremeado com fatos atuais.

No início, lia-as em silêncio, talvez tivesse um combinado inconsciente de que aqueles eventos não podiam soar. Ao final, falava-lhe as impressões que a carta tinha suscitado em mim. Um dia, resolvi ler a carta em voz alta, ela tampou os ouvidos e começou a batucar na cabeça, como se quisesse fazer ruído para não escutar aquilo que tinha escrito. Depois escreveu-me que não era para eu ler alto. Ela escrevia, não conseguia falar, e não podiam ser lidas alto para não soarem e como um som ressoarem e ressoarem. Eram experiências muito dolorosas para ficarem reverberando. Pensei nos doentes de tétano que são acometidos de dor com as vibrações sonoras, por isso precisam ficar isolados.

Uma vez, depois de fazer uma interpretação, como se fossem ‘associações livres’, Melissa escreveu que ficava muito brava comigo, pois ela sabia aquilo, mas não aguentava escutar, escreveu que quando eu falava, aquilo passava a existir. Isso eu mesma já falara.

Ela chorava, fechava os ouvidos, batia, tocava seu dedo na cabeça num movimento repetitivo. Nesse momento, pude perceber que se repetia a relação com sua mãe: eu tentando fazer minha função de analista, mas sempre estava errada, e ela não me dizia como deveria fazer. Começava novamente minha tentativa de acertar na próxima interpretação. Ninguém podia escutar sua história, nem mesmo eu. O que ela sentia ou pensava tinha de ficar em silêncio. Eu estava certa, mas ao falar eu passava a existir além dela e isso era insuportável, quebrava a fusão mãe-bebê e daí a sensação que eu pudesse deixá-la, não cuidar mais dela. Na tentativa de manter a fusão simbiótica com a mãe ela ficava brava quando eu ousava falar. Talvez duvidasse algumas vezes do meu cuidado, como se pensasse: ‘esse cuidado é para mim?’ Mais à frente, explicarei a falta de cuidado da mãe de Melissa, a qual me refiro agora.

Nas cartas aparecia um volume de pensamento bastante grande, era o canal de comunicação, mas nada podia ganhar sonoridade. Outro fator que se percebe ao lê-las é a repetição das ideias. Ela repete a mesma ideia várias vezes, como um disco riscado. *“Tô tão cansada. É tudo tão repetitivo. Tanta merda. Como eu sou infeliz e não consigo mudar nada. Eu tento. Acho que detesto a vida, eu detesto as pessoas, eu queria voltar pra minha chácara e ficar lá sozinha, sem ver ninguém, sem ter que conviver com ninguém. Eu não consigo sair disso, são tantos anos fazendo terapia (ela está falando genericamente, pois começou este trabalho a poucos meses),*

tomando remédio, fazendo de tudo pra essa maldita vida melhorar. Eu não tenho nada. Ninguém me suporta.”.

Melissa escreve para dar vazão ao excesso. Ela sente demais, precisa pôr em palavras, entretanto não há uma palavra que possa conter todo o afeto, ou será um ego imaturo incapaz de conter essa quantidade de excitação?

Ela usa todos os seus recursos para sobreviver – escreve, chora, fica em silêncio, se retorce. Renato Mezan¹⁹ escreve que alguns artistas elaboram a dor ao fazerem sua arte, isto é, pela arte buscam uma representação para essa dor. Melissa busca na escrita alguma representação a essa excitação.

As sessões continuam nessas cartas, como se ela fosse invadida por essa agonia que é da ordem do impensável. Pontalis escreve: “O sonhador apega-se aos seus sonhos para não ficar à deriva e no objeto constante e estável que é para ele o analista, encontra completamente o ‘corpo morto’ que lhe garante ancoragem”²⁰. Melissa não pode ficar a deriva das palavras, na simbolização. Ela dá as palavras para mim, no papel e eu devo guardá-las, fazer associações, sou eu que me deixo levar ao vento, ficar a deriva, ela ancorada em mim. Assim, metabolizo as palavras e traduzo em cuidados.

No final do segundo ano resolvi escrever também para ela, já que ela me escrevia cartas. Ela entregava-me as cartas no final da sessão, eu as lia depois que ela saía e escrevia o que me ocorrera e lhe dava logo no início da sessão seguinte. Um dia escrevi: “Você mentiu para quem? Quem acreditou? Você escreveu um bilhete indecifrável, para eu saber uma coisa que não consigo saber, você só conta um pedaço. Devo ficar na ignorância ou devo perguntar?” eu tentava com isso estabelecer uma ponte, usando a mesma linguagem que ela, no entanto, este foi um recurso pouco eficiente, a primeira carta ela leu e guardou na bolsa, depois guardava minha carta tão logo eu lhe entregava. Eu mesma me esqueci de entregar-lhe algumas vezes, assim abandonei esta prática.

DE VOLTA AO ATENDIMENTO

Melissa entrava, sentava-se e ficava quieta. Após algum tempo que estávamos ali na sala em silêncio, eu perguntava se estava tudo bem, ela respondia que sim, ou

¹⁹ MEZAN, R. *Escrever a Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo 1998, p. 50.

²⁰ PONTALIS, J.-B. *Entre o Sonho e a Dor*. São Paulo: Idéias e Letras 2005 p. 47.

fazia um sinal com a cabeça e terminava nosso diálogo. Assim se passaram meses, com poucas palavras... contava que tinha mandado currículo para uma ou outra faculdade, do grupo de estudos que participava e do projeto de doutorado que estava escrevendo. Somente depois de passados meses é que me contou sobre o que estudavam nesse grupo, sua relação com as pessoas, quantas pessoas participavam. Sobre o projeto de doutorado foi da mesma maneira, contou-me meses depois que era sobre natação artística, modalidade esportiva que iniciou como estagiária nos primeiros anos da faculdade.

Uma vez escreveu que foi abusada pelo tio e depois pelo irmão. Tentei saber mais desse fato, mas ela não quis falar. Outras vezes perguntei, mas ela não falou mais disso. Não sei muito desses fatos: só que tentou falar sobre ele com a mãe, mas esta não acreditou. Uma reação muito frequente das mães com abusos intra-familiares²¹, mas para Melissa isso tinha outra conotação. Era a falta de cuidado, de percepção das necessidades da filha, o não cuidar da mãe e mais, o irmão que cometeu este ato, era o “*queridinho da mãe*” (sic). Ela tem muito ressentimento de sua mãe, por esse fato mas mais ainda pela falta de dedicação dessa para com os filhos. Se a mãe não a escutava, por que a analista a escutaria?

Em outro momento escreveu “*porque eu não consigo sair disso, porque tenho que aguentar, talvez porque no fundo eu acredite que isso é normal, vai acabar. Talvez porque eu não consigo imaginar uma vida sem tudo isso, talvez porque eu não mereço esquecer tudo isso, talvez porque para sair disso tenho que gritar e aí ele me sufoca, ou talvez porque pra sair disso eu tenha que pedir ajuda pra alguém e aí ele me mata. (...) Tenho que sair disso, mas não sei como. Não sei como me soltar e fugir*”. Era assim que eu tomava contato com sua história, aos poucos, de forma desordenada, como flashes, sem poder perguntar, nem saber muito. Talvez ela acreditasse que isso seria perigoso, ainda...

Fiquei sabendo que ela morou na Suíça, onde fez especialização e depois mestrado em uma modalidade esportiva. Ficou morando lá por cinco anos. Conta com muita animação dessa época, seu rosto se tranquiliza, sorri enquanto fala, parece que foi feliz – viajava bastante, tinha muitos amigos e foi casada lá (isso eu fiquei sabendo por cartas). Foi nessa época que perdeu seu pai aqui no Brasil. Ele morreu em uma data festiva da Suíça, e ao receber a notícia começou a chorar, seu namorado repreendeu-a, dizendo que ela sabia que ele estava doente e mesmo assim ficou lá; agora não iria estragar a festa e ficar chorando. Ela disse que parou de chorar – seu namorado fez como sua mãe, não a deixou chorar, ela teve que engolir o choro como

²¹ MIRIM, L. A. L. *A Teia da Elaboração* dissertação de mestrado. PUC SP, 2004. pp. 1-115.

quando era criança –, continuou se arrumando e foi à festa. Ela contou que seu pai estava doente, mas ela não aguentou vê-lo sofrer. Em uma carta comparando-se ao pai, escreve: *“Tô triste e muito cansada. E não sei como acabar com isso. Achava que os antidepressivos eram realmente as drogas da felicidade, mas não é verdade. (..) Tô desistindo da vida. Era isso que sentia do pai, que ele tinha desistido da vida. E ninguém achou que era tão grave, ninguém ajudou. Ninguém fez nada. E eu fui a pior. Eu que era a mais próxima dele, fui embora. Não tive a coragem de enfrentar o sofrimento dele, de apoiá-lo de ter esperança, de dizer que só pra mim a vida dele vale a pena.”*

Veio para o Brasil na missa de sétimo dia do pai, voltou para a Suíça após alguns dias mas acabou retornando para o Brasil, pouco tempo depois.

De volta, resolveu morar numa vila de pescadores. Fez um trabalho com crianças da vila..., mas um problema no joelho que se iniciou na Suíça pelo excesso de exercício se agravou e teve que voltar para São Paulo. Pode-se perceber que Melissa faz tudo no superlativo: treina muito, tocava piano muito, chora muito, faz muito silêncio...

Fez cirurgia, ficou algum tempo no hospital e pelo que entendi sua família ia visitá-la pouco. Ela não falava deste período em que passou no hospital, referia-se apenas que foi muito ruim, sentiu muita dor e sempre estava sozinha. Muito tempo depois, me contou que quando saiu do hospital foi morar em uma pensão, pois nenhum dos irmãos convidou-a para morar junto, e ela neste momento morava neste vilarejo. (Ela conta isso com tristeza e parece estar magoada com a família por esse período ter transcorrido dessa forma). Após ter se recuperado, foi morar em uma cidade do interior do Estado, por dois anos, até que resolveu ir para a Espanha continuar sua especialização. Morou nesse país durante outra especialização, tendo voltado ao final do curso, vindo se instalar em São Paulo.

Esse período durou quase um ano, e ao final desse primeiro ano começou a trazer as cartas. Os fatos eram ‘narrados’ como se eu já soubesse, era essa a sensação que me dava quando ela me contava ou escrevia. *“A Rosana me ligou agora pouco, queria saber o q. (sic) aconteceu na última reunião. (...) O nosso desentendimento foi c/ relação a vida na casa e não no NEES. Ela misturou tudo. Se fosse eu, eu teria a decência de me abster das votações, se eu tivesse presente em algo que pudesse prejudicá-la, mesmo estando puta da vida por ela ter me virado as costas 2XX (sic).”* Nesse trecho das cartas não sei a que ela está se referindo, que vida na casa, o que é NESS, que votação, porque e quando alguém virou as costas

para ela. Ela narra como se eu soubesse do enredo, e agora vem me dar detalhes; entretanto não sei nada, falta-me a história.

Ou, então, narra como se ninguém devesse saber, aquilo era um segredo. Um dia, ao escutar passos fora da sala, parou de falar, ficou quieta, então comentei que tinha muito medo que alguém escutasse o que se passava ali na sala, da mesma forma como não podia falar do abuso de seu irmão, fato que ninguém podia saber.

Na sessão seguinte, ela me traz uma carta na qual mostra uma confusão entre a sala de análise e o quarto onde o irmão abusava dela. Escreve *“não, não pode falar alto. Não pode, alguém pode ouvir, tem gente na casa, alguém pode ouvir, tem gente que sobe a escada. Tem gente na casa. Ele não quer que ninguém saiba. Ele aperta minha garganta, tapa (sic) minha boca, me deixa sem ar. Eu não posso respirar eu não posso respirar (...) O céu ta azul eu olho pro céu, o silêncio da casa é horrível, um barulho insuportável de relógio, tic tac. Eu não sei o que fazer, fico largada olhando o céu, é azul. Não sei quanto tempo. Não sei o que aconteceu.”* No primeiro trecho da carta ela está se referindo ao episódio que aconteceu durante o processo terapêutico – pessoas subindo as escadas – contudo depois ela passa a narrar o abuso sofrido por seu irmão, na sua própria casa. (Sobre esse abuso ela somente havia me falado rapidamente, sem precisar qual dos irmão foi, durante quanto tempo, somente sei que foi após o tio ter abusado.)

Entendo que a palavra era a “coisa”, e ela experienciava uma angústia intolerável, é diferente de achar que a narrativa vai tornar a história tolerável. Nesse ponto é o contrário, a narrativa traz esse momento de horror. Ela traz essa experiência real de ter gente subindo as escadas, o que também escuto, mas logo em seguida mostra que também se refere à cena de abuso. Eu devo ficar em silêncio com ela, ou manter o silêncio dela para que ninguém fique sabendo o que acontece. Uma das características da violência é o silêncio imposto pelo algoz, uma relação de forças em que o outro é tratado como objeto e não como sujeito, e assim sua fala é impedida²².

Aquele atendimento me colocava muitas questões. No começo achava que o silêncio iria terminar logo, mas quando percebi que não seria assim, que as sessões seguiam silenciosas, comecei a não entender e a refletir sobre como deveria proceder. Inicialmente ia narrando para ela minhas sensações e meus sentimentos de estar ali. Ia preenchendo os espaços com minhas percepções.

Todo esse processo relatado ocorreu no primeiro ano da sua análise. A vida profissional parecia estar bem, tinha iniciado em outra faculdade, gostava desse novo

²² CHAUI, M. – Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In *Cardoso, R. et al - Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: JZE, 1986, p. 35.

local de trabalho. Logo fez amizade com outra professora e iam juntas trabalhar, almoçavam e trocavam impressões dos alunos. Mas a relação dela com os alunos não foi muito boa, se deteriorando com o passar do tempo, até que culminou no final do ano com sua demissão. Ela não percebeu que isso iria acontecer, ficou surpresa ao receber a notícia. Contava-me das aulas e dos problemas com os alunos, mas dizia que a coordenação a apoiava.

As relações pessoais eram muito conturbadas, era como se não tivesse traquejo nesse quesito. Ela já havia brigado no grupo de estudos e estava impedida de frequentá-lo e depois no trabalho tem problemas de relacionamento. As vezes em que falava dos encontros com a família, sempre se queixava, contava de discussões provocadas por intransigência dela, geralmente por discordar da posição religiosa deles que é discrepante da conduta social, segundo ela.

Saía pouco, ia visitar uma amiga fora de São Paulo, e raras vezes comentava sobre seus encontros com os amigos. Para eu saber como era sua vida lá fora, ela escreveu *“Enquanto em uns dias sou super ativa, faço planos, sou bondosa (é o que o pessoal fala de mim), super otimista, sonhadora, nas outras, sou confusa, angustiada, insegura, medrosa e desesperada. A terapia traz esse outro lado, que não agüento, não entendo por que (sic) ajo daquele jeito.”*

Após esse primeiro ano, comecei a ficar difícil estar ali na sala com Melissa. Eu me sentia como uma mãe que tem um bebê muito pequeno e ainda não reconhece seus sinais, precisa aprender o choro, o silêncio, as reações corporais. Muitas vezes eu me cansava. As sessões eram longas, sentia muito sono, era necessário fazer esforço para ficar acordada, como uma mãe que fica cansada pela demanda de seu bebê. Um par — mãe-bebê — que ainda não se conhece, mas está se conhecendo. Qual é o tempo desse bebê? De que é que ele precisa?

Em prol da minha atenção resolvi lançar mão de alguns subterfúgios para não cochilar — deixei papel e lápis ao lado e ao perceber meu cansaço, comecei a escrever. Passei nesse momento a anotar meus pensamentos, minhas percepções. Ela não falou nada, mas me olhava de canto de olho, senti que aquilo a incomodava, mas não sabia porque e ela também não me falava, apenas sinalizava. Continuei, pois achava que poderia me ajudar, tanto me mantendo desperta, como para eu refletir sobre o desenrolar da sessão. Um dia ao final da sessão, pegou um pedaço de papel que tinha sobre a mesa e escreveu *“não escreve”*, eu respeitei seu pedido, apenas disse que ela talvez pensasse no que eu poderia fazer com aquelas anotações, mas eram para mim somente. Como já havia escrito sobre a possibilidade de ser escutada

por pessoas que estariam fora da sala²³, achei que interromper essa prática seria um cuidado.

Parece que ela queira que eu adormecesse, para não lhe oferecer mais os cuidados. Era preciso vigiar!?!?

Sentia minha capacidade de compreender como analista atacada, ela me imobilizava na minha função. Deveria falar, mas não podia, ela deveria falar, mas não falava. Um dia Melissa escreveu que *“ela tava apavorada, o sorriso tentava disfarçar... tava (sic) todo mundo lá, mas ninguém conseguiu impedir que ela morresse”*. Esta frase refere-se a um episódio apresentado pela televisão, mas também era um pedido de socorro, era um pedido seu; mas ela também disfarçava, só ali na sala de análise podia mostrar-se sofrendo, com medo do mundo, como uma criança totalmente dependente do meu cuidado para não morrer.

Ela não falava desse seu medo para mim, eu deveria entender, deixava-me como espectadora para ‘em alguma hora agir’, poder me colocar onde ela me criasse, talvez, estar onde ela necessitasse. Como os personagens do episódio, eu deveria impedir que ela morresse, ou seja eu era a pessoa que iria salvá-la do mal. Eu podia sentir, falar desse seu medo, mas como era, medo de quê, ela falava com seu silêncio e eu sentia isso no meu fracasso. Assim, eu ficava ao seu lado. Esse meu sentimento de fracasso parecia ser uma atualização da relação fracassada com sua mãe, frase que repete inúmeras vezes após muito tempo de análise.

Durante esse segundo ano, os silêncios tornaram-se mais intensos. Ela estava sem trabalho, recebendo seguro-desemprego. Isso lhe proporcionava uma rotina muito particular: ela ficava vendo filmes na TV até de madrugada, acordava tarde, e depois ainda dormia à tarde. Passou a abusar do cigarro e fazer uso de álcool. Nesse momento, pensei em chamar algum familiar, mas sem que eu falasse dessa minha intenção, ela pediu para não fazer isso, era doloroso para ela pensar nessa hipótese. Eu não entendi o porquê daquele pedido, mas acolhi. Somente muito tempo depois é que compreendi a relação entre os irmãos e pude entender esse seu pedido. Em outros momentos, tive a mesma intenção, mas como ela já havia manifestado essa preocupação, eu sempre declinava.

Mês a mês falava da sua aflição de estar fora do mercado de trabalho. Como ela falava pouco, falava menos ainda da falta de dinheiro, mas sempre soltava a frase *“como uma pessoa pode viver assim, eu não mereço”*. No começo não entendia essa frase solta, somente aos pouco fui percebendo que se tratava desse fato pois um dia contava que tinha de limpar a casa mas não tinha vontade, ou seja falava de

²³ Conforme carta dela transcrita na página 23.

atividades que antes ela não desempenhava. Depois falou da dificuldade em pagar as contas domésticas. Decidiu que iria alugar um dos quartos, assim teria um dinheiro garantido para algumas despesas. Essa atitude me deixou preocupada, pois para uma pessoa que já teve experiências tão ruins com sua mãe, seu tio, seu irmão, até mesmo com seu marido, não era difícil colocar-se em perigo novamente; ter junto de si outra pessoa violenta.

Quando seus rendimentos estavam acabando, pôs o quarto para locação. Não demorou muito para obter sucesso. Pouco depois, achou que poderia alugar o segundo quarto, menor que o outro. Este foi um pouco mais difícil, o que a deixou apreensiva. Ela me contava das pessoas que lhe procuravam interessadas em alugar e calava-se. Depois achou que poderia dar aulas particulares.

Novamente achei essa empreitada perigosa. Se em sala de aula, com muitos alunos tinha problema de relacionamento, com apenas um como se sairia?

Este segundo ano foi muito cansativo. Eu me sentia esgotada, sem caminhos. Ela continuava em silêncio e chorando muito e agora angustiada pela falta de dinheiro. Durante esse ano, sua vida social ficou muito reduzida a almoços familiares, os quais a deixavam muito triste. Nas sessões seguintes a essas reuniões, ela reclamava, quer dizer descrevia nas cartas como tinha se sentido mal, que tinha ficado apenas com as crianças, como não achava que fazia parte daquela família.

Uma vez questionei sua relação com seu irmão que havia abusado dela, como ia almoçar com ele? E com sua mãe que não tinha escutado nada das violências? Ela não respondeu, somente começou a chorar. Até mesmo quando mostro que sou solidária dela nessa dor, ela voltava ao seu padrão de chorar após as minhas falas.

Uma melancolia se fazia presente cada vez mais em Melissa e eu propus que consultasse um psiquiatra. Ela dizia que eles são todos iguais, que ela sabia o que deveria tomar. Ela podia perceber minha preocupação e reiterou seu pedido para que eu não chamasse ninguém, senão ela abandonaria o tratamento. Algum tempo depois aceitou minha sugestão. Eu conversei com esse profissional e contei que ela falava pouco, pedi que tivesse paciência. Ela fez a consulta e este prescreveu alguns medicamentos, e ao sentir os efeitos colaterais ela modificou a prescrição. As vezes que conversamos sobre isso, pedi que retornasse, mas ela relutava em fazer nova consulta, queixando-se da falta de dinheiro e de que deveria *“falar tudo de novo”*. Ela dizia que sabia o que ia acontecer pois *“eles só sabem perguntar, todos são iguais”*, ela dizia, por outro lado como ajudar um paciente sem saber o que lhe traz à consulta? Esse seu jeito de mudar as prescrições provocava sempre discussões com o psiquiatra indicado por mim, mas de alguma forma Melissa seguiu o tratamento por

dois anos, vindo a trocar de profissional, por outro do convênio, quando ela sentiu que seu humor já estava mais estabilizado.

Mesmo com uma vida social reduzida, nesse ano de análise descrito acima, ela ficou muito próxima da moça que alugou um dos quartos, até que no final do ano, levou-a para sua casa da vila (era assim que ela se referia).

Sua proposta de ensinar línguas foi adiante, visitava alguns lugares a fim de colocar cartazes, e foi obtendo sucesso. Apareceram algumas crianças, com dificuldades escolares. Como tinha tempo livre, dedicou-se a essa atividade. Pesquisava canções, jogos e outras atividades para ministrar nas aulas, o que me contava com entusiasmo. Isso levou-a às escolas conversar com as coordenadoras para oferecer seu serviço. Voltou a telefonar para os amigos, ia visitá-los pedindo para divulgar as aulas.

Nesse momento, ela me dá uma carta ao sair da sala. Ao abrir, vejo que estava escrita com a mão esquerda. Ela já havia feito a mesma coisa anteriormente e após eu lê-la perguntei o que era aquela letra, ela me disse que havia escrito dessa forma – com a mão esquerda –, mas não explicou o motivo. A carta referia-se à sessão anterior na qual eu havia pontuado que me sentia excluída, que ela estava triste eu já sabia, mas que ela não me contava o motivo, o que dificultava que eu a ajudasse. Nessa carta, escreve que *“ela (sou eu) sabe que é única pessoa com que converso, e que ninguém pode saber que ela fala comigo, que ela se sente muito sozinha, que a garganta está fechada, parece que vai morrer”*. O tom da carta é de duas amiguinhas conversando, uma falando para a outra da necessidade da amizade dela. Na carta seguinte, escreve que não saía mais, não estava se cuidando, que estava tentando mas não conseguia. E ainda, que eu sabia que ela precisava de mim e então, o que eu queria, e ela estava esperando o dia em que eu iria me cansar e mandá-la embora, pois *“ela só consegue desprezo, não é capaz de fazer alguém gostar dela”*. No final, compara-me a sua mãe que não via nada de bom nela, que não fazia elogios, só sabia criticá-la.

Ela faz uso abusivo do álcool, fico pensando em uma dependência. Como todas as suas histórias, esta também vem por pequenos capítulos. Fala com cautela desse abuso (agora seu mesmo), um dia conta que bebeu demais, depois escreve que bebeu na noite anterior muito... na sessão conta que bebeu durante o dia enquanto trabalhava. Num outro dia, diz que bebeu para anestesiá-la a dor nas costas. Como um bebê que mama todo dia, ela bebe para passar a *‘dor de fome’*? Suas costas doem muito, e ela fala do irmão abusando e ela olhando o céu, o que nos faz imaginar que ela estava deitada de frente com ele sobre ela, pois acrescenta que ele apertava sua

garganta. Se ele ficava sobre ela, seu peso estava sobre sua coluna. E é essa coluna que hoje dói.

Escreveu uma vez que estava preocupada porque estava bebendo todos os dias. Mas não chegava alcoolizada e nem cheirando a álcool. Falamos de beber com a medicação anti-depressiva que usava. Ela garantiu que cuidava disso, estava bebendo exatamente para não fazer uso da medicação. Nesse momento, quis chamar algum parente seu para conversar, mas sabia que se fizesse isso ela interromperia o processo terapêutico. Eu fazia os combinados com ela e confiava que teria sucesso. Era assim que podia oferecer confiança, não fazendo nada escondido. Até mesmo das minhas preocupações eu falava para ela.

A boca de Melissa tem uma função importante. Ela quer colocar para dentro algo bom, como um bebê que suga o polegar para acalmar a fome, ela suga algo para acalmar sua dor. Dor que não tem nome

Ela gostaria de gritar para poder sair daquela situação de abuso, mas não pode. Na frente de sua mãe ela deveria ‘engolir’ o choro, na situação de abuso deve ‘engolir’ o grito. Sua garganta ganhou uma super estimulação. Será que seu irmão também não a obrigava à felação? Não sentia que pudesse perguntar isso para ela.

É também pela boca que ganha seu sustento. Enquanto criança não podia falar daquilo que não gostava, agora fala em diversas línguas e ensina outras pessoas a se comunicarem de outra forma. Há uma via de entrada e de saída.

Na análise quer falar, mas não consegue. São os outros que falam na sua cabeça, e dizem que “*ela não pode falar*”. Há uma mãe brava internalizada muito forte.

Enquanto o processo terapêutico parecia paralisado, silêncio e choro, seu cotidiano voltava a ter algumas atividades: ela ensinava, estudava, de vez em quando ia visitar sua mãe, ou sua irmã ou uma amiga que moravam em outras cidades e também tinha sua casa da vila na qual passava férias. Reclamava de não poder viver lá, e da dificuldade de ir para lá. Neste ano, como tinha pouco recurso financeiro, resolveu ir de carro, e como sua companheira de casa ia também dividiriam as despesas.

A sensação de congelamento do processo se dava pela falta de vivacidade com que os fatos eram relatados no início das sessões, tudo muito gelado. Eles pareciam externos a ela, eles ganhavam vida ou alguma cor quando os colocava no papel. “*Nossa quantas pessoas esses dias. Domingo o C. e o M. passaram o dia aqui. Dormiram aqui depois da festa, acordamos tarde e conversamos muito. (...) Hoje o Arthur, namorado da Josiane (uma moça estrangeira que morou na casa de Melissa), teve aqui. Conversamos sobre ela, fiz pão e ficou até a noite na internet comigo. (...)*”

Amanhã tenho que ir na USP colocar cartazes”, contou. Todas essas atividades eram trazidas para a sessão sem vivacidade, eram relatadas, ou até mesmo narradas no início das sessões. Ali ela ‘falava’ da raiva que sentiu, ou da alegria ao fazer alguma atividade, e muitas vezes me atacava por eu não ajudá-la, o quanto “*achava aquele lugar ruim*”, o quanto ela “*ficava louca lá dentro*”.

Essa era uma característica da própria paciente. Fora das sessões se apresenta muito bem adaptada – é professora, tem amigos; mas comigo, nas sessões mostra toda sua loucura.

Por que Melissa se mostra tão regredida nas sessões? Incapaz de falar, só chora como um bebê, e na vida externa tem outra conduta? Será que nas sessões pode ser essa outra Melissa, desorganizada psiquicamente, frágil como um bebê, que precisa de cuidados ao contrário do mundo externo. Neste, deve ser organizada e ensinar os outros a se comunicarem; talvez imaginasse que esta foi uma falha sua, ela não soube se comunicar com a mãe, agora deve aprender e repassar para minimizar o sofrimento que possa surgir às outras crianças se tiverem essa mesma dificuldade. Ou, ainda, ao dar aulas para crianças tão pequenas podia exercer o cuidado que ela mesma não teve – muitas vezes ficava indignada e conversava com a mãe sobre a escola que ela escolhera para o filho, e me dizia, “*essas mães são loucas, essa escola não tem nada a ver com o menino*”.

Buscava as vozes nos textos. Esse era meu jeito de não me sentir sozinha, sentir alguma reverberação. Muitas vezes ficava sem saber se não estava compactuando com seu sintoma, se não deveria modificar minhas ações. Vou agora compartilhar essas outras vozes, como as escutava, o que entendia delas.

UM PASSEIO PELA TEORIA

A regra fundamental impõe ao analisando a palavra, de um jeito novo, apenas dizer, sem intenção, assim rompe-se o silêncio e também as regras conhecidas. Esta, a palavra, será o meio entre o analista e o analisando, é imperativo na ruptura do silêncio no *setting* analítico, como comenta Audouard no seu artigo *O silêncio: um “mais-de-palavra”*²⁴. Nesse falar desprovido de intenção, diz o autor, o paciente joga-se no vazio não programado. Melissa quebra a regra fundamental e não fala, não por

²⁴ AUDOUARD, J. O silêncio: um mais-de-palavra. In: Nasio, J.-D (org). *O silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 2010 p.137.

inibição, como muitos pacientes, mas por algo que não tem palavra. Talvez fiquemos imaginando que só a palavra pode nos dizer, e ela nos mostra que não há palavras naquilo que quer mostrar. Seria uma experiência pré-verbal? Talvez sim, talvez não. O que podemos saber é que é uma experiência que a remete a esta impossibilidade de falar. O autor ainda comenta, neste mesmo texto, que pacientes com sintoma de inibição preferem o silêncio que se jogar nesse novo ambiente de palavras que saem, que perdem seu sentido inicial para ganharem outro contexto. Ali com Melissa, não apenas as palavras me podiam dizer sobre si, mas também seu silêncio, seu choro, seu modo de se esconder de mim.

Então, como entender esse pedido?

A imobilidade de Melissa dentro da sala me impelia a movimentar-me fora dela. Ia para os textos buscar as palavras que não ouvia de Melissa. Na apresentação de *Entre o Sonho e a Dor*, Janete Frochtengarten²⁵ diz que o livro é possível, e para o autor, a obra literária não se separa da obra analítica, uma vez que ambas são regidas pelo desejo. Pontalis, que já escreveu ficção, trabalha neste texto a linguagem de forma que esta se mantenha viva – “visitada pelo desconhecido”; assim, neste livro, ao descrever casos de pacientes ele resgata essa forma de escrita. Talvez por esse motor do desejo – desejo de ser reconhecido e também de tornar-se vivo – eles me ajudavam a “escutar” Melissa, davam-me as palavras que ela não falava, tornavam-me viva, acolhiam-me oferecendo algum alento naquela angústia em que me achava.

As histórias que Melissa contava eram tão duras que para suportá-las deveria usar outros recursos. Por que não tomar as sessões analíticas e fazer delas um pouco de literatura!? Assim foi minha identificação com Pontalis. Agora escrevo uma tese, durante o processo tentei anotar meus pensamentos, minhas sensações, ou seja tentava capturar minha atenção flutuante. Depois, lia histórias infantis para ela. Melissa impele que o outro faça alguma coisa por ela.

Talvez Melissa almejasse que tudo ganhasse uma roupagem mais branda, adicionando um pouco de cor para aquelas experiências, técnica tão bem utilizada pela literatura. Assim, elas podiam ganhar um colorido e perderiam a dureza original.

Escrever era sobreviver, tanto para mim como para Melissa, era podermos ser reconhecidas – afinal não era esse seu pedido ‘para se (re)conhecer’? E continua Pontalis, “mesmo naquilo que se ignora de si”. O que é o inconsciente senão aquilo que se ignora de si! No entanto aqui, com Melissa, era como ser reconhecida como pessoa, ter existência.

²⁵ FROCHTENGARTEN, J. Apresentação. In J Pontalis, J.-B. *Entre o Sonho e a Dor*. São Paulo: Idéias e Letras, 2005, p. 11.

Pontalis escreve que ao editar os textos de *Entre o Sonho e a Dor* não seguiu uma cronologia da escritura dos textos, uma vez que ele acha que o tempo da escrita não é linear, mas sim uma espiral como o tempo da análise.

Diferentemente do texto construído por Pontalis, não era o tempo literal que era retorcido na análise de Melissa, mas ela na cadeira com seu silêncio e seu choro, que se virava como uma espiral; da mesma forma, as sessões de análise não são lineares, mas também andam em espiral – quando eu pensava que tudo ia bem, ela desabava num choro; depois parava. Precisava se retorcer, para poder me mostrar a atualização do seu sofrimento infantil ali na minha frente, e sua impossibilidade de interrompê-lo. Dessa forma, tinha a impressão de que queria esconder alguma coisa de mim, ao mesmo tempo em que me colocava em total atenção.

Melissa usou muito esse recurso de me fazer ficar voltada para si... Após alguns meses de trabalho, resolvi oferecer-lhe meu telefone pessoal para que ela me ligasse caso necessitasse, e ela o fez em várias ocasiões. Ligava-me chorando, conversava com ela até que se acalmasse. Algumas vezes, mostrava-se muito angustiada ao telefone, dizendo que não ia aguentar. Aguentar o quê? Ela não me falava. Outras escrevia depois que não conseguia falar na sessão, ficava mais fácil por telefone, ao mesmo tempo, tínhamos de estar distantes, mas conectadas. Eu atendia sua dificuldade de encarar sua história, ao mesmo tempo me deixava angustiada do outro lado, apreensiva, “ligada nela”. Será que estaria disponível para quando ela precisasse? A questão da preocupação materna primária parece que permeia todo esse momento do atendimento.

Winnicott, a fim de compreender como sobrevive o pequeno ser, totalmente dependente dos cuidados de sua mãe (ou de quem a substitua) postula uma relação mãe-bebê que chama de preocupação materna primária na qual a mãe está tão devotada e desenvolve uma acurada sensibilidade às necessidades dele. Nesse estado de preocupação, diz o autor, a mãe pode entender as comunicações silenciosas que seu filho lhe faz. Diz que há uma identificação de tal forma da mãe com seu bebê que ela sabe o que ele precisa sem pensar²⁶.

O título, como nos coloca Pontalis, fala de dois pólos “Num pólo o sonho (...). No outro pólo, a dor, que embaralha as fronteiras do corpo e da psique, do consciente e do inconsciente, do eu e do outro, do fora e do dentro”²⁷. Nesse emaranhado é que tinha que trabalhar, por isso, muitas vezes, era preciso tomar o simbólico de que falavam os livros e torná-los concretos. Melissa ainda tem um pensamento concreto,

²⁶ WINNICOTT [1956].

²⁷ PONTALIS 2005, p. 22.

como se nas sessões a regressão fosse tão grande que ela perdia sua capacidade de simbolização, ou mesmo não havia palavras para traduzir o horror vivido por ela. Ao contrário desta paciente, os poetas são mestres no uso das metáforas, até as métricas são usadas metaforicamente... usam e abusam desse recurso, assim como nosso inconsciente que toma as formas, ou os cheiros, as sonoridades, para se apresentar. É essa a linguagem dos sonhos – os deslocamentos, as condensações..., mas é um recurso difícil, muito elaborado. Assim, eu tentava dar palavras para ela, falando de minhas sensações, meus sentimentos, como se eu fosse porta-voz das palavras. É o silêncio que cria a possibilidade das associações livres, como sugere Oddoux²⁸, mas era a impossibilidade de traduzir seus sentimentos que Melissa mostrava, como se não conhecesse as palavras.

Nasio escreve que a interpretação faz uma pausa dentro da cadeia de pensamento do analisando para pontuar o relato, ou seja, faz um silêncio entre os pensamentos²⁹; para Melissa, é o relato que vem pontuar o silêncio, dar um sentido para aquilo, abrir a possibilidade das palavras.

Eu podia ver Melissa nessa frase de Pontalis, o embaralhamento do corpo e da psique aparecia ali na minha frente. A dor psíquica sentida por Melissa era tanta que se mostrava no corpo, seu corpo todo dói³⁰, e também sua cabeça não a deixava dormir. No corpo é do seu joelho que ela mais reclama, uma articulação que carrega todo o peso do corpo, e também reclama da coluna, outra estrutura de sustentação, que ‘carrega’ o corpo em pé. Pensando nessa simbolização³¹ corporal, podemos entender o pedido dela de ser carregada, como se carrega um bebê. Talvez nesse momento não possa se carregar sozinha, precisa ser sustentada, seu corpo não consegue sustentá-la³². Como um bebê que ainda não consegue manter a coluna ereta, ou não se sustenta em pé, ou mesmo chora pedindo colo da mãe, Melissa chora me pedindo para ser carregada. Neste primeiro momento da análise, sou uma prótese ao psiquismo de Melissa, eu vou dando nomes às experiências dela, como uma mãe que vai nomeando o mundo para seu bebê.

²⁸ ODDOUX, C. O Grito e a Coisa. In Nasio, J.-D. *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2010, p. 154.

²⁹ NASIO J.-D. *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: EJZ, 2010. p. 204.

³⁰ Pontalis está falando de um corpo simbólico. Aqui tomo a palavra corpo literalmente como uma associação da analista para entender a paciente.

³¹ Assim como Melissa, ora tomo as palavras no seu concreto, ora nos eu sentido simbólico. É fazendo esse contrabalanço que ofereço atenção para a paciente.

³² WINNICOTT, D. W. [1969] A Experiência de mutualidade Mãe-Bebê. In: Winnicott C.; Sheperd, R.; Davis, M. (org) *Explorações Psicanalíticas*. D. W. Winnicott Porto Alegre: Artmed, 2007. p.2001.

Assim fui compreendendo o sentido daquele pedido. Melissa precisava de cuidado, uma mãe devotada, em estado de preocupação materna primária³³. Como o bebê, que ainda não tem o domínio da linguagem, Melissa não sabe nomear o que sente e meu lugar ali era de sentir no silêncio suas necessidades e dar nome ao que se passava com ela. Escreve Berlinck, “o lugar do psicanalista não está dado é uma construção que se realiza por intenso e ativo trabalho de interpretação das resistências apresentadas a ela, na transferência”³⁴; e aquele choro era mais que uma resistência. Vamos construindo o *setting* pouco a pouco.

Se ficássemos apoiados na noção de resistência, perderíamos a chance de atender Melissa na sua demanda, como escreve Winnicott “muitos tratamentos (...) fracassam porque são planejados numa base que despreza totalmente a capacidade que a criança tem de inventar – de certo modo, *criar* – um analista, papel em que o verdadeiro analista pode tentar se encaixar”³⁵.

Qual era meu lugar ali? Eu não poderia deixar que invadida pela técnica, minha capacidade de pensar fosse destruída. Olhar aquele sofrimento e poder dar sentido era o que ela me pedia, era isso que precisava, entrar em contato no seu pedido de se conhecer. Eu precisava ser uma mãe suficientemente boa, que estava ali com ela naquele percurso de conhecer o mundo. Quando nomeava o que era percebido na relação eu enunciava minha presença com delicadeza, estava ali junto dela cuidando, onde ela me colocava, olhando para o que me dava, e assim poder fazê-la internalizar uma mãe cuidadora, e Melissa podia existir como era, com suas imperfeições ou incapacidades de criança. Ela se sentia incapaz de dar sentido àquele sentimento, era como eu me sentia muitas vezes, sem compreender nada.

Ir e voltar, esse movimento se repetia, assim como quando criança tinha de refazer os serviços de casa, ali dava-me uma tarefa, fazia-me sentir fracassada nas minhas intenções, como se sentia nos seus inúmeros pedidos de ser cuidada pela mãe. E agora a dúvida se repete comigo, se eu cuidaria dela.

O lugar da analista foi se constituindo. Dar voz aos sentimentos de Melissa, ajudá-la nessa constituição como um indivíduo, integrando-a... tentando oferecer à “pequena” Melissa outra relação mãe-bebê, talvez uma relação mais satisfatória, na

³³ WINNICOTT, D. W. [1956] La preoccupation maternelle primaire. In: *De la pediatrie á la psychanalyse*. Paris: PBP, 1969. pp.168-174.

³⁴ BERLINCK M.T. A Histeria e o Psicanalista. In Berlinck. M.T. (org) *Histeria*. São Paulo: Ed Escuta, 1997, p. 34.

³⁵ Winnicott apud KHAN M.M.R. (1963) O Silêncio como Comunicação. In: KHAN, M.M.R. *Teoria e Técnica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977, p. 206.

qual ela pudesse chorar na frente da mãe, ficar quieta por que quer, mostrar sua indignação com o modo como a tratam, ou afeto quando for o caso³⁶.

O que podia entender era que meu lugar ali era de oferecer *holding*, como uma mãe com seu bebê pequeno, eu deveria sustentá-la naquele momento. Deveria estar em estado de preocupação primária para poder responder às necessidades dela. E ela conseguia isso, algumas vezes saía da sessão e me deixava aflita, até que mais tarde me telefonava dando notícias que estava tudo bem.

Com muita delicadeza e cuidado, o par paciente-analista deveria percorrer sua história. Uma história que vinha silenciosa, entrecortada, no seu tempo. Se a invadissem com meu pedido de saber mais, com minha ânsia de falar e escutar colocaria aquela relação a perder. Eu ali era detentora da esperança, aquela que acredita na vida do seu bebê-paciente. Esperando-a no seu horário, esperando-a que me contasse qualquer coisa, esperando seu gesto para que eu pudesse me colocar³⁷. Eu deveria acreditar na possibilidade de seu gesto criativo.

Ela sempre pegava na franja do tapete, parecia ser seu objeto transicional. Arrumar o tapete é uma atitude a que a paciente sempre volta quando não quer falar, quer se esconder, chorar sem ser vista. Ela debruça, sem sair da cadeira e fica penteando a franja do tapete com os dedos. Uma vez contou-me que quando morava na Suíça tinha de arrumar a franja dos tapetes, o que retoma aqui na sala de análise nos momentos de refúgio. Será esse seu “ursinho”?

Melissa experimenta, assim, um outro modo de ser cuidada... tenho que ter delicadeza e esperar seu tempo. Ainda não fala muito, mas parece confiar no cuidado que eu dou.

Em *Sobre a Dor Psíquica*, último texto desse livro, Pontalis diz que é a perda do objeto que leva à dor, diferente da angústia que é gerada pelo perigo da perda (haja vista nossa conhecida angústia de castração). Isso nos leva a pensar que há uma relação sujeito-objeto; há um sujeito e um objeto externo o qual pode ser perdido. E escreve ainda, “a angústia é comunicável, apelo indireto ao outro; a dor só pode ser gritada – mas esse grito não a aplaca em nada – para voltar a cair mais adiante no silêncio onde ela se confunde com o ser”³⁸. Melissa grita ficando em silêncio, ela escreveu inclusive que talvez precisasse gritar para sair dessa situação³⁹. É um grito

³⁶ Uma vez me trouxe cocada que ela mesma tinha feito.

³⁷ GONÇALVES, T. E. *A Degradação da Infância: Maus-tratos e Sevícias na Origem da Conduta Anti-Social. Um Estudo Psicanalítico*. Tese de doutorado. PUC-SP 2006. pp 1-308.

³⁸ PONTALIS 2005, op. cit. p. 271.

³⁹ Ver p. 21 carta na qual ela fala que se gritar ele mata.

inaudível, talvez tão alto que me deixava surda, como os ultrassons. Esse grito tornava audível ao longo do tempo, era nos livros que eu podia escutar Melissa.

Os bebês emitem sons e não palavras, esse é o exercício fonético para a fala e a mãe com sua capacidade de se identificar com seu filho compreende aqueles sons e ensina-o a falar. A criança entra na lógica social, adquire os símbolos que são compartilhados com os outros, e é possível se fazer compreender. O exercício de identificação da mãe com seu bebê é que permite que este possa sobreviver (pelos cuidados da mãe), entrar na cultura com os ensinamentos da linguagem... Precisava identificar o som feito por Melissa e traduzir, cuidar dela, oferecer aconchego pela dor sentida. O que Melissa perdeu?

Entre o sonho e a dor existe uma simbolização que transforma a dor em sonho para abrir a possibilidade de uma elaboração. Nesse momento esse caminho não é possível para ela, afinal os símbolos ainda estão inacessíveis, não é possível traduzir essas sensações para um sonho, são muito reais⁴⁰ e assim Melissa “se aparece” ou se traveste da dor. É assim que se sente viva (cadáver não sente dor!), como eu me sentia viva presa na intenção de compreender seu pedido de querer se conhecer, ou até mesmo fazendo coisas nas sessões (cadáver também não age!).

Se sonhar, como diz esse autor⁴¹, é tentar manter a impossível união com a mãe, como fazer isso com esta mãe que a impede desse prazer? Se tomarmos a fusão de Winnicott como modelo, a ilusão da fusão foi quebrada, e agora o corpo dói. *“Agora entendo porque acordo todo dia com dor no corpo. Hoje acordei tremendo, acho que os pesadelos que tenho à noite me fazem tão mal que meu corpo não deve aguentar”*, escreve ela.

O bebê tão frágil, na sua pequenez, mas que a mãe oferece a sensação de onipotência quando se coloca junto com ele, não pode ser experienciado por ela. A mãe não oferece o colo onipotente, não pode atendê-la e assim possibilitar a diferenciação entre ego-id. Há rupturas muito primitivas o que impede Melissa de acessar essas vivências... pois é, ela fala que sabe falar, mas não consegue... falar de um núcleo tão primitivo sem palavras... é só a experiência do silêncio e do cuidado que desperta em mim. Por isso essa sensação de uma mãe cuidando de seu bebê e aprendendo a sua linguagem.

⁴⁰ Melissa reclama de insônia, ou de ter acordado várias vezes durante a noite. Podemos ver a incapacidade do sonho de proteger o sono dessa mulher.

⁴¹ PONTALIS 2005, p. 41.

Simon, um paciente de Pontalis⁴², descrito no livro, conta sonhos e tem liberdade com as palavras, enche a sessão de palavras, aliás tantas palavras eram para não pensar; nas sessões de Melissa, ao contrário de Simon, há poucos momentos de verbalização, e neles ela relata suas tarefas cotidianas, sem detalhes, como se me apresentasse uma realidade dura sem nenhuma liberdade. É assim que se apresenta: muito regredida, capaz apenas de enunciar suas dores e mostrar como sobrevive a tanta dor relatando seu cotidiano, sem possibilidade de associar, sonhar. Ela me faz conhecer seu cotidiano sem cor, sem detalhes, despido de qualquer adjetivo. As palavras que poderiam arejar aquela percepção, ou oferecer um novo olhar não apareciam.

Winnicott, nos fala do objeto subjetivo para o qual a comunicação é desnecessária pela própria característica dele, mas quando o objeto é percebido objetivamente requer que se explicita a comunicação. O objeto é objetivamente percebido quando passa a fazer parte da realidade, há um eu e um não-eu, ou seja há partes dele que não são satisfatórias. Nesse momento, a comunicação que se estabelece é explícita, mas também pode ser confusa.⁴³ Eu podia entender que para ela o mundo era subjetivo, não havia a percepção de eu/não-eu. Era necessário tornar os objetos percebidos objetivamente.

Outro autor que me ajudou nessa empreitada foi M. Khan⁴⁴, cujo título de seu artigo já me oferece um alento uma vez que coloca *Silêncio como Comunicação*. Neste artigo, descreve seu atendimento com Peter, um rapaz que fica em silêncio. Minha atenção flutuante pós-sessões me fazia dar as mãos aos textos, era nos diálogos com esses autores que eu me apoiava e podia ouvir os gritos de pedido de ajuda de Melissa. Khan, no seu texto *Silêncio como Comunicação*, escreve que o silêncio já rendeu vários artigos⁴⁵ sendo visto por várias maneiras, mas no caso de Peter, o silêncio vem para fazer uma fusão simbiótica com o analista. Foi entendendo a função desse silêncio específico, e fazendo essa interpretação para Peter, que o rapaz pôde retomar seu desenvolvimento normal.

A voz encontrada no texto de Khan trouxe-me uma esperança (uma palavra importante no contexto analítico dela). Melissa sempre chegava alegre, era muito simpática, cumprimentava-me, sorria.

Para entendermos Melissa, vamos passo a passo!!!

⁴² Ibidem, p. 273.

⁴³ WINNICOTT, D. W. [1963] O medo do Colapso. In: Winnicott, C.; Sheperd, R.; Davis, M. (org) *Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott* Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 165.

⁴⁴ KHAN 1963.

⁴⁵ No capítulo 3 faço um apanhado de alguns artigos sobre o silêncio publicados ao longo da história da psicanálise.

Nas entrevistas iniciais, quando Peter conta um pouco de sua vida, o analista pode perceber que ele estava paralisado e vivia em um estado desesperançado de inércia e apatia. Khan resolve deixar o processo seguir seu caminho natural, pede para o paciente livre associar, mas surge a dificuldade do rapaz. O analista percebe que o paciente teme ser recriminado, mas Khan não faz nada e fica atento àquele silêncio. Ele pode perceber que o rapaz deve ter se sentido reduzido à impotência, inutilidade e exaustão em consequência da indisposição e do comportamento da outra pessoa.

Melissa também fica em silêncio, e eu me mostrava disponível, escutava aquele sofrimento que me era apresentado, e por diversas vezes tentei falar do sentimento de impotência que ela deve ter sentido diante daquela mãe indisponível, pouco acolhedora as suas capacidades infantis. Era isso que eu sentia, falava isso para ela, mas ela se mostrava perturbada com minhas palavras. Minha percepção estava errada, ou será que eu não estava sendo acolhedora com sua dificuldade? São duas questões muito parecidas, mas há uma separação muito sutil entre elas, que faz diferença no processo.

Freud, no seu texto *A Negativa*⁴⁶, reflete sobre o não dito pelo paciente, o que pode ser um sim, como pode ser uma discordância da interpretação sugerida pelo analista, isto é, quando um paciente nega a interpretação o profissional deve estar atento à forma como ele fala. Freud é insistente ao chamar a atenção para além da palavra, ele insiste neste ponto, mas ali com Melissa, como não havia a palavra, eu deveria redobrar minha atenção à forma e a transferência. Voltando à minha questão: se estivesse errada na minha interpretação, Melissa a recusaria, simplesmente, sem prejuízo; contudo se não estivesse sendo acolhedora, estaria repetindo sua mãe, e novamente ela experienciaria uma falta de cuidado. Se ela queria ser (re)conhecida, ali ela não estava sendo reconhecida por mim. São posições muito diferentes.

O analista apreendeu o sentido daquele silêncio que era uma forma de rebater uma condição de desenvolvimento que Peter tinha, ou seja, uma mãe muito perturbada que fazia uma intrusão continuada e patogênica no desenvolvimento do filho. Diz ele:

“A primeira inferência importante para mim foi que o paciente estava representando um estado de afetividade, no qual duas pessoas se achavam envolvidas e, no entanto, cada uma era uma ‘criação’ da outra. (...) O paciente esperava que eu, magicamente, o libertasse do seu estado congelado, da mesma forma que eu esperava que ele falasse para poder ajudá-lo. Havia uma

⁴⁶ FREUD, S. *A Negativa*. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. Vol XIX, pp 295- 306.

afetividade arcaica envolvida, que as funções de ego adultas de Peter não podiam expressar nem comunicar. Na situação analítica, o silêncio e a não-verbalização eram o veículo desse estado de espírito e dessa afetividade. Essas emoções e afetos, embora indistintamente envolvidas nesse estado e atitude de gelada passividade, inércia e silêncio, eu os podia, contudo, registrar conscientemente como variando do agradável bem-estar e vivacidade à mal-humorada raiva, cólera e desiludido desalento”⁴⁷.

O que Khan ensinava com essa narrativa é que a condição que Melissa trazia com aquele silêncio era muito arcaica. Eu com um repertório restrito para entendê-la podia então inferir que ela deve ter vivido uma situação com sua mãe, quando era bebê, de cuidados precários, uma mãe burocrática e pouco atenta às necessidades dela.

Era diferente a situação vivida por Melissa e por Peter. Ele sentiu-se impotente e inútil diante da indisponibilidade da outra pessoa, já Melissa parecia mostrar que o outro não podia entendê-la, ou apreender suas necessidades, e depois essa situação foi re-encenada com o episódio de abuso sofrido com seu tio e seu irmão. Assim ficar na presença de alguém gerava sofrimento e não proteção e cuidado, e ela era incapaz de interromper esse sofrimento e até mesmo mostrá-lo, este deveria ficar escondido – lembrando que ela sentava-se, nas sessões, um pouco de lado, como escondendo o choro.

E mais, nas sessões ela ficava olhando para fora. Depois nas cartas descobro que era assim que ela suportava o abuso do irmão, ficava muda, imóvel, sufocada com a mão dele na sua garganta, mas olhando o céu azul⁴⁸. O irmão que abusa assim como sua mãe que também era abusiva nos seus pedidos que ela não conseguia cumprir. A mãe era pouco continente às habilidades de criança o que ela percebeu muito cedo. *“Eu acordava cedo para lavar a louça, tentava tirar um pouco do peso da vida da mãe, mas não tava bom, eu não agradava nunca”*, disse uma vez.

Quando Peter chegava à sessão, era vivo e alegre e depois ia se aquietando como uma forma de fazer o analista experimentar a dolorosa rejeição no transcorrer da sessão. Pode-se perceber que o silêncio de Peter não visava atacar o analista, mas era a forma como ele se encontrava. Representava outra pessoa e ele, Peter, não podia sair desse relacionamento; da mesma forma isso era sentido por Khan nas sessões. Era claro para o analista a relação de afeto, perda e acabrunhamento presentes naquele silêncio. Era desta forma que Peter podia “dizer” como foi a sua

⁴⁷ Ibidem, p. 210.

⁴⁸ Ver p 23 no relato da carta na qual ela conta do abuso.

experiência de ter sido cuidado. Qual dupla nós duas – a paciente e eu – estávamos representando?

Entendia que ela era a mãe, sádica, a qual a fazia trabalhar até sangrar os joelhos, comer comida que não gostava. E eu era a filha que deveria ficar presa naquela situação, sem nada poder fazer, reclamar, esbravejar; como uma criança refém de um adulto. Dizer isso a Melissa nada adiantou. Ela ficou quieta e continuou assim. Nossos papéis eram intercambiáveis: ora eu era mãe sádica que não a compreendia e que lhe impunha um sofrimento, ora eu era a pequena Melissa que deveria fazer e refazer o serviço, infinitas vezes, sem conseguir cumprir a tarefa de forma satisfatória.

Outro elemento percebido por Khan é que se re-encenava no processo analítico o apego. Peter era pontual e regular o que levou o analista a pensar em um vínculo libidinal primitivo. “Nunca houve dúvidas quanto ao seu desejo de vir às sessões. Isso me fez também procurar com mais empenho o significado latente e a lógica dos seus silêncios, do que interpretá-los exclusivamente como resistência”⁴⁹. Suportar aquele silêncio e aquela rejeição para depois colocar em palavras, foi o modo como ele conseguiu mostrar ao paciente que é possível transformar o lugar, falar dos sentimentos em vez de ficar preso nas vivências. Para Melissa não acontecia assim, apesar de meu esforço em colocar em palavras meus sentimentos nas sessões, nesse momento eu sentia que a situação não se transformava como conseguiu Khan. Minhas palavras levavam ao choro e mais silêncio. Freud, no texto, *Recomendações aos Médicos*, também fala dessa dissolução das dificuldades ao dizer que “quando as inibições evolucionárias estão solucionadas, acontece, espontaneamente, que o médico se encontre na posição de indicar novos objetivos para as inclinações que foram liberadas. (...) nem todo neurótico possui grande talento para a sublimação”⁵⁰. O processo de Melissa parecia mostrar que isso não é tão fácil⁵¹, ou o silêncio está a serviço de outra cena, talvez de muitas cenas.

Sim, são muitos os sentidos do silêncio de Melissa.

Se for assim, porque não pensar que o silêncio de Melissa é uma forma de expressão e não uma resistência? Esta é a associação que se produziu na frente da analista a fim de podermos usá-la como uma livre associação. É a forma dela se/me comunicar o que está se passando, como está se sentindo, aquele silêncio vai me

⁴⁹ Ibidem, p. 212.

⁵⁰ FREUD 1912, *Recomendações aos Médicos*. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII p.157.

⁵¹ Melissa não parece ser uma neurótica, por isso é mais difícil, ela ainda suplica pelos primeiros cuidados maternos, mas mesmo assim não é tarefa simples oferecê-los e ela desenrola seu desenvolvimento psíquico.

contando que não há esperança que o outro possa ajudar. Deixando que o silêncio fosse nosso meio, podia perceber que muitas vezes sentia vontade de abraçá-la para conter aquele choro. Era percebendo a contratransferência que eu podia estar ali junto com Melissa, constituir meu lugar naquele pedido. A necessidade de cuidado ia tomando cada vez mais forma para mim. Melissa experimentou um grande descuido por parte da mãe que a deixava para limpar as pratas, lavar os cristais, arrumar a casa para o marido.

Falar para quê? No entanto, ela não faltava, era pontual. Como Khan no atendimento a Peter, eu estava certa de seu desejo de estar ali, sua pontualidade, necessidade de trocar horário nos feriados ou a disponibilidade de troca quando a necessidade era minha, fato que eu fazia somente em extrema necessidade, eu tentava deixar o mais regular possível. Isso me fazia mais empenhada em dar algum sentido àquele sofrimento que se mostrava para mim. Havia uma verdadeira intenção naquele choro e naquela quietude, que eu não podia entender naquele momento, deveria me deixar a ‘deriva nesse barco’, parafraseando Pontalis, para mais tarde poder apreender o sentido.

Até este momento, sabia que ela me mostrava uma situação arcaica, mas não tinha a dimensão disso. Melissa encena nas sessões a falta de cuidado com ela bebê. Enquanto M. Khan pode transformar a situação congelada, em que Peter se encontrava, em seis sessões, talvez eu leve seis anos... mas vamos lá.

Khan escreve que “pelas minhas verbalizações (interpretação) dos seus sentimentos, emprestei-lhe minha função de ego para testar sua realidade interna. Assim, ele podia, pouco a pouco, ir relaxando suas defesas mágicas e arcaicas”⁵². Não acho que com Melissa ocorresse da mesma forma, mas eu emprestava minhas funções egoicas para simbolizar para ela, contudo, minhas observações faziam com que ela pensasse e me trouxesse outras possibilidades. Isso lhe dava existência quando ela falava e eu podia aceitar sua versão

Melissa e Peter têm algumas semelhanças, mas as interpretações de M. Khan puderam tirar Peter daquela relação com sua mãe a qual ele sentiu que deveria engolir todos os seus sentimentos. O mesmo não aconteceu com Melissa. Ela ‘falava’ que minha voz a irritava, não gostava que eu falasse. Será que naquela situação eu era sua mãe e minhas interpretações eram sentidas como um tapa? Ela deveria se comportar, fazer o que imaginava que eu esperava dela. Aliás ela escreveu diversas vezes que deveria ser a pior paciente.... Uma vez escreveu que *‘Não sei o que acontece naquela sala, tento fazer algo diferente, mas algo me impede, me leva longe,*

⁵² KHAN, 1963, p. 214.

e fica uma briga na minha cabeça entre falar e não falar, parar de pensar, ficar presente, ir pro passado, fazer coisas que não quero e não conseguir controlar minha cabeça. Os pensamentos tomam conta da minha cabeça e fico horas cantando. Sei lá é tudo tão confuso que não entendo nada. Só sei que não consigo pensar e fazer o que eu gostaria', ela está se referindo a falar, pois imagina que um bom paciente deve falar na sessão.

Khan fala de sua irritabilidade e exaustão pelo silêncio de Peter, e daí acabava fazendo interpretações que provocavam culpa ou pareceriam reprovadoras, mas depois apreende o sentido, tudo isso era da experiência traumática original. A música e a literatura aos quais Peter, nesse momento adolescente, se apegara tão fortemente povoavam sua mente, mantendo-o longe de seus impulsos agressivos despertados pela condição da mãe. Após a interpretação dessa relação de Peter com a mãe melancólica, o paciente pôde retomar seu desenvolvimento normal. Mas Melissa não mudou quando dei uma interpretação, seu atendimento continuava retorcido, ora parecia que andava, mas depois voltava. Até das conquistas dela pontuei várias vezes, quando nas cartas ela falava que estava tudo igual, nada havia mudado apesar da terapia. Ela, como sua mãe, não podia olhar e aceitar o que não havia sido feito. Somente reclamava que nada estava bom.

Khan entendeu que na adolescência, quando o rapaz se confrontou com sua escolha de papéis, ele retomou suas experiências infantis para integrá-las agora com suas necessidades da puberdade, mas ficou paralisado. Quando se negou a terminar o ano letivo e prestar os exames para a universidade fez um pedido de socorro, procurava um ambiente que cuidasse desse trauma original, no qual as necessidades de dependência e agressão pudessem se integrar.

Retornemos ao atendimento.

RETOMANDO...

Durante essas férias, Melissa começou a ensinar inglês para as crianças e as mães da comunidade. Um projeto antigo dela, pois perto dessa vila, tem alguns hotéis de alto padrão e nenhuma mão-de-obra qualificada. Ela almejava fazer um projeto e pedir financiamento para qualificar essas pessoas. E dessa forma poderia morar nesse lugar, um projeto seu, pois teria recursos financeiros para isso. Nessas férias ela começa um experimento de seu projeto. Conta muita animada dessa empreitada. Diz

que sua casa vivia cheia de gente, as crianças pela manhã e as mães à noite. Nas sessões subsequentes, ela ficava imaginando como continuar essas aulas, sua vontade de ir aos feriados, como aumentar sua renda nessa pequena vila etc.. Após duas ou três sessões em que falou sobre esse assunto, novamente as sessões voltaram para o silêncio.

Sua companheira de casa, que foi com ela para o vilarejo, foi embora e ela organizou uma festa de despedida, já que J., estava voltando para seu país. Melissa ficou muito triste, com essa perda. Outro fator que se somava era que o quarto ficaria sem render, e o outro quarto, pelo tamanho, era sempre mais difícil de alugar.

Início do ano, as aulas particulares ficam mais difíceis e o gasto das férias fez Melissa estar novamente em dificuldade financeira. E a tristeza se abatia.

Nesse momento, decidi colocar uma data limite para o término de seu processo terapêutico, como já havia feito Freud. Isto levou Melissa a me trazer muitas cartas⁵³.

O volume de cartas era grande, o que me fez reconsiderar a decisão de interromper o processo de Melissa. Outro fator importante nesse ano após o meio do semestre ela resolveu comemorar seu aniversário, inspirada na despedida de J., que acontecera no início desse mesmo ano. Na semana que antecedeu seu aniversário, ela falou dos preparativos – quem tinha convidado e o que iria cozinhar. Convidou poucas pessoas, mas chamou dois amigos do grupo de estudo, aquele do começo da análise.

Algun tempo depois, a veneziana da sala quebrou, impossibilitando-me de abri-la. Após três sessões com a janela fechada, ela perguntou se eu não a consertaria. Expliquei que tínhamos (como era uma instituição, ela sabia que eu não podia resolver sozinha) chamado o técnico e estávamos esperando que viessem consertá-la. Depois de algum tempo em silêncio, levantou-se e saiu. À tarde ligou dizendo que não conseguia ficar na sala com a veneziana fechada e não queria vir mais. Falei que fizesse da forma que julgasse melhor, aceite sua decisão: não agi como sua mãe obrigando-a a fazer o que não queria; aqui comigo podia comer, se gostasse, mas também podia se negar a comer aquilo que eu lhe oferecia.

Essa situação da veneziana fechada a transporta à cena do abuso, na qual ela olhando para o céu azul, suportava seu irmão. Ali, daquela maneira ela não tinha como suportar a presença do outro. Sem ver o sol, não era possível permanecer ali, contudo a situação era outra; eu era sua analista e ela podia vir e voltar, não estava presa.

⁵³ Ver descrição nas p. 18-20.

Após duas semanas, ela ligou pedindo para voltar. Como um paciente *borderline*, Melissa precisava certificar-se de minha paciência, uma vez que há um controle da sua agressividade. Se a sessão termina com a morte do analista, a sessão de Melissa não terminava, pois, se me matasse, sua percepção seria de algo real como se tivesse me matado na realidade. Não era possível simbolizar, como não estava sendo possível internalizar os cuidados de uma mãe cuidadosa.

“A clínica *bordeline* – modulação da clínica psicanalítica – coloca em forma extrema a exigência de conjugar uma atividade defensiva intensa e uma igualmente poderosa capacidade de escuta e transformação, vale dizer, de abertura para o outro, para o desconhecido e para o novo”.⁵⁴

Ao atendê-la tinha de me proteger para que sua agressão não me incapacitasse na minha função de analista e, por outro lado, não me prendesse na técnica surda. Estar aberto para o outro e poder acolher o que este lhe trouxer. L. C. Menezes⁵⁵ sugere a presença côncava do analista, oferecendo espaço na trama psíquica do analisando, mas aqui era oferecer espaço para ser depositária da ansiedade impensável a que foi jogada. Tinha muitos motivos para odiá-la, mandá-la embora, desistir do atendimento, mas minha percepção era outra, ela parecia uma criança muito pequena, frágil a quem eu tinha afeto, queria pegá-la no colo e confortá-la.

Sabemos que tempo é fator importante para o amadurecimento e ela mostrava isso quando não respondia na sessão, precisava dar tempo para que minhas intervenções se acomodassem dentro dela. A pressa da mãe ambiente – aquela mãe que não tinha tempo para os filhos, pois deveria cuidar da casa e do marido, que pedia tarefas que eles não estavam aptos a executar – era re-experimentada de forma calma. Era possível deixar para depois, responder no tempo dela.

Em alguns momentos percebo-me olhando Melissa, esse é meu sentimento ali na sessão. Não preciso fazer nada, tenho uma sensação de tranquilidade, como quando a criança adquire a capacidade de estar só na presença de alguém. A capacidade de estar só, nos ensina Winnicott, é um sinal importante de amadurecimento. Nesse momento Melissa mostra que aprendeu a ficar só na presença de alguém. Há um paradoxo contido nesse momento, pois a criança fica sozinha enquanto tem alguém perto, a criança está ligada ao ego e não ao id, isto é, a

⁵⁴ FIGUEIREDO, L.C. [2000-2001] *A Clínica Boderline*. São Paulo: Escuta 2003, p. 112.

⁵⁵ MENEZES, L.C. A Contribuição dos Autores Franceses: Comentários sobre a Clínica. In Outeiral, J. O. e Thomaz, T. O. (org) *Psicanálise Brasileira – Brasileiros Pensando a Psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 329.

outra pessoa é importante para ela. Mesmo estando só, sempre há alguém com ela, alguém que é o equivalente inconsciente à mãe (ou a pessoa que se identificou com ela nos momentos iniciais de seu desenvolvimento e ficou devotada ao bebê). É um mecanismo sofisticado uma vez que o bebê deve ter se separado um pouco da mãe, ela já não é uma extensão dele, após ter alcançado a experiência de confiança⁵⁶.

É por isso que seu atendimento aponta para um retorcimento temporal, os objetos internos de Melissa são terríficos, amedrontadores, mas nesse dia ela mostra uma maturidade. Uma esperança nos acena. Nesse momento pude oferecer a experiência de uma mãe suficientemente boa, e ali ela estaria construindo um ambiente seguro⁵⁷. A confiança é a condição para o desenvolvimento psíquico.

A imaturidade do indivíduo é compensada pelo apoio do ego da mãe. Ao ficar só a criança é capaz de redescobrir o impulso pessoal, pois pode vivenciar a capacidade de se tornar não integrada, de devaneiar, de estar num estado que não há orientação. Os objetos terríficos, a mãe pouco continente às suas capacidades de criança, obrigavam-na a ficar alerta todo instante, não podendo se entregar aos devaneios. Naquele momento, há uma inversão desses objetos maus, desse ambiente não acolhedor e ela pode ficar só na presença de alguém.

A mãe de Melissa deixou-a duas vezes: primeiro para cuidar do marido, e depois sob os (des)cuidados do tio e do irmão. Ela não pode se devotar aos cuidados da pequena Melissa. O não acolhimento da mãe a fez acreditar que não poderia falar no momento que o tio e o irmão abusaram dela. Sob a ameaça do irmão ela guardou o segredo, apesar de achar que a mãe sabia de tudo.

O cuidado da mãe para com seu bebê se faz por meio de uma comunicação muito delicada. Winnicott⁵⁸ no artigo *Desilusão Precoce* nos mostra como os bebês podem muito cedo encontrar a desilusão, pelos movimentos de cuidado que a mãe dirige à criança. É a desilusão de não poder mostrar à mãe o que ele realmente é, o que quer e como se satisfaz. Percebe que ser honesto não é a melhor política, seu choro ao invés de chamar a mãe para cuidar dele, afasta-a. Melissa compreendeu que deveria ficar quieta. Melissa é um bebê que precisa construir esse caminho de cuidado –é necessário oferecer o ambiente e o colo para ela alcançar um amadurecimento. Falar isso para Melissa não a tirou do lugar congelado como aconteceu com Peter. Ela escutou, chorou como sempre fazia e continuou em silêncio. Como uma vez tinha

⁵⁶ Ou ainda numa linguagem kleiniana, pode-se dizer que a capacidade de estar só depende de um objeto bom internalizado.

⁵⁷ Winnicott, 1958, p. 34.

⁵⁸ Winnicott, 1939, p. 17.

escrito, quando falava aquilo passava a existir, ficando somente no seu pensamento, podia ser apenas imaginação dela.

Que fosse!!! Era assim que ela sentia.

Há uma construção social sobre o amor das mães para com seus filhos e dos filhos para com suas mães. Mães e filhos se amam por definição. Neste pensamento, a sociedade se esquece de que há uma relação de cuidado que permeia esse afeto. Ter filho é diferente de ser mãe, por isso tantos autores, nas diferentes áreas, falam do lugar de maternagem, e não da mãe real. Prover um bebê de cuidados é uma tarefa bastante exigente, Winnicott se debruçou nesses primeiros anos para refletir sobre os cuidados e descuidados dispensado à criança na primeira infância. A mãe de Melissa não conseguiu cuidar dela como ela precisava, e agora como amar essa mulher que é sua mãe? Um filho deve amar sua mãe por definição, é assim que foi construída socialmente a relação afetiva entre essa dupla, muita ambivalência e culpa está entre elas.

Quando falo, esse descuido da mãe fica real, sai da imaginação e passa a existir, daí seu sentimento de raiva também pode existir. Se eu não falo, tudo fica no plano da imaginação, inclusive esse (des)afeto.

Melissa descobriu muito cedo que, se se deixasse falar ou deixasse sair alguma coisa dela ia ser destrutivo, assim como o choro do bebê, que afasta a mãe ao invés de chamá-la para o cuidado. Melissa aprendeu que deveria ficar quieta.

Sendo assim, como ter uma palavra boa? Ela guardava muita raiva, queria esbravejar, reclamar, brigar com sua mãe e seus irmãos, assim como era agressiva comigo nas cartas. Em sua escrita era possível sentir muita agressividade, falava que minha voz a irritava, que não adiantava nada aquela terapia. Uma vez escreveu que *“Acho que vou desmarcar a terapia de amanhã. Eu to super bem e aquilo me leva pro buraco,”* em outra carta escreve *“não consigo parar, não consigo voltar ao normal, tô muito doida. Saí da terapia hoje e não consigo voltar ao normal”*. Havia muita raiva entre elas e ali, eu podia receber essa raiva toda, isso não fazia eu esbravejar com ela, podia compreender e estar inteira na sessão seguinte. Era uma brincadeira que dava certo.

As palavras eram amargas nas cartas e ela se mostrava muito frágil fazendo uso de bebida alcoólica e medicamentos, deixaria a terapia se eu chamasse alguém para conversar. Por outro lado, apresentava-se doce, trazia-me algumas lembranças muito particulares das suas férias, preocupava-se comigo, percebia que poderia estar sendo difícil para mim esse processo. Escreveu sobre sua irmã, algo que era muito próximo de nós duas: *“Apesar da H. não perceber tenho um imenso carinho por ela”*.

Ela oscilava entre o amargo e o doce, mas quase sempre era percebida como amarga pelas pessoas próximas a ela. A doçura sobressaía para os amigos.

Algumas vezes começava a falar, contar de sua semana, mas daí eu fazia uma interpretação e ela se retraía, começava a chorar, ficava quieta. Era como se eu tivesse feito tudo errado, interrompi seu momento e aos poucos ela ia se retorcendo, se virando, e o silêncio tomava conta da sala. O que será que falei que desencadeou esse silêncio, e depois um choro imenso?

Khan percebeu que Peter se tornava hostil ou violento nos momentos em que ele invadia o silêncio do paciente com insistentes interpretações, ali no nosso caso, era minha necessidade de me mostrar viva, de me manter viva, mostrar-lhe que estava prestando atenção. E, minhas intervenções eram fortemente largadas ao léu, ficavam ecoando na minha cabeça. Ela escreveu muitas vezes que minha voz era chata, que eu começava a falar e depois ia ficando longe, sumindo. Ela tentava voltar, mas não conseguia. Como sua mãe e seu irmão eu estava ali para contrariá-la. Ao mesmo tempo, ela, por identificação com sua mãe, não podia aceitar os meus cuidados, deveria rejeitá-los, quase por princípio. Uma vez eu disse que não sabia o que devia fazer, ela estava lá, mas não me contava o porquê, e eu ficava sem saber o que fazer, assim como quando ela era criança que não sabia como agradar sua mãe.

Alguns meses se passaram até que a paciente chega contando que está com uma doença nos olhos e tem de fazer uma cirurgia. Ela ficou sabendo na metade do segundo semestre. Quando me contou fiquei surpresa, ela nunca havia se queixado disso. Antes tinha me falado que iria ao oftalmologista, somente. Ela já tinha ido ao ortopedista, e ao ginecologista, achei que era natural cuidar da visão, na sua idade... Perguntei como era para dar aulas? Ela então me conta que estava sentindo dificuldades, a vista ficava escura, tinha que fazer esforço para ler.

Relutou em buscar um diagnóstico mais preciso. Era necessário que fosse a outro especialista a fim de descartar outras patologias. Após dois meses acabou fazendo esse diagnóstico e teria de fazer uma cirurgia.

Após cinco meses de perambulação (já no início do ano seguinte), ela conta que foi à clínica marcar sua cirurgia, mas não foi possível. A clínica só usava lente importada e ela queria lente nacional. Ficou muito brava, pois estava há três meses fazendo exames e eles não tinham falado desse detalhe – o preço das lentes. Não tinha dinheiro para pagar as lentes. Ela se sentiu enganada e isso me lembrou dos vários episódios que contou ao longo de sua análise em que sentiu lesada. Parece que novamente isso lhe acontece.

Na sessão seguinte, chega com uma carta na qual fala de seus sentimentos frente à morte de Michael Jackson. Ela se lembra das músicas e de uma em especial que remete à infância quando tinha por volta de doze anos e ela foge de casa e vai ao Parque da Luz, lá fica olhando o parque de diversões. Fica fascinada com tantas luzes, *“nunca tinha estado em uma roda-gigante”*, escreve.

A sequência de suas associações inicia-se com seu problema de visão, depois vai ao Parque da Luz. Quando ela está perdendo a vista e teme ficar cega, vem uma próxima associação que lhe leva à Luz. No meio disso tem uma enganação. De quem é esse engano que Melissa fala. Esse engano é meu.

“Sinto uma tristeza enorme com a morte do Michael Jackson, parece ridículo, coisa de fã, mas eu me identificava com a tristeza que ele cantava. (...) essa música me leva para aquele parque de diversões, o primeiro dia que fugi de casa, eu tava na sexta série, peguei o ônibus a noite e fui pro parque da luz, nunca tinha andado em uma roda gigante, via aquele parque cheio de luzes, e fiquei olhando a roda gigante, um homem me pagou a entrada e eu subi com ele. (...) Claro que o passeio da roda gigante não terminou como eu queria, aquele homem tentava me beijar, me tocava, mas eu tava tão feliz de tá ali que nem me importava, só sentia o vento no rosto (...) A partir daí passei a fugir diversas vezes de casa, pegava trens, ônibus pra outras cidades a mãe nunca ficava sabendo, sempre mentia pra ela.” Neste trecho, há diversas enganações, ela que engana a mãe, o homem que a engana, e talvez a mãe que a enganava fingindo não ver a filha sumindo de casa.

Muitas tentativas de compreender seu percurso eu fazia. Nas minhas tentativas a fazia chorar muito, o que me deixava com medo de que ela se desmantelasse, ou caísse do alto daquela roda gigante. Ao invés do sólido que passa ao sublime como no gelo seco, como em uma sublimação, Melissa para mim passava do sólido para o líquido, como as lágrimas que ela derramava.

Eu estava enganada em continuar tratando-a como um bebê. Nesse momento, ela me mostra como já cresceu, quer fugir do olhar da mãe passear pelas diversões da vida. A partir dessas últimas associações ela nos mostra alguns recursos e sua capacidade de ficar com as metabolizações que eu lhe fazia a respeito das poucas coisas que me contava de sua história e dos laços afetivos.

Nesse processo de “examinar” o que estava acontecendo com Melissa eu tinha tentado vários recursos. Desenho, leituras em voz alta das cartas que me entregava, pontuações a respeito de meus sentimentos e por fim eu escrevendo na sessão, ocupando aquele vazio que se instalava na sala e depois entregando à ela na sessão seguinte. Eu deixava de lado, não estava certo, esta era minha percepção pois ela

ficava brava, se recusava a escutar, tampando os ouvidos, virando-se para não me olhar, até me escreveu que não gostava pois aquilo passava a existir. Eu entendia aquilo transferencialmente: tudo que ela fazia para sua mãe não estava bem feito deveria ser refeito, e eu ali no lugar dela sem acertar seu pedido. A leitura das cartas em silêncio e posterior comentários meus seguiram por todo o processo. Talvez como ela que tentava agradar sua mãe, levantando mais cedo para lavar a louça, eu achava que esse recurso estava certo.

Nesse momento, apesar de eu achar que nada tinha dado certo, ela me dava indícios de que eu estava enganada, ela estava andando, ou melhor, já foi passear....

Melissa contava-me que foi muito gostoso ir ao Parque da Luz, lá ela sentia o vento no rosto, a altura da roda-gigante, as luzes, mas também tinha o perigo do homem que pagou a entrada dela na roda-gigante. Ir à luz lhe dá a possibilidade de sensações boas, prazerosas, sem esquecer que tem coisas perigosas que a atravessam, lhe invadem, mas que diante desses prazeres ela deixa de lado. Melissa ao chegar era um bebê frágil, precisava de meus carinhos e cuidados com ela. Outro trabalho eu deveria iniciar.

Agora, ela estava louca para “fugir de casa” ir ver o que tinha na redondeza. E eu, diferentemente de sua mãe, deveria olhá-la, ampará-la, ensinar a se proteger dos perigos da vida. Estes, assim como suas “loucuras”, que ela tentava esconder, existem sim, não dá para fazer de conta que não existem, ela não pode ficar acreditando no faz-de-conta, pois senão a cada tropeço da vida, ela se assusta, recua, chora como uma criança que não quer mais brincar.

Como no *après-coup*, agora eu podia entender porque ela tamborilava na cabeça enquanto eu falava sobre minhas impressões das suas cartas. Ela fazia barulho por fora para não escutar dentro de si. Seus conteúdos poderiam ser tolerados se eu metabolizasse para ela e lhe devolvesse com cuidado, carinhosamente. Talvez eu tivesse feito algumas vezes, por isso agora ela se mostra disposta a conhecer outros lugares mas pedindo meu olhar. Não devo mandá-la embora, como se ela já pudesse sair pela rua sozinha.

Nas férias de final de ano foi para sua casa da vila. Na volta trouxe-me um pacote de cocada, “é cocada da roça”, disse. Agradei. Ela contou que o coco é do quintal dela mas foi uma mulher da comunidade quem fez. Conta-me animadamente das suas férias, das muitas coisas que fez. Ela é engajada na comunidade, quando vai para lá sempre os ajuda. Desta vez organizou a comunidade para cuidar de um viveiro de peixes. “Foi muito gostoso”, completa. Parecia uma criança feliz contando para sua mãe o que ela fez nas férias, enquanto estava longe. Não faço nenhuma intervenção,

disponho-me a escutá-la, faço perguntas, estou curiosa para saber de suas férias. A mãe desta vez tem tempo para escutar suas histórias! Ela passa várias sessões contando desse projeto, liga toda semana para o Nordeste para saber dos peixes, continua ajudando-os mesmo de longe

Sinto que ela quer que eu tenha um pouco dessa doçura dela, das delícias que ela construiu. Eu não devo ficar só com a parte passiva dela, mas também com essa vivacidade que desfrutou nas férias. Tem ainda um gesto de pedir aprovação da mãe. Ela ainda não pode fazer sozinha, pediu para outra mulher, mas tem o fruto que é de seu quintal. Assim, oferece algo à 'mãe' e será que desta vez a mãe vai aprová-la? Em outras oportunidades, ela me trouxe presentes muito característicos do lugar, uma pedra que catou do chão para mim, um artesanato muito significativo da região. Assim como das outras vezes, eu fiquei muito feliz.

No começo desse ano, concluiu os exames para a cirurgia. Passou o episódio da clínica que usava lentes importadas e o sentimento de ser enganada. Alguns meses depois Melissa saiu à procura novamente de um local para fazer essa cirurgia. Conseguiu ser atendida no Hospital das Clínicas e rapidamente resolveu seu problema. Realizou o procedimento e ficou muito feliz, pois eles usavam uma lente muito moderna e ela não teve de pagar nada. Melissa sabe de seus direitos, e sabe exigí-los como uma mulher adulta. Entretanto, na sala de análise, preciso conduzi-la com cuidado pelos caminhos da vida.

Estava sempre refletindo se eu não estaria em conluio com seu sintoma, esperando que ela falasse, deixando que o processo andasse dessa forma... Entretanto, podia perceber que sua vida estava cada vez mais organizada, desenvolvia-se profissionalmente e agora fazia planos para sua casa do vilarejo. Assim, o processo psicanalítico estava ajudando-a, se bem que por vezes eu também duvidasse.

Como em outros momentos, dialogava com os textos, pensei em contar histórias para ela. Contar histórias é um recurso muito utilizado nas oficinas de saúde mental⁵⁹ e também temos o exemplo de Scheerazade que cura o sultão com suas histórias, segundo analisa Purificacion B. Gomes⁶⁰. Desta forma tomei emprestado este recurso Falei para ela sobre essa minha intenção e perguntei-a o que pensava sobre isso. Ela não respondeu nada. Abri o livro e comecei ler. Escolhi a história *Mesinha Ponha-se*, por ser pouco conhecida, imaginei que ela também não a tinha

⁵⁹ STECASEVSKAS, Y. O. *Contar História no HD Butantã – a Roda de Histórias, a Circulação de Sentidos e o Efeito da Palavra*. Dissertação de mestrado. PUC – SP. pp 1-180.

⁶⁰ GOMES, P. B *O Método Terapêutico de Scheerazade – mil e uma histórias de loucura, desejo e cura*. São Paulo: Iluminarias 2000

escutado e isso poderia despertar sua atenção. Este é um conto de Andersen que ela gostou. É a história de três filhos que são expulsos de casa pelo pai por uma tramoia da cabra que eles cuidavam. Os filhos saem, aprendem um ofício e de tão bons aprendizes recebem presentes mágicos de seu mestre. Os dois filhos mais velhos, antes de voltarem, hospedam-se em uma estalagem e os presentes são roubados. O terceiro filho hospeda-se no mesmo lugar e percebendo a má intenção do proprietário recupera os presentes dos irmãos voltando para casa. Durante a leitura, recostou na poltrona para escutar e mexeu o lábio sorrindo. Parecia muito calma e tranquila. Enquanto lia, perguntei se conhecia, o que me respondeu negativamente. Ao final, não comentou nada e eu fiquei em silêncio; apenas perguntei se havia gostado, ela disse que sim.

Na sessão seguinte, como de costume, estava em silêncio e perguntei se queria que eu lesse outra história. Ela movimentou a cabeça afirmativamente. Já no início, ela encostou a cabeça na poltrona para escutar a história, repetindo o gesto da sessão anterior. Parecia um momento muito feliz para ela, como uma criança escutando histórias.

Não fiz da leitura uma regra. Sempre esperava pelo desenrolar do processo – que era muito regular. Ela entrava e falava alguma coisa, e eu esperava que me pedisse para ler uma história, o que aconteceu uma vez. Quase sempre eu tinha de perguntar, o que ela respondia afirmativamente. Eu preferia histórias com uma narrativa mais rica, com detalhes. Elas preenchiam mais a sessão, e assim não seria necessário ler várias histórias, mas também, era uma forma diferente da narrativa dela que vinha sem detalhes⁶¹, muito concreta. Eu tinha dois livros de história infantil, e escolhia aleatoriamente a que seria lida naquela sessão – *Branca de Neve, Cinderela, A Princesa e o Grão de Ervilha*, e outras. Grande parte dos contos narrados pelos irmãos Grimm e por H. Andersen são provenientes da Alemanha, um universo conhecido por ela uma vez que tinha morado na Suíça e havia me contado ter viajado diversas vezes à Alemanha. Eventualmente, depois da leitura fazia um comentário que remetia à sua experiência de ter morado no país vizinho. Ela me contou sobre como são conhecidas essas histórias lá, e quais ela havia aprendido enquanto morava lá. Especialmente após ler *Os músicos de Bremen*, uma história na qual os bichos formam uma banda e saem se divertindo pela estrada, ela contou tinha conhecido essa história enquanto estava lá, e gostava muito, e disse que via muitas apresentações de música na rua.

Ela passa a se despedir ao final da sessão, a partir desse momento.

⁶¹ Conforme pag. 16.

As sessões continuavam em silêncio, contudo era diferente. Minha proposta quando comecei a ler foi para lhe mostrar que também nas histórias havia impasses e discórdia entre os irmãos, entre pais e filhos, e que eram resolvidos cada um de uma forma.

Parece que as histórias estão no ar, ora é ela quem conta, ora sou eu quem conta, isto é, no primeiro momento é ela quem narrava as histórias, me trazia cartas para eu ler. agora passo a ler histórias do mundo, são as 'minhas' histórias, ou melhor, as histórias escolhidas por mim para serem compartilhadas. Histórias vão... histórias voltam... Como no jogo de rabiscos, ela fazia um risco e eu completava!

Eu escolhia a história que seria lida de forma aleatória, um pouco pelo tempo que restava da sessão, quando começava a ler, ou até porque queria conhecer um novo conto.

O repertório de histórias que tinha acabou, junto com o final do ano. Ela tirou férias poucos dias antes do Natal, pois havia alunos em recuperação na escola regular e ela deveria acompanhá-los até o final. Isso foi uma diferença. Até aquele ano marcava suas férias sem pensar nos alunos, achava uma data boa para viajar e pronto. Desta vez fez sua agenda mais aprumada com sua atividade profissional. Ao retornar, trouxe-me um cartão de Ano-Novo feito com fotos coladas. Perguntei se eram de suas férias, mas explicou que eram fotos antigas dela.

Retomamos nosso processo.

Durante as férias procurei outros livros de histórias infantis de outras nacionalidades, mas foi em vão. Pensei nas *Mil e Uma Noites*, afinal, são 1001 histórias. Desta vez para adultos. Falei para ela da minha intenção. Ela não fez nenhum comentário. Perguntei se conhecia o conteúdo das histórias, respondeu-me que não, então iniciei contando a história de Scheerazade, o porque da vingança do rei – por causa de uma infidelidade ele promete matar todas as mulheres. Scheerazade, quando chega no reino, já tem o plano de contar histórias sem finalizá-las para não ser morta e ganhar a simpatia do rei. Foi o que aconteceu, interrompia a narrativa em momentos cruciais deixando para a próxima noite seu desfecho.

Ali, nas sessões eu lia duas ou três histórias, diferente da princesa que lia apenas uma história. Uma vez que as histórias não têm fim, deixam uma parte para ser desenvolvida em outro momento, eu fazia quase que a mesma coisa que Scheerazade com o sultão. Ela ficou interessada como ele para saber o final das histórias, e passou a pedir para eu ler, e assim algumas sessões se passaram. Podia perceber seu interesse em continuar a leitura e algumas vezes mencionou sua

decepção de ter que interromper o conto. Eu usava o mesmo recurso de Scheerazade, e ela passou a me pedir para lê-las.

Em certo momento, quando as histórias ganham um enredo mais sexualizado, são histórias eróticas, ela questionou se aquilo eram histórias para crianças, o que respondi que aquele livro era para adultos, (lembrando que inicialmente o que conhecemos atualmente como histórias infantis foram um dia histórias contadas para adultos, histórias de entretenimento nos salões da corte) eu não sabia se tinha uma versão infantil, na qual só era contado o enredo sem os detalhes das histórias, as falas etc. A história que lia era:

“Eu tive notícia, ó rei, de que ao entrar na piscina, o carregador lavou-se e banhou-se, esfregando debaixo da barba e as axilas, e em seguida saiu célere, deitando-se no colo da mais bela e jogando os braços no colo da porteira e as pernas no colo da comradeira. Perguntou: ‘E então, dona, o que é isso?’ e apontou para seu pênis. As três riram apreciando aquela atitude, pois ele entrara no jogo e seu procedimento tornara-se adequado ao delas. A primeira respondeu: ‘Seu pau’, e ele disse: ‘Não voa criar vergonha? Que coisa feia!’. Outra respondeu: ‘Seu pênis’, ele disse ‘Tenham vergonha! Que Deus as abomine!’. A terceira respondeu: ‘Seu cacete’, e ele disse: ‘Não’. Disseram: ‘Sua teta’, e ele respondeu: ‘Não’; disseram: ‘Sua coisa, seu saco, sua gadanha’, e ele respondeu: ‘Não, não, não’, até que enfim perguntaram: e qual é o nome disso?’ – nesse ínterim, ele lhes dera beijinhos, trombadas, beliscões, mordidas e abraços, tomando assim sua desforra.”⁶²

Nesse momento, foi nítido que estava desinteressada. Ela se virava para a janela buscando alguma coisa fora da sessão como já havia feito anteriormente. Eu mesma enquanto lia, pensava que esse não era um enredo próprio para uma mulher que sofre violência dos homens, mas já tinha começado... restava-me continuar até o final e observar qual rumo o processo tomava. Apesar dessa história ter esse conteúdo, as histórias, em geral, como observa P. B. Gomes⁶³, versam por uma moral, e este é um ponto de discórdia dela com relação a sua mãe. Todas as vezes que vai aos encontros familiares, ela fala dessa falsa moral presente na família. Talvez também tenha sido este um ponto que a fez perder o interesse por essas histórias. Na sessão seguinte não me pediu para que lesse nada.

Os movimentos de Melissa são muito sutis, é preciso estar muito atenta para ir responder às suas demandas. Saí a procura de novos enredos e achei uma coletânea de histórias brasileiras - os enredos se passavam na roça, os problemas dos personagens eram de inveja, traição, preguiça...

Agora, de posse do novo livro, passei a ler as histórias antes, para saber do que os enredos se tratavam, contudo, como era um livro infantil, escrito a partir da

⁶² Anônimo, vol. I, ramo sírio, p. 120.

⁶³ GOMES, 2000, op. cit., p. 85.

memória da autora, os enredos eram muito simples. Mas como do primeiro livro eram histórias ricas em detalhes, era possível imaginar as cenas tão bem eram descritas.

Percebi que pouco a pouco as histórias foram se aproximando do seu cotidiano – primeiro as histórias europeias tão conhecidas das crianças, vêm carregadas de lembranças e têm uma voz e uma melodia familiar; e ainda, falavam de uma localidade conhecida por ela, e que até ela mesma já havia contado para as crianças quando morou na Suíça. Depois passei pelas *Mil e Uma noites* – histórias que falam de desejos e costumes dos homens e mulheres da Idade Média Oriental – que de uma forma velada, fantasiada, distantes da vida do sultão, como sugere Purificación B. Gomes, tratam das questões que o faziam sofrer, mas próximas para promoverem uma elaboração⁶⁴.

Depois passei para histórias brasileiras, mais próximas do seu cotidiano atual. Havia histórias que ela não conhecia e que a deixavam bastante interessada, mesmo as mais populares ela as escutava muito feliz.

Nesse momento, ela havia feito cirurgia no joelho. Um procedimento que ela relutou anos para fazer. Sempre que consultava algum ortopedista para avaliar sua dor nessa articulação, escutava essa mesma conduta. Ela então ficava brava, dizia que não iria operar novamente o joelho porque a dor era insuportável⁶⁵. Fizera essa cirurgia anteriormente, e que contado muitas vezes sobre seu sofrimento no hospital, a falta de cuidado e companheirismo da família, como citei.

Depois de relutar, e após alguns meses da cirurgia dos olhos que lhe devolveu a clareza da visão, ela procurou um ortopedista que lhe falou dessa cirurgia. Desta vez ela aceita. Organizou-se para esse momento, comprou um carro automático, a fim de voltar a trabalhar em um prazo curto e acertou algumas pendências na sua casa da vila. A cirurgia é um sucesso imediato. Após uma semana, começaram as dores. Ela chegou à sessão reclamando de muita dor –começou algumas técnicas de cuidados alternativos – e chora. Contou que temia que isso acontecesse, mas o médico falou que não tinha nada para fazer a não ser dar tempo.

Ela disse isso, e voltou a chorar. Esperei um pouco, e como percebi que seria difícil conversar sobre a dor, e as consequências desse fato, resolvi ler. Comecei a ler e isto pareceu acalmá-la diante daquela dor. Ela pára de chorar e fica escutando, massageando seu joelho. Repeti esse mesmo procedimento nas sessões seguintes em que ela entrava falava que ainda doía e começava a chorar. Ao me propor ler histórias no momento de dor pós cirurgia, eu era como uma mãe que podia passar

⁶⁴ GOMES, 2000, p. 48.

⁶⁵ Ela já havia realizado uma cirurgia no joelho muitos anos atrás, ver pag. 22

tranquilidade naquele momento, que não se desesperava diante do choro de seu bebê. Era como se eu a tomasse no colo e a embalasse, ou simplesmente ficasse pertinho dela acalmando. Se eu pensava que funcionava como uma mãe, neste momento meu bebê já é uma criança, pode escutar histórias e se tranquilizar com os riscos do mundo.

As histórias tratavam de questões muito próximas a ela, experimentadas por todas as crianças e que ela trazia de forma muito dolorosa como a inveja de amigos, contada na história de *Jabuti e o Caipora*, ou *O Jabuti e o Teiu* e até mesmo da *Moura Torta*. As duas primeiras histórias tratavam, respectivamente, da inveja pela força e pela esperteza do amigo, e na terceira era pela beleza da princesa. Já a história da Galinha Ruiva narra o cotidiano de uma galinha trabalhadeira e seus amigos aproveitadores, muito parecido com a família dela, ela tinha de ajudar em casa enquanto suas irmãs mais novas não, e ainda estudavam em uma escola que ela julgava melhor.

Nas histórias há sempre uma projeção no futuro e uma crença nas suas capacidades, as quais em um primeiro momento parecem muito precárias, por exemplo, João, o personagem da história *Poltrona de Piolho*, é descrito pela autora como, sendo um menino “cheio de ideias diferentes, e tinha até gente que o chamava de João Bobo, mas na verdade o rapaz era bem esperto. Só que pensava de um jeito próprio, nem sempre seguia as modas de pensamento”⁶⁶. Essa história é a narrativa de um garoto que tem de fazer mais trabalhos do que o combinado para merecer o amor da princesa; como ela que sente que tinha que fazer muitas tarefas para satisfazer a mãe. Similar as *Mil e Uma Noites*, nestas histórias os enredos também tratam de temas próximos à experiência traumática de Melissa, e que ela pode escutar de forma mais tranquila por estarem afastados dela, mas a uma distância que pode propiciar a elaboração.

Com as histórias podia-se instaurar uma separação eu/ não-eu, havia um objeto externo sobre o qual conversávamos por meio das histórias. Saíamos das histórias dela – as cartas – para as histórias populares.

Neste momento, sua vida profissional está estabilizada, os quartos estão alugados quase continuamente, isso mostra uma tolerância com seus inquilinos, e o pouco tempo em que não estão habitados não a desestabilizam economicamente, pois agora ela tem dinheiro guardado. Nas férias, vai iniciar uma reforma na casa da vila, a fim de que tenha espaço para receber visitas.

⁶⁶ MACHADO, A. M. Poltrona de Piolho. In: *Histórias à Brasileira, recontadas por Ana Maria Machado*. São Paulo: Comp. das Letras, 2004, p. 34.

O processo de Melissa continuou após alguns anos. Vou parar por aqui, para passar a relatar outra experiência na qual o silêncio também está presente e minha atuação também é uma variante da clínica.

O PORTÃO DE ENTRADA

O pequeno sentou-se, acomodou entre as pernas a cabeça da cachorra, pôs a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender.

Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralha.

Continuou a acariciá-la, aproximou do focinho dela a cara enlameada, olhou bem no fundo os olhos tranqüilos.
(Graciliano Ramos – Vidas Secas)

Chegar até o número nove requer que passemos pelo um, pelo dois, pelo três... assim nos ensina a aritmética... Não será diferente para chegarmos até a favela do beco Nove. Temos um caminho a percorrer⁶⁷.

Joana⁶⁸ chega e para junto à porta. Pergunta pela auxiliar de enfermagem, respondo que não veio. Ela fica ali um pouco e depois entra, senta, coloca a mão no rosto segurando-o como que cansada. Ela, como uma gatinha, vai se enrolando em mim, pedindo aconchego.

A cena de ela ficar parada na porta é uma repetição. Já fez isso outras vezes...

A cena se passa à porta de um barraco no qual desenvolvemos oficina de bordado para adultos. Joana me intriga, o que posso entender dessa cena?

Seu pedido nos remete ao desejo de ser cuidada. Como a profissional referida não está lá, entra e fica ao meu lado. Como cuidar de Joana?

Convido-a para bordar, ela diz que está cansada... pego um tecido e começo a fazer crochê na barra. Convido-a para fazer para mim, *“me contaram que você borda tão bem!”* digo. Ela aceita fazer o trabalho, pede para eu ensinar o crochê e diz que só vai fazer um pouquinho. Concordo e passo o tecido para ela, que começa a fazer, permaneço perto fazendo outras coisas e observando-a. Preparo outro tecido para uma outra toalhinha.

Joana é uma mulher de pouco mais de 40 anos, cinco filhos, moradora da favela do Beco Nove. Um de seus filhos frequenta uma instituição que oferece atenção às crianças em idade escolar, matriculadas ou não regularmente nas escolas da redondeza e que moram nas comunidades próximas à instituição. Essa instituição ajuda na documentação, quando as crianças não têm, e intercede junto às escolas facilitando o ingresso no ensino regular, além de oferecer atividades dirigidas como marcenaria, capoeira, brincadeiras, leitura de histórias e outras. Essas crianças, que não teriam um lugar protegido para permanecer depois do horário escolar, podem agora ser olhadas.

Este cuidado com as crianças levou a instituição a entrar em contato com uma realidade particular; ser morador de favela.

⁶⁷ A Favela do Beco Nove é um conglomerado de casas que fica no 9º beco de uma avenida perto do Mercado, onde desenvolvemos um trabalho de bordado com as mães. Uma vez que as pessoas nas favelas paulistanas têm uma relação estreita entre si, e especificamente nesta, pelo seu tamanho pequeno, sua localização foi um pouco transformada a fim de descaracterizá-la.

⁶⁸ Os nomes aqui usados são fictícios, assim como a localização e o nome da favela foram trocados, deixando inalteradas apenas as principais características.

A vida em uma comunidade sempre tem um jeito particular de ser, por exemplo, morar em uma cidade do interior do estado é diferente de morar na capital, assim como morar em prédio ou em casas; morar no Sul do país é diferente de morar no Norte, podemos imaginar pelo clima, pelo povo que lá se estabeleceu, etc⁶⁹. Então, morar em uma favela tem suas peculiaridades... As favelas são aglomerados de moradias que se infiltram pelos espaços da cidade.

As favelas nasceram no Rio de Janeiro por ocasião da volta dos soldados da Guerra de Canudos⁷⁰, e sem salário se instalaram nos pés dos morros e receberam esse nome em referência à 'favela' original como era conhecido o acampamento deles perto da cidade de Canudos por estar próxima ao Morro da Favela, uma vegetação típica da caatinga. Entretanto, como observa M. Libânio, as favelas são uma modernização das habitações dos escravos e índios, ou seja das senzalas e mocambos.

Ao procurar a definição de favela o que encontrei foi uma ampla discussão sobre a própria definição, uma vez que algumas características não lhe são exclusivas, tal como a ausência de titularidade do terreno, que também se aplica a condomínios de luxo do Rio de Janeiro, por exemplo como escreve Brum em seu artigo *Repressão, clientelismo e resistência*⁷¹. Outra característica é a precariedade dos serviços públicos. Este mesmo autor lembra que a favela da Rocinha tem asfalto, luz e esgoto, uma realidade muito diferente da maioria das favelas brasileiras, e mesmo assim permanece nessa categoria.

Difícil conceituar favela, o nome sobrevive das mais diversas formas, isso é, temos uma construção social da favela: construções desordenadas, sem arruamento, com materiais descartáveis, normalmente em áreas de risco, expressão imediata das necessidades básicas – moradias extremamente simplificadas, em resposta às necessidades de seus habitantes. Dentre as muitas diferenças, o que persiste é a população desprovida de recursos, ocupando os espaços deixados pela sociedade em busca de uma inserção social.

⁶⁹ G. Freire em seu livro *Açúcar* (s/d) mostra como a cozinha de Pernambuco é um pouco diferente da cozinha baiana. Diz ele que é uma cozinha mais equilibrada pela influência das mulheres holandesas, donas-de-casa, diferentemente da cozinha baiana feito por índias e negras - que se juntaram aos muitos homens solteiros vindo de Portugal - mas que não conheciam a técnica da cozinha européia (p 69).

⁷⁰ Favela é Isso aí. Disponível em <http://www.favelaeissoai.com.br/noticias.php?cod=14>, acesso em 04 de abr de 2011.

⁷¹ BRUM, M. S. *Repressão, clientelismo e resistência...relações entre estado e favelas no Rio de Janeiro*. In: *Klepsidra – Revista Virtual de História*. Disponível www.klepsidra.net/klepsidra19/favelado.htm acessado em 19 de dezembro de 2010.

Um grupo de pessoas, sem ter onde morar, ergue suas “casas” nos **espaços entre** as construções oficiais. Muitas vezes as pessoas que habitam esses lugares foram expulsas de seus locais originais, vieram de outras partes do país e não tinham onde morar, ou ainda, expulsos de suas casas pela pauperização. O crescimento das cidades leva pequenas casas a darem lugar a prédios, possibilitando moradia para mais pessoas. Assim, os habitantes das casas procuram moradia em outros espaços, e, em um efeito dominó, os mais pobres são empurrados para os limites das cidades, ou para os terrenos baldios que encontram. São expulsos de seus locais, e a sociedade não lhes oferece outros lugares, ou melhor, amontoa-os em locais inapropriados – encostas de morros, várzeas, beiras de estradas ou avenidas. Não podemos esquecer que a sociedade brasileira desde sua formação traz a experiência de um povo que foi expulso de seu lugar original: os índios que de alguma forma tiveram que dar espaço aos brancos, os negros que foram retirados de suas terras, trazidos para o Brasil e obrigados a se adaptarem em espaços cedidos os quais não tinham título de propriedade. Exclusão que revela uma situação de extremo desamparo.

Moura Gonçalves Filho, em seu artigo, lembra que as relações dos homens com outros homens, com a cidade e também com a natureza são históricas, marcada pelo seu tempo e lugar. E diz ainda,

“(...) os processos políticos informam a subjetividade, desdobram-se internamente, desdobram-se ‘para dentro’, mas um tal desdobramento sofre metabolismo pessoal e assume figura singular – metabolismo e figura que exigem detida consideração e consideração diferenciada. A apresentação de João ou Maria ainda prossegue depois que se completou a descrição de seus lugares na divisão burguesa do trabalho”.⁷²

Essa foi a realidade com a qual a instituição se deparou.

A FAVELA DO BECO NOVE

Aquele povo, expulso de seu local, vem para uma fresta, entre os muros de duas grandes construções, erguer suas casas. Uma fresta que se transforma na única rua da favela, um espaço delimitado, uma viela que pode de alguma forma conter uma parte da angústia de não ter lugar.

⁷² GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação Social – Um problema Político em Psicologia. In *Revista Psicologia USP*. São Paulo, vol 9, nº2, 1998. p. 2.

As casas são construídas grudadas umas às outras, sem segurança, sem janelas e com materiais precários – emendas de madeira são vistas assim como frestas –, muitas vezes feitas como sobrados com escadas quase verticais que levam os habitantes para o andar de cima, oferecem uma experiência particular para quem vive nesses locais. Há barracos de alvenaria, mas são raros. Os cheiros, tanto de esgotos, como de comidas, são partilhados entre todos. Da mesma forma os sons – das falas e dos aparelhos sonoros. A privacidade ganha outros contornos, uma vez que os sons vazam, a visibilidade das casas é grande, seja pelas frestas que são inúmeras, ou as portas quase sempre abertas. Há poucas casas com janelas. Os cômodos são separados por cortinas, e muitas vezes há apenas um grande cômodo no barraco, tendo divisória apenas no banheiro. Pais, filhos e agregados compartilham dos espaços de uma forma específica, sem a privacidade das famílias burguesas, modelo construído em meados do século XIX e seguido até os dias de hoje⁷³. Aliás, nem sempre todos os moradores da casa têm laços familiares: são os laços afetivos que prevalecem nesse co-habitar.

Se pensarmos a casa como representante simbólico do Eu, temos aí uma população muito permeável aos fatores externos. Eu não poderia ser uma invasora como os cheiros, e insetos, mas deveria entrar como convidada, quando elas permitissem. Queria compartilhar dessas histórias para poder recontá-las com elas, somando outros elementos e não roubar-lhes sua história para eu contar. Como uma mãe que não deve ser invasiva nos cuidados com seu bebê, eu também não podia fazer o mesmo, deveria respeitar os limites, mesmo que tênues.

Em alguns barracos vivem várias famílias cada uma em um quarto com a cozinha e o banheiro comuns, algumas vezes fora do barraco. A própria favela vai se infiltrando nela mesma, pelos becos que nela se fazem; prática do surgimento das invasões e favelas, que acontecem nos becos e vielas da cidade. A proximidade oferece uma experiência de segurança para alguns, “na favela todo mundo se conhece, se ajuda (...) na favela me sinto seguro”⁷⁴, diz um jovem morador de uma favela em Belo Horizonte, em uma oficina sobre cidadania. Contudo, a falta de espaço nas próprias casas empurra seus moradores para fora delas. Estas pessoas que foram expulsas do convívio da cidade, têm um convívio com seus vizinhos, pois agora têm a viela que vira passarela, lugar de convívio desses povos.

⁷³ POSTER, M. Mudanças na Estrutura da Família. In: Poster, M *Teoria Crítica da Família*, Rio de Janeiro: JZE, 1979.

⁷⁴ ALVARENGA, C. Cadê A Favela? Experimentando Sentidos Inabituais, *VI Encontro Psicanalítico da Teoria do campos – Meditações Clínicas: Diálogos Possíveis*. São Paulo: CETEC e SBPSP, 2010

As crianças brincam na rua, entre as casas, este é o espaço comum de brincadeira, o espaço social. Ao mesmo tempo, mulheres e homens ficam na frente das casas conversando. E é esse convívio que dá a experiência de confiança, pois “todos se conhecem”, como disse o jovem acima. (É claro, que isso não pode ser entendido literalmente, ali mesmo escuto muitas vezes as mulheres perguntando quem é uma criança, ou mesmo outra mulher.) Da mesma forma que as crianças de antigamente faziam, brincavam na rua, tinham seus amigos na rua e os vizinhos estavam sempre juntos, as mulheres ficavam nas portas conversando enquanto tomavam conta das crianças. Hoje essa prática foi levada aos condomínios, as crianças brincam entre si, em um espaço fechado o que dá a experiência de segurança, mas os adultos não convivem tanto, foram se restringindo às suas casas. A segurança das crianças dos condomínios parece estar na delimitação dos espaços – crianças da mesma escola, assim como do mesmo condomínio – e não no conhecimento entre as pessoas, como expressa o jovem.

Muitas vezes as crianças ficam a cargo de outras crianças maiores ou mesmo de mulheres disponíveis no momento. É claro que dentro da favela há as preferências entre eles, nem todos compartilham da amizade de todos, e mesmo morando em uma favela de apenas uma rua, pode-se perceber as divisões de espaço. Na favela do Beco Nove em especial as divisões são consideradas pelas curvas que ela faz. Quem mora em uma entrada quase não tem contato com os moradores da ponta oposta. Muitas vezes, relatam que não vão ‘daquele lado’, pessoas do início do beco, não têm muita relação com os moradores de perto da ‘praça’.

Por essa viela espalha-se o comércio, casas, igrejas, e uma pequena “fábrica” de caixas, na qual quase todos os operários são pessoas da própria comunidade, uma pequena praça, espaço de brincadeira das crianças durante o dia e de festas nos finais de semana.

A rotatividade de casas é grande, sempre estão mudando de um barraco para outro. Isso pode ser fruto de uma melhora/piora na condição do proprietário do barraco – o tamanho do barraco ou o material de que é feito, próprio ou alugado e mesmo o valor do aluguel do imóvel são fatores de mudança. Algumas pessoas detêm vários barracos, por isso gozam de maior poder dentro da comunidade.

Essa especificidade provocou uma curiosidade... quem são essas pessoas, como vivem... parecem arredias ao nosso convívio... isso fez com que a instituição fosse conhecer essa população.

COSTURANDO UM LUGAR

Fui chamada para coordenar uma oficina de bordado, nesta favela. Por que uma bordadeira-psicanalista e não apenas uma bordadeira? O que tinha de específico nesse trabalho, qual era o meu lugar? Minha primeira tarefa era constituir o grupo. Um grupo que já existiu um dia e se desmanchou com a demissão da profissional anterior, esta sim uma bordadeira. A maneira desse grupo responder a uma demissão era não usar o serviço, fato que presenciei posteriormente. Até aquele momento eu nada sabia, o grupo por identificação se retirava da instituição também, eles perguntavam porque da demissão dos funcionários mas não escutavam a justificativa, falavam em greve, manifestações, o que não chegava a acontecer, mas se retirar do local, isso sim, faziam. A demissão da bordadeira anterior, provocou a mesma reação, um esvaziamento do grupo. A instituição sabia que não podia confrontá-las, assim preferiu outra intervenção. Estava explícito que o diálogo estava barrado, e num primeiro momento só era aceito o olhar da comunidade.

Como restabelecer o diálogo? Chamá-las para bordar não surtiu efeito, foi o que fiz da primeira vez em que compareci ao local. Não era esse o chamado esperado por elas. Passei a questionar meu lugar, poderia usar meu conhecimento como psicanalista para entender o que elas queriam? Qual seria a intervenção?

Jurandir Freire Costa⁷⁵ ao discutir sobre violência e psicanálise, toma L. Martins em seu artigo sobre a geração AI-5, que se traduz em atos violentos como desrespeito aos direitos dos cidadãos em nome da segurança nacional. Diante desse contexto sócio-político, os jovens, em sua maioria pertencente à elite urbana, eram impelidos a recuperar sua condição de sujeitos. Dentre os atos dessa busca, Martins vê uma conversão dos conflitos sociais em dilemas pessoais, e discute a partir daí o modismo psicanalítico, e se pergunta quem deve ser submetido a análise. Seguindo essa linha, o autor reflete sobre a demanda psicanalítica apropriada da demanda artificialmente criada pela deformação social. Neste sentido é que me perguntava se eu poderia usar a técnica psicanalítica naquele grupo?

Jurandir F. Costa, ao refletir sobre essa observação de Martins, questiona o conceito de demanda apropriada e demanda artificial e diz que para este autor apenas o sofrimento psicopatológico seria apropriado, colocando do outro lado o sofrimento proveniente dos problemas sociais, este não seria um sofrimento lícito para o profissional acatar. Para Jurandir F. Costa, não há essa divisão, uma vez que há

⁷⁵ COSTA, J. F. [1984] *Psicanálise e Violência*. Rio de Janeiro: Ed Graal, 2003. pp. 159-84.

elementos comuns entre um e outro – não podemos esquecer que o indivíduo está dentro de uma família, que já é uma micro-sociedade, com um funcionamento político específico, ou seja, não há como reduzir o indivíduo nele mesmo. No entanto, se fui chamada como psicanalista e bordadeira, entendia que deveria usar esses dois ofícios.

No livro *A Vida Criativa em Winnicott*, Beatriz Mizrahi⁷⁶ contrapõe o modo de governabilidade das sociedades modernas (tomando a discussão de Foucault), ou seja, as intervenções reguladoras invocadas em nome do bem-estar coletivo, e o acolhimento à vitalidade criativa e daí a oferta de espaços consistentes para que isto aconteça, tão bem discutido por Winnicott.

Foucault, no texto analisado por Beatriz Mizrahi, observa que lideranças governamentais modernas mudaram o foco: do aumento da propriedade para o bem estar da civilização que nela habitava, isto é, na modernidade os governos estão preocupados com as pessoas e não mais com as terras. Esse novo objeto de organização social, faz com que os governos instaurem estratégias de controle, em nome do bem-estar social. Esse modo de governar retira dos indivíduos a relação com os outros indivíduos – a relação se dá entre o governo e cada indivíduo - fragmentando a vida individual e coletiva.

Voltando ao lugar que deveria ocupar no barraco, como bordadeira ou psicanalista ou esta função acoplada, penso que ali, a situação da demissão também remete à uma discussão política – a fragmentação da vida. Nesse modo de governar, está embutida a crença, diz Foucault, de que há algo no homem de disruptivo, ameaçador, e é isso que deve ser controlado, para tal faz-se leis controladoras. Em contra-partida, o Estado ofereceria mecanismos de inclusão e reconhecimento.

Retomando a discussão de Jurandir F. Costa a esta de Beatriz Mizrahi, penso que não estaria convertendo uma questão social em uma demanda psicanalítica, mas me colocando em um lugar que posso escutar essas questões sociais refletindo nessas pessoas.

Esta população, moradora da favela **do beco 9** está, como toda a sociedade, sujeita a medidas reguladoras, no entanto, a estes não são oferecidos serviços de reconhecimento e inclusão. Enquanto à população do entorno são oferecidos serviços básicos de proteção a segurança, a esta parcela específica, estes serviços estão ausentes. Restabelecer o diálogo não seria devolver um bem da civilização – o

⁷⁶ MIZRAHI, B. G. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 25 e segs.

reconhecimento, a possibilidade da fala a um grupo que está privado dos direitos de cidadão?

Já que me colocava como psicanalista também ali naquele contexto, penso que da mesma forma que convidamos o paciente a abandonar suas certezas, ao enunciar a regra fundamental, e os analistas se colocam em posição de indagação, será? por quê? como assim?, assim devia me posicionar diante daquele grupo, ensinando bordado em uma posição ativa de reconhecimento das ideias, espaços, questões, sim podendo incluí-las como bordadeiras e pessoas.

Nesta postura seria possível o diálogo naquele espaço, questionando o que subverte a ordem, o estabelecido, mas que naquela situação de privação se organiza de outra forma. Despir-se dos pré-conceitos e dialogar com a lógica do outro. Por que com tão pouco espaço e dinheiro se compra uma geladeira de última geração? Não invadir, nem ignorar, não dominar, nem desautorizar, mas estar junto com o diferente numa posição de interesse e disponibilidade. Dentro da minha lógica financeira e estética, não cabe uma geladeira tão grande em um espaço reduzido, nem em um orçamento tão pequeno, mas faz sentido dentro da organização daquelas pessoas. Uma geladeira ocupa um lugar simbólico dentro da cadeia associativa, e dialogar com essa diferença numa posição de escuta interessada, atenciosa, era o que eu poderia oferecer.

Beatriz Mizrahi busca em Foucault conhecimento sobre os contextos relacionais que facilitaram certo modo de subjetivação capazes de resistir ao poder. E, deixa para Winnicott a discussão das condições de acolhimento necessárias para dar sustentação a qualquer expressão de liberdade. Segue a autora dizendo que esta discussão ganha importância ao refletir em como combinar a crítica ao estado que deve promover elementos mínimos de proteção social, necessários para que as pessoas alcancem certo grau de autonomia e liberdade, e com isso possam efetivamente resistir politicamente.

Como ter autonomia se as condições básicas de sobrevivência estão ameaçadas? O biopoder impulsiona os cidadãos a procurarem sozinhos seu bem-estar, diga-se educação e saúde, comprando-os, mas esta população não tem acesso ao mínimo o que dificulta a autonomia.

Estas questões me sustentavam a oferecer cuidado a esta população tão descuidada, a quem a autonomia está negada, uma vez que nem a cidadania lhes é assegurada. Eles vivem nos espaços abertos pela sociedade, mas não são chamados a ocupar, precisam invadir. E são tratados como pessoas que não foram convidadas a estarem naquele lugar. Diz Moura Gonçalves Filho, que

“(..)o proletário não é humilhado porque sente ou imagina sê-lo: o sentimento [de humilhação] e a imaginação estão fincados numa situação real de rebaixamento (...) A humilhação é uma modalidade de angústia que se dispara a partir do enigma da desigualdade de classes. Angústia que os pobres conhecem bem e que, entre eles, inscreve-se no núcleo de sua submissão”⁷⁷.

Os pobres sofrem frequentemente o impacto dos maus-tratos, como o impacto de uma mensagem estranha, misteriosa: “você são inferiores”, contudo isso não é dito, ela vem velada, nos comportamentos, nos encontros. Morar na favela faz parte desses maus-tratos.

Morar na favela é estar excluído das políticas públicas de habitação, enquanto se discutem regras de moradia para diversos bairros, política de financiamento de casas e lotes, a essa população não há discussão, as regras são deles mesmos. São amontoados de casa que não seguem regras de espaço, os serviços básicos nem sempre estão disponíveis, como explicitiei anteriormente – nesta em particular somente há a coleta de lixo – é a condição de favelado: a privação de cidadania. Ao fazerem política está se escolhendo a quem serão dados os serviços básicos e quem estará à margem deles, e esta é uma população que está à margem... à margem da pobreza, à margem da miséria, às margens dos serviços de saúde. E daí a necessidade de criar redes internas para suprir as próprias necessidades. Se não há distribuição de energia, “faz-se gatos”⁷⁸, a mesma coisa com a água, puxa do cano da rua... se não há esgoto público, faz-se fossas, ou joga-se a água nas vielas... e assim a população da favela vai aprendendo a “se virar” longe do poder público, mas com muita solidariedade, esta é a palavra que reina nesse lugar.

Apesar da precariedade, há mulheres que são lavadeiras – lavam e passam a roupa das casas que provavelmente têm água encanada e energia elétrica. A ambiguidade se mostra também nessa esfera: é essa população que faz a limpeza da roupa da sociedade extra-favela. Quem está fazendo o “gato”, isto é, roubando água e luz? Enquanto estão na sujeira, limpam e organizam a vida das pessoas do outro lado da sociedade.

Um dia ao chegar, chovia muito e fazia muito frio. A viela é estreita o que impede abrir um guarda-chuva, por outro lado, os telhados pingam sobre você. No chão a água fica empoçada, não há local para onde escoar a água. Minha vontade era de estar longe dali. Pensava em cada bebê que tinha nascido nos últimos meses... era inevitável refletir sobre essa situação que me trazia um paradoxo, o de oferecer

⁷⁷ GONÇALVES FILHO., 1998, p. 22-23.

⁷⁸ Esta é uma expressão usada para designar a captação clandestina de energia (ou outro serviço) dos postes da rua.

aconhego em um lugar tão inóspito, frio, gelado, como incluir se ali me sentia também excluída. Como Winnicott postula a capacidade de estar só na presença de alguém, ali se desenhava a mesma possibilidade... enfrentar sozinha (sob os olhos da instituição) aquela situação, sem me deixar congelar pela situação.

A dialética do capitalismo faz ricos e pobres, excluídos e incluídos, e ainda estabelece quem deve viver e quem deve morrer. Este poder de incluir-excluir está calcado na necessidade de “deixar a vida do coletivo mais ‘plena’ e ‘sadia’”⁷⁹,⁸⁰. Estes, os moradores da favela, são privados dos serviços básicos; como diz Beatriz Mizrahi, foram os escolhidos para serem os excluídos. Como ter saúde sem água tratada? Ou sem esgoto? e conservar alimentos sem energia elétrica? Uma casa sem ventilação dificulta a proteção das pessoas, as infecções são facilitadas, uma vez que as casas ficam úmidas, mal-cheirosas, e as frestas permitem a entrada da luz, mas também pequenos insetos ou roedores, que passeiam sobre os alimentos, que não têm local apropriado para serem guardados.

A sociedade age como se fosse uma escolha deles, esquecemos que a cidade não comporta e nem oferece habitação a todos. São pobres porque não trabalham, são vagabundos, mas há empregos para todos? São preguiçosos, por isso não vão à escola, mas há vagas nas escolas públicas? Há vagas nas creches para as mães poderem ir trabalhar?

Podemos ver a verticalização das moradias, e o encurralamento da população pobre para os limites da cidade. Nesse espaço, que já não cabe nada, em que o espaço é pequeno e não comporta todos, e também não há dinheiro para construir casas para todos, ‘eles se viram’.

Suzana Pasternak ao discutir a profissão de arquiteto traz a tona a questão de auxiliar no combate a intolerância e daí reflete sobre a criação de espaços que proporcionem convívio com o diferente. Diz ela,

“Este convívio conduz à aceitação da diferença, ao contato com o distinto, ao conhecimento de outras formas de ser e de pensar. E essa aceitação e convívio com o diverso é valor democrático forte, importante para nossa sobrevivência enquanto sociedade e como indivíduos. A cidade não-segregada e diversificada ensina a ver outras pessoas, outras idéias, outros grupos. Traduz-se como local do convívio, e o convívio com a diversidade reflete-se na aceitação do diferente. (...) E, para criar espaços de convívio, necessita-se conhecer os espaços do homem, desvendar a relação entre espaço e

⁷⁹ MIZRAHI, 2010, p. 34.

⁸⁰ ROSA, M. D. , M. D. Uma escuta das vidas secas. In *Revista de Psicanálise TEXTURA*, São Paulo – Ed Álgama, nº2, 2002.

sociedade, entender as relações entre essas duas dimensões e suas mediações”.⁸¹

Nesse desenho de sociedade, como nos apresenta Foucault, não oferece espaço de convívio com a diferença, mas empurra-a para trás dos muros. Quando são empurrados para fora da sociedade eles se infiltram, nos terrenos baldios, nos becos, como essa favela, é o gesto de pertencimento deles.

Foucault, ao discutir sobre o que é um autor, percebe a necessidade de refletir acerca da função do autor, sobre o que lhe confere esse título. Assim, define algumas características. Dentre elas, ele diz que o texto traz certos signos que remetem ao autor, ou seja, é o estilo da escrita que revela o autor⁸². Da mesma forma, há uma estética que revela a favela. Se no texto são os pronomes pessoais, os advérbios, as conjugações, nas favelas são os materiais, as formas dos barracos, a ocupação dos espaços que distingue uma favela de outras. Alice, uma mulher jovem, mora com seu marido, tem mais duas irmãs na mesma favela, diz: “queria mudar pra favela do Jaguaré, lá é muito melhor”. Alice mostra com sutileza a diferença entre as favelas.

Eles podem ficar à margem, mas não fora, oferecem-lhes o lugar de não-cidadãos, sem direito a nada. Nesse movimento, pede-se um preço alto. Quando se manifestam, colocam-se como cidadãos pedindo o olhar do poder público – em um incidente: enchentes ou incêndios –, reivindicando seus direitos de cidadãos, a sociedade trata logo de devolvê-los para seu lugar: a polícia aparece mas logo os silencia. Nesses momentos que eles entram na sociedade, se mostram, invadem, ou ‘inundam’, é esta a forma encontrada para serem escutados.

Nesse momento, são colocados as necessidades básicas, ou cuidados básicos, em evidência. Mas pelo estranhamento, ou seja, não reconhecimento, as pessoas são devolvidas para seus lugares de estranhos a essa sociedade. Freud em seu texto *O Estranho*⁸³, vai explicar que quando percebemos uma ideia ou coisa como estranha é porque houve uma cisão egoica, e parte dessa idéia foi recalcada por isso não reconhecemos como nossa, e ainda estranhemos por ela ser próxima, ter alguma afinidade conosco. Escreve ainda que essa idéia faz parte de um estágio mais primitivo, quando ele ainda tinha um caráter mais amistoso, e depois vira demoníaca. A volta dessa ideia recalcada causa estranheza além de evocar uma sensação de desamparo, como as experimentadas nos estados oníricos.

⁸¹ Pasternak, 2006. http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-95542006000100012&lng=pt&nrm=iso. acessos em 29 jun. 2011.

⁸² FOUCAULT, M. [1969] O que é um autor. In: *Revista Litoral*, nº9, Paris: Ècres, 1983, p. 17.

⁸³ FREUD, S. [1919a] O Estranho. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*, Rio de Janeiro: Imago 1986, Vol. XVII. pp. 275-319

A sociedade oferece bons exemplos dessa cisão, coloca os pobres e mendigos em hospícios, mais tarde são as prostitutas que vão para os hospitais, depois segrega-se a doença em nome da saúde, e assim segue.

A vida na favela está muito próxima à experiência de sobrevivência básica. Há necessidade de comida, de higiene, que pode ser traduzida pela falta de saneamento básico, por isso nosso estranhamento daquela vida tão próxima à nossa. As moradias ilustram essa miséria de cuidado e a resposta imediata que se segue à pulsão de auto-preservação. Aquele cheiro, aquela falta de organização, como se vivessem sempre no princípio do prazer... dormem até tarde, fazem festa sempre, são preguiçosos, sujos... Para suportar nosso desprezo temos de colocá-los para fora de nosso olhar e ainda estranhar aquele modo de vida.

São assim excluídos do olhar da sociedade, como se tivesse uma norma da qual eles estão fora⁸⁴. Fora de quê? Das redes de emprego... E elas existem, acolhem a todos? Um bem na sociedade brasileira é a “carteira assinada”, mas vemos estampada diariamente nas capas dos jornais a dificuldade em ter esse ‘bem’, aquela população, muitos têm “que se virar” para poder oferecer comida a seus filhos, da mesma forma como outros não moradores da favela. Pegar frutas e verduras que sobram dos caixotes do mercado é uma prática comum. A favela vive de “bater caixa”, ou seja, pregar madeiras na produção de caixotes para os produtos vendidos no entreposto, homens, mulheres, crianças... muitos batem caixa, outros “se viram”.

A vida do bandido, como escreve Agamben é, em vez disso, um limiar de indiferença e de passagem entre o animal e o homem, a exclusão e a inclusão: lobisomem, ou seja, nem homem nem fera, que habita paradoxalmente ambos os mundos sem pertencer a nenhum, e como tal pode ser morto sem que alguém tenha culpa por isso^{85 86}.

TECENDO, COLORINDO, CUIDANDO

Não utilizar meus conhecimentos de psicanálise naquele espaço seria novamente excluí-los pela condição em que vivem, no entanto penso que poderia me

⁸⁴ BAUMAN, Z. Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar às prisões. In: BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 50.

⁸⁵ AGAMBEN, G. O Bando e o Lobo. In: AGAMBEN, G. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*, Belo Horizonte: Ed. UFMG 2002, p.112.

⁸⁶ Podemos também lembrar as chacinas que acontecem nas periferias da cidade.

colocar em posição de escuta analítica ali, naquela condição precária tanto para mim, quanto para elas. Não podia me deixar ficar identificada e assim imobilizada pela situação, mas devia deixar-me impregnar por aquela situação para oferecer algum amparo, ser o continente de um pouco de angústia. São esses modos que queremos compartilhar, estabelecer a partir de nós mesmos esse diálogo, multiplicar os pontos de vista. J. Moura Gonçalves F^o, ao comentar sobre seu trabalho com a população carente da Vila Joaniza, enfatiza que “interessa a multiplicação de pontos de vista e não o seu nivelamento: o encontro e desencontro de pensamentos, não sua igualação”⁸⁷. Assim, meu trabalho de bordadeira ganha também um colorido com a psicanálise, ajuda-me a pensar na condição daquelas mulheres e além de bordar poder intervir.

Ali sou a diferente e não eles, sou eu que preciso escutar mais do que questionar. Poder me deixar invadir pelos cheiros e sons daquele espaço, olhar para aquele amontoado de tábuas e fios e promover o encontro e desencontro desses mundos. Assim talvez eu possa devolver a fala, oferecer a experiência de liberdade e autonomia tecida por Beatriz Mizrahi a partir do pensamento de Winnicott e Foucault.

Como entender essa lógica? Estando perto, mas de que forma? Era necessário poder estar junto, somente desta maneira seria possível dialogar e aprender sobre o funcionamento daquela micro-sociedade.

Muitas tentativas foram feitas pela instituição (reuniões de pais, visitas familiares, etc) a fim de se aproximar das famílias dessas crianças, entretanto essas atividades se mostravam inadequadas, foi então que surgiu a ideia de trazê-los para ocuparem as oficinas oferecidas para os filhos deles no período da noite. As mães e pais foram convidados a irem à instituição no período da noite para aprenderem a bordar ou construírem objetos de madeira, duas atividades oferecidas às crianças agora ao alcance dos adultos, como uma atividade lúdica. A proposta dos adultos frequentarem as oficinas era de estar perto das pessoas daquela comunidade, escutando seu jeito de viver, a fim de conhecer a lógica, esse cotidiano, o modo de cuidar e se relacionar com as crianças e adultos. A instituição se abriu para as famílias, pois os adultos podiam levar os filhos para ficarem junto, uma vez que seria difícil saírem à noite e deixarem os filhos sozinhos.

Instituições voltadas às crianças estão presentes no cotidiano, entretanto serviços para os adultos é mais difícil de encontrar, e esta é uma população muito descuidada; descuidada do poder público, que foi descuidada pelos pais e por eles mesmos. Se lembrarmos que Foucault ao analisar o biopoder mostra que na

⁸⁷ GONÇALVES FILHO, op.cit. , p. 22

modernidade o bem-estar passa do estado para as mãos dos cidadãos, entendendo por bem-estar também o aprimoramento pessoal, esta seria uma forma de oferecer esse bem.

Algum tempo depois, essas mesmas oficinas foram levadas à favela, transpondo a avenida e alocando-se dentro da viela, em um barraco, após a instituição perceber que havia pais que não frequentavam a sede.

Este é um movimento importante, ao perceber que a instituição é que os quer perto, vai ao encontro deles, não são eles que têm que ir até a instituição. Instituíu-se o caminho de ida e volta: quando a instituição queria a visita deles, ia até lá, quando eram eles que queriam, podiam ir até a instituição. Abre-se um espaço, outras 'vuelas' podem ser ocupadas.

Foi para o trabalho neste barraco que me chamaram. Minha função era de ensinar o bordado, mas também estar com elas, conversar, escutar, conhecer.

O grupo foi se constituindo e aprendendo o ofício do bordado. Neste contexto, resgatava uma prática das mulheres que é a costura, assim como possibilitava a elas o aprendizado ou desenvolvimento de um ofício que poderia facilitar a reinserção social. A ideia era ensinar uma atividade que pudesse ser aproveitada por elas. Sabendo da necessidade financeira, o bordado poderia se transformar em uma atividade remunerada. Algum tempo depois, nasceu uma cooperativa a qual recebia encomendas de jogos americanos, toalhas, caminhos de mesa etc, e também vendia em feiras de artesanato, proporcionando uma renda complementar às mães-bordadeiras. Outro lugar para elas ocuparem.

Este grupo está em atividade desde 2005, sempre com a mesma bordadeira, e a instituição conseguiu algumas benfeitorias para a comunidade. Há um espaço-praça com alguns brinquedos para as crianças, atividades para as crianças que não frequentam a escola, coleta de lixo dentro da favela, ajudou-os a se organizarem para deixarem o lixo fora das casas para a coleta e para isso foram instalados cestos pela viela... e o grupo de bordado. É a sociedade olhando para seus "monstros internos", aqueles que Freud fala no seu texto que por um mecanismo de defesa cindimos e deixamos lá, reprimidos. As mulheres do bordado vêm mostrar essa falta de cuidado a que estão sujeitas, e Joana nesse gesto de sentar perto, vem pedir isso. A vida na favela parece tão longe da realidade social, e, no entanto, é a vida crua, são as necessidades primárias pedindo para serem satisfeitas – uma casa adequada, proteção e comida. É essa nossa repulsa, é tão próximo que nos fica estranho, como colocar no colo uma criança suja, ou abraçar uma mulher mal-cheirosa, acariciar mãos grossas, acostumadas ao trabalho pesado.

Aquela população não tem a proteção do estado – faltam-lhes os cuidados básicos –, sobra se organizarem para conseguir a proteção de alguém – um chefe da favela⁸⁸. É este que organiza e disponibiliza os serviços e ajuda nas disputas de espaços. Agora retira-se a bordadeira... uma pessoa que conquistou a confiança das mulheres, que fez a ponte entre a casa delas e a instituição, ou seja, colocou-as fora da exclusão por algum tempo, cuidava delas, dava-lhes a atenção necessária por alguns minutos, e coloca-se uma outra pessoa – quem é esta outra mulher? Na favela, era a outra bordadeira que tinha permissão para fazer o trabalho, foi ela que conquistou o lugar.

“Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle.”⁸⁹

Da mesma forma que Calvino, eu deveria voar, e tentar transformar minha prática de bordadeira-psicanalista em favor delas. Não estava ali para ensiná-las porque eu queria simplesmente, mas achava que esta atividade poderia ajudá-las e como tinha esse diferencial de ser psicanalista como poderia me colocar para que isto ocorresse?

Seria fácil entrar na competição como fez Palas ao enfrentar Aracne, como nos narra Ovídio, no *livro VI* no poema de Aracne.⁹⁰, mas não era esse o caso... ali não precisa ser a melhor, mas dever-se-ia tecer com destreza as relações entre elas e mim. No mito Palas tece a disputa do nome do país, já Aracne tece as perdas das mulheres, nos enganos que são envolvidas e arremata com finas flores e heras entrelaçadas. Era sobre as perdas que se devia pensar, pois ali havia uma perda e talvez um engano.

Ali, como bordadeira-psicanalista, entendi que não era apenas uma atividade para desenvolver a coordenação motora e aprender um ofício, mas tomando as oficinas⁹¹ de saúde mental no seu sentido original (dos hospitais psiquiátricos) subverti

⁸⁸ FREUD [1913] Totem e Tabu. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. vol. XIII.

⁸⁹ CALVINO, I. Leveza. In CALVINO, I. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 19.

⁹⁰ OVÍDIO (1 a 8 d.C), Livro VI, versos 1 -145. In: OVÍDIO, *Metamorfosis*, Madrid: Alianza Editorial, 2000.

⁹¹ A oficina é um recurso utilizado nos processos de desinstitucionalização das pessoas com transtornos mentais. Servem para promover a reinserção social oferecendo aos pacientes psiquiátricos atividades que envolvam trabalho de grupo, a confecção de um produto, uma continuidade e uma nova relação terapeuta-paciente. Esta relação visa à comunicação e a experiência de pertencimento, para a qual o sujeito deve ser inserido no grupo de forma a

também a ordem e me coloquei ali a escutar o sofrimento ou as alegrias daquelas mulheres, pois era difícil esquecer a riqueza simbólica do bordado. Este que é um jogo de entrelaçamento ordenado de linhas, um movimento muito coordenado, de ir e voltar, prender-se para não se soltar, fazer um desenho, criar um espaço de fantasia. A arte de bordar refreava a exclusão e colocava-as na roda novamente, se eu pudesse fazer um gesto de incluí-las, fosse escolhendo junto os desenhos, ou cores, ou ensinando outros pontos.

Podia ver nas sacolinhas as linhas emaranhadas que aos poucos eram resgatadas por elas, e ganhavam ordem no contexto do bordado... como uma ilustração do processo psíquico proposto por Freud em 1898. Ele descreve nossa vida psíquica como uma cadeia lógica, estratificada concentricamente, mas essa, corresponde “a um sistema em ramificação de linhas”⁹². Ele fala ainda em pontos nodais, como acontece com as linhas embaraçadas umas nas outras. Como sugere Freud, as dificuldades eram dissipadas, e não rompidas, e ganhavam outro lugar. Era similar ao que ocorria naquele emaranhado de linhas, era necessário paciência para “resgatar” uma cor, tirá-la daquele amontoado para dar-lhe outro destino. Assim é que pensava meu trabalho, além de ajudá-las na aprendizagem de novos pontos, no desenrolar da linha e transformá-la em bordado, podia ajudá-las a reconhecer suas potencialidades.

As mulheres começavam a aprender a bordar ali no barraco instalado na favela, após ganharem familiaridade com a atividade podiam passar a frequentar o espaço do bordado na instituição, se assim quisessem, no tempo delas. O importante era estar ali, junto, bordando um diálogo.

Joana faz parte desse grupo de bordado do barraco-escola (como é referido na instituição), para o qual entrei após a demissão da bordadeira anterior. Ela está no grupo há algum tempo, já fez parte da cooperativa e depois da demissão, ela interrompeu sua participação, retornando agora ao barraco.

Quando fui trabalhar nesse local, a direção da instituição avisou-me que a saída da bordadeira havia provocado raiva... e elas falaram que não deixariam entrar ninguém no lugar. (Final quem manda na favela, não se mudam as regras assim! De alguma forma estavam fazendo uma resistência política, exercendo sua liberdade e

exercitar seu livre pensar, sua capacidade de planejamento e execução. Ali, na complexidade do trabalho profissional de diferentes áreas atuam juntos e “experimentam os limites de seu saber a cada encontro e que, dispostos a lidar com sua prática artesanal, não recuam diante dos impasses que a falta inscrita em seu campo interdisciplinar lhes coloca, mas ao contrário, operam a partir dela” (Rickes 2006).

⁹² FREUD, S. [1893-5], p. 346.

autonomia para tal.). A instituição habilmente, por já estar instalada nesse local há alguns anos, esperou algum tempo para depois me chamar. No meu primeiro dia, compareceram várias mulheres, começaram bordados novos, me ajudaram na cópia dos desenhos⁹³, mas depois desapareceram na segunda vez que fui lá bordar. Assim, se sucederam várias vezes, no entanto uma ou outra, mostravam essa ambiguidade, vinham até mim para pedir linha, mas não queriam ficar.

Elas me faziam sentir que ali não era meu lugar, o que de fato estavam certas, eu não sou uma moradora da favela. Estar ali era um aprendizado, andar naquela viela estreita, com as tampas de esgotos um pouco bambas, poças de água... algumas vezes com mau cheiro insuportável dos esgotos, ou com chuva quando a viela enchia de água, os telhados pingavam e o guarda-chuva não cabia naquele espaço. Para mim era claro, podia estar ali por um momento, para desenvolver meu trabalho, depois iria para o aconchego do meu lugar. Elas não, estariam ali por um tempo indeterminado, com aqueles obstáculos e odores.

Depois de algumas vezes sem comparecer nenhuma mulher no barraco e ao vê-las na frente das casas, conversando, desfrutando de uma intimidade que a mim era vetada, fui ao encontro delas. Convidei-as a bordar e elas responderam, *cansei de bordar, vou dar um tempo*. Esse era o protesto delas. Será que é este o gesto que confere autoria a estas mulheres, o não fazer? Como o gesto da horda primeva que os fez cidadãos após o gesto ativo de matar o pai, não querendo bordar elas existiam, e não se submetiam à ordem estabelecida. Enquanto Foucault fala do gesto de autoria⁹⁴, Winnicott apresenta o gesto como uma criação, que faz o bebê “onipotente” diante do mundo. Para este autor, o gesto surge por uma necessidade instintiva que deve ser experimentada como si mesmo, nele comparecem a motilidade e elementos eróticos. Si mesmo: ação, corpo vivo, corpo erótico que se faz vivo a partir do ambiente ofertado pelo colo materno. É o gesto que articula as necessidades do ego e do id, e assim contém a experiência de onipotência⁹⁵. Talvez nesse gesto de dizer **Não** a mim, como fazem as crianças, elas recuperavam sua voz, não se submetiam.

Elas, que estão acostumadas a não serem reconhecidas junto com seus filhos, parceiros, amigos que fazem parte da sociedade excluída das políticas, dos mapas da cidade, aqui fazem esse gesto para marcarem seus lugares e assim recuperar a

⁹³ Os bordados têm riscos prévios que estão desenhados em papel sulfite. Cada mulher escolhe o desenho que quer bordar o qual é passado para o tecido com ajuda de um papel carbono. É um processo demorado uma vez que após serem passados, deve-se checar se todos os traços do desenho estão visíveis para a bordadeira.

⁹⁴ FOUCALT, 1983.

⁹⁵ WINNICOTT, 1960 Distorções do Ego em Termos do Falso e Verdadeiro ‘Self’. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processo de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

cidadania que por ora, pela demissão que não concordavam, acharam que tivessem perdido.

Eu sabia que devia dar tempo para entender aquelas mulheres! Teria que bordar minha vida na delas! Mas como? *“É a minha vida que eu quero bordar na sua... Como se eu fosse o pano e você fosse a linha (...) e agulha do real nas mãos da fantasia fosse trançando nosso dia-a-dia”*, como canta G. Gil⁹⁶.

A instituição quando propôs a oficina e depois ofereceu subsídios para a formação da cooperativa, pretendia dar autonomia àquelas mulheres tão acostumadas ao assistencialismo. Por que oferecer autonomia?

Os cuidados maternos visam à autonomia da criança. Primeiro a mãe ensina a criança a andar, isso já possibilita que esta se movimente sozinha, depois ensina a linguagem, o que permite se comunicar com os outros, compartilhe assim um código comum. Ali, oferecer autonomia seria dar liberdade para a movimentação das mulheres como donas de seus destinos, ir construindo sua carreira como bordadeira. Moura Gonçalves Filho seguindo o pensamento de Arendt escreve que

“(...) as condições para a vida humana, são decisivamente, condições que garantem a *comunicação* do homem com os outros homens e com o mundo: são condições que garantem a ‘palavra’ e o seu mais livre exercício. Palavra pela qual os homens retomam e re-significam pessoalmente o sentido de suas ações e de seu mundo comum. A palavra é ingrediente decisivo na *realização* da vida humana”.⁹⁷

No entanto, ali no barraco ninguém falava! Falava-se fora dele. E Joana quando chega, fala, mas depois se cala, põe a mão no rosto e espera.

O que será que elas entenderam? Assim como eu deveria aprender a caminhar pela favela, elas deveriam aprender a andar pelas vias da sociedade extra-favela. Os desenhos deveriam partir delas após algum tempo e mesmo a combinação das cores, mas parece que não foi compreendido assim. A saída da bordadeira anterior as expôs de fato ao desconhecido, como se a recusa por mim, fosse a recusa por um outro lugar – desenharem, apresentarem o que sabiam de desenho, de estética – a um encontro com o desconhecido: seus ponteciais.

A diferença é muitas vezes vista como uma desigualdade que confere poder para um em detrimento do outro, contudo como diz Gonçalves Filho, não interessa o nivelamento, mas o encontro e desencontro de pensamento. M. Debieux Rosa⁹⁸, ao comentar seu trabalho com os meninos infratores, lembra que o silêncio é resposta pela falta de recursos deles, e não resistência como poderíamos pensar, o que pode

⁹⁶ A Linha e o Linho – música e letra de Gilberto Gil.

⁹⁷ GONÇALVES F^o, 1998, p. 33.

⁹⁸ ROSA, 2002, p. 5

nos levar a pensar também com relação a essas mulheres, que a recusa faz parte dessa precariedade, por isso me faz refletir no encontro com o desconhecido, com essa falta. Roussillon escreve que o “estado de desamparo combinado com a preconceção de um objeto de recurso produz um estado de falta, que também é um estado de expectativa e de esperança em relação a tal objeto”⁹⁹, e que se encontrado pode oferecer satisfação à pulsão. Havia uma possibilidade de ser reconhecida, ser cuidada, ou mesmo serem achadas como diz Winnicott, haveria um lugar para elas, elas poderiam ser incluídas.

Não era apenas o bordar passivo, mas um bordar ativo - a possibilidade delas serem incluídas é que me fazia sentido ali naquele trabalho.

Éramos aprendizes dos dois lados assim como monitores-educadores, enquanto eu ensinava-as a bordar, a estimular que elas desenhasssem, escolhessem as cores, para colocarem nas ruas da cidade a estética delas, elas me ensinavam os percalços daquele lugar. Estar ali, conforme nos ensina Rickes¹⁰⁰, era estar aberto a tocar os limites do meu saber, era pôr à disposição delas minhas inabilidades e tecer juntas um caminho comum, sem recuar diante dos impasses que aquele campo me colocava.

Se Joana gostava de bordar, porque teria interrompido essa atividade? Ficava perto, junto com outras companheiras, me olhando de longe. Olhávamo-nos mutuamente, eu vendo sua exclusão e ela vendo meu isolamento.

Poder estar ali, sentindo a solidão que elas me impunham, o descaso delas para comigo, assim como tendo que desenvolver o trabalho pedido pela instituição – como a sociedade pedindo a elas para se colocarem, mas sem dar espaço – deu-me subsídios para ajudá-las na construção da relação, pois eu também sabia/sentia o que elas sentiam quando precisavam sair dos contornos da favela e entrar na sociedade, sem serem recebidas, com o olhar de longe e de desconfiança. Sheila chama o filho de três meses de chato porque chora... Ela diz que ele não pára de chorar com desprezo. Sim, é só isso que ele sabe fazer, mas para ela é pouco, ele deveria fazer outras coisas. Da mesma forma, acontece muitas vezes a essa população quando sai dos seus limites, são tratados com gritos e desprezo da sociedade, como o filho de Sheila, não merecem o olhar, só a repreensão.

Essa era uma grande lição, pois os obstáculos que apareciam não me tiravam daquele lugar, mas eu procurava fazer alianças com uma ou outra mulher de modo a

⁹⁹ ROUSSILLON, 2004, p. 30.

¹⁰⁰ RICKES, op cit, p.10.

me ajudar a enfrentá-los. A falta era sentida por mim, assim como elas sentem no seu cotidiano – há muitas faltas naquela comunidade, a exclusão é uma experiência diária.

Outro grupo foi se formando, mulheres que não frequentavam aquele espaço, passaram a ocupá-lo, vinham fazer seus pedidos de aprendizagem e a oficina retornou. Joana, ainda não participa, mas volta lá para medir a pressão e trocar um olhar com as outras mulheres que estão bordando. Pediram para fazer crochê, o que prontamente permiti. Cada uma tinha uma habilidade, tanto entre a outra bordadeira e mim, assim como entre elas e mim. Aos poucos fui fazendo o crochê voltar para as toalhas de lavabo, e depois bordamos o centro delas. Antes, as toalhas eram bordadas por elas e depois se fazia a barra na máquina de *ajour*, agora elas fazem a barra de crochê e bordam também o centro. Fui costurando das bordas para o centro, primeiro foi necessário fazer o contorno – deixar claro quem eu era, que poderia oferecer meu olhar – para depois bordar, mostrar a habilidade delas para mim e colocar a nobreza do trabalho para ser apreciada, compartilhada.

Aqui tem uma metáfora de inclusão sendo desenhada, e a voz podendo ser ouvida. É o crochê sendo incluído ao bordado, e as barras ganham um novo ‘ponto’, e nós todas estamos incluídas nesse trabalho.

Assim como meus passos ali dentro deveriam ser cuidadosos, ocupar aquele lugar de bordadeira também deveria ser. Não deveria fazer interpretações, desconstruir verdades, mas a questão era restaurar um ambiente de confiança, para aqueles ‘bebês’ que haviam perdido a confiança nos seus objetos primários¹⁰¹. Na qualidade de bordadeira eu podia ser psicanalista, cuidar daquelas mulheres... interessadas nas suas habilidades, seus gostos e necessidades. Viver na favela é uma experiência que deixa as pessoas em alerta.

Ali, eu podia oferecer algum cuidado, olhar de forma diferenciada para aquelas mulheres, como pessoas em quem eu confiava, sabia que tinham habilidades escondidas, ou mesmo esquecidas. Eu era a Flor, o nome que elas tinham me dado, mostrava o conhecimento delas já que me chamo Liz, era uma forma de compartilhar a cultura entre nós. De uma forma sutil, mostravam-me os conhecimentos que tinham. Cada nova integrante do grupo, ao escutar meu ‘apelido’ usavam com naturalidade, mas depois perguntava e elas explicavam este fato.

Não se pode esquecer que naquele trabalho podia apreciar e reconhecer a destreza daquelas mãos acostumadas com o trabalho pesado, que agora deviam fazer um trabalho fino, cuidadoso; assim como do próprio desenho que, todo colorido, ganha forma e beleza para ocupar um outro lugar. São tramas sobre tramas – o tecido que é

¹⁰¹ FIGUEIREDO, 2009, p 77.

a trama de fios, os bordados com seus fios coloridos e eu como bordadeira-psicanalista ia tramando cuidados.

E por que usar riscos já prontos? Ao pedir desenhos próprios, ofereço às mulheres outra possibilidade de linguagem e de olharem para o cotidiano delas, e novas formas surgirem para serem bordadas. Abre-se uma infinidade de possibilidades – cores e riscos! Seria ingênua essa proposta se esquecêssemos que Picasso faz o mesmo no Cubismo – olha para sua realidade e a retrata fragmentada, diferente do que era utilizado até o momento e surpreende a todos.

Dali, daquele tecido simples, em branco, produz-se uma toalha de mesa, uma toalha de lavabo, ou um pano de prato. Um acessório que vai “morar” em outro lugar, feito para enfeitar outra casa. Quem ganha outro lugar? Será que são apenas os bordados? Aquelas mulheres que não têm lugar no mundo fazem bordados para enfeitar outras casas! A trama simbólica desse trabalho é rica e porque não aproveitá-la? Os bordados saem daquele espaço, esquecido ou mesmo recusado pela sociedade, e ganham uma casa, são reconhecidos pela sua beleza fora dos contornos da favela. É uma parte das mulheres, moradoras daquele espaço, que também sai, que também se coloca, se inclui em outros locais, entra na sociedade por outras vias. No grupo eu explicitava essa saída e entrada em outro local, assim podíamos conversar sobre esse outro mundo, o que elas precisavam fazer para estar lá: qual o código desse outro lado e como elas poderiam se inserir.

Volto a Joana, e recorro a Agamben para ajudar-me a bordar essa história. O autor vai buscar nos gregos elementos para sua discussão e ajudar na trama de seus conceitos. Escreve ele:

“Os gregos não possuíam um termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra *vida*. Serviam-se de dois termos, semântica e morfologicamente distintos, (...) *zoé*, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e *bíos*, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou grupo.”¹⁰²

Isso nos leva a pensar que o autor está falando de um modo de vida específico dos homens, esses têm uma organização de vida diferente da apenas biológica. Os homens se organizam de forma particular para desenvolverem a política. Esta está ligada à linguagem, ao estabelecimento de normas, de bem e mal, de justo e injusto, e mais tarde, no poder na mão dos governantes, sejam eles públicos ou privados¹⁰³.

¹⁰² AGAMBEN, 2002, p. 9.

¹⁰³ Estou usando as palavras – público e privado – no sentido figurado, de legitimado pelo povo ou poder estabelecido por uma comunidade, de uma classe social, etc.

Trazendo outros autores para a discussão, Freud escreve que há um antagonismo entre a pulsão e a civilização, e Foucault vem falar dos corpos dóceis, para designar a docilidade dos homens frente a educação social. Assim, desde a civilização grega já temos essa denominação de que os indivíduos devem ser “educados” (por falta de uma palavra melhor) para viver em sociedade, e diversos autores vêm refletir sobre esse acontecimento – Freud na vertente da saúde mental, já Foucault para entender as políticas sociais e Agambem vem mostrar como a sociedade moderna se organizou dentro da biopolítica, definida por Foucault, para estabelecer os mecanismos da duplicidade: justiça-injustiça, bem-mal, exclusão-inclusão.

É nessa duplicidade que temos de pensar na nossa dificuldade em chegar no Nove. Quais são os passos a serem dados? Trabalhamos nas arestas de união desses opostos. É nesse **entre** que devo trabalhar. Qualquer movimento brusco pode me fazer cair de um ou outro lado.

Acostumados a serem excluídos, por que não mais uma exclusão?

Joana ao chegar ao barraco e ir se “enrolando como uma gatinha” o que entendo como um pedido de aconchego me diz do medo de retirarem delas o acolhimento que a outra bordadeira oferecia... dão e depois retiram quando querem? É claro que foi explicado o motivo da outra profissional, mas isso não bastava... era preciso sentir que não foram tratadas mais uma vez como o grupo dos excluídos, a quem o discurso sócio-político as faz como não merecedoras do olhar, de opinião, de voz. Ter voz é ser cidadão, o direito de falar, como já foi apresentado nas reflexões de Gonçalves Filho e Miriam D. Rosa.

A fragilidade da vida... a necessidade de cuidado que o ser humano precisa, seu estado de dependência do outro que pode-se traduzir pela dependência do poder público como também do privado, da necessidade de reconhecimento e como tal de identificação. Aqui Joana entra com seu pedido de ser cuidada, mostra, expõe sua fragilidade toda e pede para ser atendida nas suas necessidades básicas.

Por que Joana não volta a bordar? A exclusão não a deixa entrar. Se excluindo ela exclui a exclusão. Seu gesto de existência está na negação de entrar na roda de bordado, de ficar ali apenas sob meu olhar. É como se ela não sentisse que pode existir, que há um lugar para ela, eu preciso dar meu olhar para ela poder se reconhecer, como faz uma mãe com seu bebê, é este gesto ativo que como psicanalista me faz pensar. Não é um estar ali bordando, mas sim estar olhando.

Grande parte da sociedade a coloca como inexistente¹⁰⁴, eles passam a ter um lugar quando fazem um gesto de mostrar que existem, que têm vontade, que pensam. Daí a sociedade os devolve para seus lugares de excluídos, para debaixo do tapete com o discurso do poder¹⁰⁵. Por isso eu deveria incluir Joana, mesmo não querendo bordar, mas indo lá no barraco, e num gesto de criança mimada se vira quando convidado para bordar. Sorri e diz que não.

Winnicott¹⁰⁶ caminhando sobre a conceituação freudiana de narcisismo, vem falar da mãe suficientemente boa que é aquela que oferece quase tudo, mas deixa que seu bebê perceba a falha também. Talvez Joana teve pouca devoção materna, não pode se sentir como '*Sua Majestade, o bebê*' e agora vem à procura do olhar materno que a reconheça e lhe devolva o olhar, ela precisa se reconhecer no outro. É preciso restaurar o narcisismo quebrado... tantas exclusões, tanta falta de olhar... será que mais uma vez serão postas de lado? Somente se bordar ela pode entrar para o grupo, ou pode estar junto de uma forma diferente?

Depois de percorrer esse caminho, pude chegar no Nove, e Agamben então me oferece uma explicação: devo devolver-lhes a vida sacra, retirando-as, por um instante, do lugar de homem-lobo, da indiferença que a sociedade lhes olha. Joana fica para mim como a representante dessa comunidade tão desprezada, excluída dos olhares da sociedade. Enquanto vem, volta, se vira faz junto às outras mulheres a costura da minha entrada, pondo a prova minhas habilidades de estar naquele lugar, meu olhar. Pois viver sem as necessidades básicas, como um cachorro vira-lata, isso são os bichos! Identificar-me com aquele sofrimento, mesmo que só por algumas horas e oferecer cuidado, fazer brotar, como em um passe de mágica, a preciosidade do trabalho de bordadeira, com movimentos delicados, – pontos precisos, colorido específico – dando vida às formas antes riscadas.

¹⁰⁴ No vídeo *100 anos de BH*, são apresentadas as transformações das cidades, mas não mostram as favelas que a cidade ganhou. São mostrados os edifícios, ponte e os novos bairros deixando as favelas desaparecidas. Aqui também, a favela não cabe na transformação da cidade, é só olhar os folhetos imobiliários.

¹⁰⁵ Sobre a discussão dentro da aula *Indivíduo e Sociedade em Freud e Lacan*, ministrado pela prof dra M.D. Rosa na PUC SP, 2009.

¹⁰⁶ Winnicott, [1956] 1978;

APÓS 7 MESES

O grupo se fixa. Vamos trabalhando nos bordados e conversando sobre a vida. Esse é o trabalho. A formação é privilegiada, bordado junto com a conversa. O grupo é formado pelas mulheres que estão bordando no dia, mas também por outras que somente passam para conversar. Essas sentam-se ou não e eu sempre as convido para bordar.

Joana voltou a bordar, entrou no grupo. Como as outras, um dia vem, em outro nem aparece, ou então, chega tarde contando que estava dormindo pois havia estado em uma festa na noite anterior. É assim que pode estar, e eu devo recebê-la e oferecer espaço para bordar e pensar em porque age dessa maneira, chegando tarde à oficina, ou falando que está cansada, sem vontade. Podemos conversar sobre responsabilidade, comprometimento, cuidado, e organização. Minha intervenção era poder fazer promover esse (des)encontro, e conversar sobre ele e assim fiz com Joana. Nem eu nem ela tínhamos o correto, mas eram formas diferentes de se colocar na vida, mas em cada círculo uma norma, e tanto ela quanto eu deveríamos nos portar segundo essas regras. Ali, fazia o que era necessário naquele contexto, não era análise a necessidade delas, mas me disponibilizar para olhá-las nas suas individualidades.

Entrar nas normas da comunidade fora dos muros da favela impõe horários, responsabilidades, vestuário, gesticulação. Para eu me sentir incluída na comunidade da favela tinha que ser flexível com a participação delas, dialogar com essa diferença estética de mundo.

A oficina acontece duas vezes por semana e não tem frequência obrigatória. Eu estou ali pronta para acolher a mulher que chegar, e da forma que chegar, como Joana que participa dessa forma. O tecido é nosso meio, ele vai e volta... bordamos juntas no barraco e ele fica com elas para ser bordado também em casa, junto com aqueles com quem convive, ou na porta de casa junto às amigas. Essa permanência oferece a experiência de continuidade, não é apenas a linha contínua do desenho, mas a regularidade; estou ali duas vezes por semana para tecer com elas, e o bordado continua mesmo longe de mim.

É interessante notar que a frequência sempre oscila, eu preciso estar muito atenta aos movimentos para que elas participem. Há uma necessidade de organização delas para poderem estar ali, e isso é muito fácil de ser quebrado... acordar, arrumar as crianças, deixar os afazeres domésticos adiantados e depois disso ir para a oficina. É certo que elas podem ir e voltar no momento em que precisarem, mas pode-

se observar que a organização de cada uma, ajuda ou dificulta sua participação na roda de bordado.

Para Joana, propus bordar um desenho de seu filho. No dia de bordado, as crianças brincam pelo barraco, não há nenhuma pessoa da instituição designada para fazer atividade com elas. Em um desses dias, peguei o desenho do filho de Joana e propus que bordássemos. Ela ficou um pouco indecisa, no início, depois aceitou.

Riscamos e escolhemos as cores, já que ele havia feito apenas com grafite. Ela ficou orgulhosa de estar desenvolvendo esse bordado. Mostrava para as outras mulheres o desenho de seu filho. Ao final desse trabalho, ela se propôs a voltar a frequentar o grupo da instituição, e conforme as outras mulheres vão bordando com mais destreza, convido-as a irem junto com Joana. Joana e seu filho são incluídos na roda, e ela volta a se lançar fora dos arredores da sua comunidade.

Joana tem um lugar de ponte entre a instituição e o barraco. Agora inclui na instituição as outras bordadeiras. Ela mesma incentiva as mulheres a participarem desse grupo, inclusive se propõe a acompanhá-las e eu também peço a ajuda dela quando proponho outro tipo de bordado.

Joana e as outras mulheres precisam que eu me disponibilize para elas, fique ao lado delas escutando-as, ativamente. As dificuldades que senti para ser aceita naquele grupo era a contratransferência, isto é, a forma como puderam me mostrar que se sentem também com olhares de desaprovação, de desprezo, como se tivesse que provar seu valor a todo momento. Selma é clara ao dizer que não merece morar daquela forma – sem saneamento, sem energia elétrica, – como se não fosse merecedora de um serviço básico, esquecida, privada dos olhares cuidadosos daqueles que podem lhe oferecer condições melhores para sua vida. Em outro momento, sua fala mostra como é difícil deixar aquele lugar.

Estar ali como bordadeira-psicanalista me propiciou refletir sobre essas dificuldades, perceber a transferência e devolver. Ali não cabia uma interpretação, mas sim uma intervenção, era o ato de recebê-las e oferecer um lugar e era isso que eu fazia. Era preciso preencher essas faltas. Suzana Pasternak, falando da arquitetura, dizia que esta deve ajudar na convivência com o diferente e eu ali, com suporte da psicanálise deveria perceber essa diferença e incluí-las na 'roda' da sociedade.

Eu também tinha de me adaptar às condições precárias de trabalho e elas observavam isso. Depois de algum tempo, estava com pouco tecido, os pedaços eram pequenos que não propiciavam a confecção dos produtos costumeiros. Tivemos que achar outras alternativas... assim como elas eu também não tinha tudo.

O que Joana nos ensina da atividade psicanalítica nesse contexto de exclusão? Melissa e as bordadeiras me puseram a questionar: Melissa pelo silêncio, e as bordadeiras pelo inusitado da atuação. Passo agora a algumas reflexões teóricas a fim de ampliar a compreensão de minha atuação nessas duas situações.

REFLEXÕES TEÓRICAS

O que desejava... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, sinhá Vitória tropicava debaixo do baú dos trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancariam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aqueles sujeitos acorados em torno do fogo?

(Graciliano Ramos – Vidas Secas)

SOBRE O SILÊNCIO

A regra fundamental diz para falar tudo o que lhe vem à cabeça.... Assim como na música uma parte é a melodia, composta tanto de sons, como de pausas e de ritmo; na fala temos também o ritmo da palavra, as palavras em si e claro os silêncios.

Em 1952 John Cage escreve 4'33", uma peça silenciosa, ou seja, são 4 minutos e 33 segundos na qual o pianista fica em frente ao seu instrumento sem tocar nenhuma nota. A primeira execução, assim como ainda hoje, causou estranhamento. Supostamente em uma audição, o público quer escutar uma execução sonora. O mesmo acontece na proposta da psicanálise, espera-se que um indivíduo fale e o outro escute. Quem deve ficar em silêncio é o analista que fica em espera, e assim se coloca em disponibilidade para seu paciente.

Freud ao propor essa regra proporciona-nos escutar as nuances das palavras, a melodia embutida nas histórias contadas pelos pacientes, em que momento ganham mais fluidez, ou quando ocorre o contrário, quais palavras ganham destaque, quais ficam acanhadas no discurso e assim sucessivamente. Como na música, as pausas, ou os silêncios, vêm para compor essa melodia, mudar os movimentos, respirar, ou será uma interrupção do pensamento, uma quebra na composição?

Acostumados a esperar que o paciente fale, e inábeis com o silêncio, tendemos a vê-lo como uma resistência, mas nos lembra Nasio¹⁰⁷ que “o inconsciente é antes de tudo um ‘discurso sem palavras’”. O silêncio é estrutural: antes da palavra, o bebê encontra-se com o silêncio e nele os seus ‘ruídos’ – seus barulhos bem como seus movimentos e também seus cheiros, seus gostos, suas texturas. São experiências que antecedem a palavra. São os medos, a fome, o conforto do colo materno, o frio, a fome, o prazer da mamada. Assim ele é receptivo e frágil.

O inconsciente é experiência, as palavras vêm *a posteriori* para organizar essas vivências para o ego, por isso em alemão Freud usa *das Es*, que é um pronome de múltiplos usos, podendo ser empregado em contextos para referir-se a coisas ou algo indefinível ou inominável¹⁰⁸. Como sabemos, Freud apesar de usar palavras do vocabulário popular alemão, tem o cuidado de escolhê-las de forma particular, ao nomear, já inicia a forja de seus conceitos. Assim, é a nomeação de *das Es*, ou inconsciente em português. É uma instância que aloja o inominável. Nomear é função

¹⁰⁷ NASIO, J.-D. *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: EJZ 2010, p. 8.

¹⁰⁸ Hanns, L.A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Ed, 1996. p. 261.

do ego, é ele quem precisa da lógica, e para tal usa a linguagem¹⁰⁹. O nome é a possibilidade de sair do concreto e entrar no mundo simbólico, assim ele transporta de um lugar para outro, como diz Elisa M. U. Cintra em seu texto *Trate-me como um cachorro*¹¹⁰, como não lembrar das figuras de linguagem nos poemas que nos remetem ao mundo dos sonhos, da ilusão, da fantasia.

Nesse texto, a autora desenha a imagem da relação do cachorro com seu dono, como protótipo da relação de alteridade, a qual, diz ela, há nessa relação um contato com sua “animalidade mais pura, mergulhado em uma existência anterior ao universo verbal”¹¹¹. Ficam um ao lado do outro, fazendo-se companhia mútua, respeitando-as diferenças, em silêncio, cada um com sua alteridade... nem o cachorro quer ser homem e nem o homem quer se igualar ao cachorro.

Como o silêncio não é um tema que move apenas os analistas, de que forma ele aparece para os não-analistas? Andrea Perdigão¹¹², fonoaudióloga, no seu livro *O silêncio* nos conta nas suas diversas entrevistas, como o silêncio faz parte da vida dos artistas plásticos, físicos, dançarinos, fonoaudiólogos, psicanalistas, como experiência pessoal. Pascoal Conceição¹¹³, um ator de teatro entrevistado por A. Perdigão, conta que vive o silêncio no teatro de forma muito particular, diz que o silêncio está presente quando tudo sai conforme o ensaiado, nada fora do lugar... muito diferente de uma sessão de análise que parte do imprevisto, das associações livres. Em analogia, poder-se-ia pensar que na sala de análise tudo é som. – para ele o teatro é, pois, um espaço privilegiado para se compartilhar o silêncio. Ele não está falando da falta de som, mas de um momento cheio, sem vazios.

G. Safra¹¹⁴, psicanalista, também em entrevista para este livro, diz que “sem o silêncio ele murcharia”, ou então que “necessita se retirar no silêncio para recarregar as energias”. Para ele, o silêncio traz o movimento, oferece expectativa, possibilidade. Diz ainda que o silêncio é fragilidade, é receptivo, o que é análogo ao que Nasio coloca como sendo estrutural, fazendo parte do inconsciente.

Outro não-psicanalista, Merleau-Ponty, citado na introdução, sustenta que as palavras estão imersas em um silêncio. Nesse artigo o autor faz uma análise da crítica

¹⁰⁹ Ou conforme diz Herrmann, ‘a própria cria do homem transformando-se em humanidade (...) encerrado em sua própria fisiologia, entre impulsos e satisfação, é ainda um bicho, presa do cerco das coisas.’ (1993, p. 24)

¹¹⁰ CINTRA, E. M. U. *Trate-me como um cachorro*. Ou assim que for possível. In: *Cadernos de Psicanálise – sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 23, n. 26, Rio de Janeiro, 2007, pp 35-51.

¹¹¹ Ibid, p. 34

¹¹² PERDIGÃO, A. *Sobre o Silêncio*, São José dos Campos: Pulso Ed, 2005

¹¹³ CONCEIÇÃO apud Perdigão, *ibid.*, p.23.

¹¹⁴ SAFRA, G. *A Experiência do Lugar*. In: Perdigão, A. *Sobre o Silêncio*, São José dos Campos: Pulso Ed, 2005 p.109-122.

realizada por Malraux à pintura moderna, na qual ele analisa o uso das cores, os traçados e os desenhos. Malraux vai refletir sobre esses novos desenhos que aparecem nos quadros modernistas os quais se iniciam com a preparação do pintor. Ilustra com uma passagem do pintor Renoir que pinta um lago olhando o mar e M-Ponty escreve: “(...) é possível fazer pintura olhando o mundo porque o pintor julga encontrar nas próprias aparências o estilo que o definirá aos olhos dos outros e porque pensa soletrar a natureza no preciso momento em que a recria”¹¹⁵. Nessa equiparação ele coloca o silêncio como um elemento fundamental da linguagem, sem o qual esta não se expressaria.

Então, se Freud propôs a regra fundamental, como ele trabalhou o silêncio? Na *Interpretação dos sonhos*, ao descrever o mecanismo do mesmo diz que o sonho é pictórico, é o sonhador que o traduz em palavras, organiza, ordena, e então põe conjunções e preposições para dar racionalidade ao texto. É com isso que podemos entender os deslocamentos, as condensações, etc que acontecem no sonho. .

Os textos freudianos nos remetem à fala, mas não podemos nos esquecer das repetições, da transferência, que são conceitos derivados do silêncio. Nesses, não é a fala o primordial, mas o gesto, os afetos, a percepção do analista que estão atuando em primeiro lugar. A fala nos conta dos fatos, o encadeamento dado pelo paciente nos dá subsídios para compreendê-lo, nos diz dos matizes de afeto impregnados naquela história, e como lembra P. Blos o silêncio faz parte de todo processo terapêutico, e diz que “Os períodos de silêncio são cheios de armadilhas”¹¹⁶.

Desde o início de sua obra, Freud abre espaço para o silêncio, e este será evidenciado ao longo de toda ela, muitas vezes como resistência, mas também como repetição ou expressão da morte. Freud inicialmente equivale o trabalho psíquico a física – forças, resistência, inércia, – e com isso, ele retorna ao estado inicial. Mais tarde essa expressão silenciosa culmina no conceito de pulsão de morte. R. Mezan¹¹⁷ em seu texto “*A Viena de Freud*” nos traz a questão da sociedade que envolvia o pensador, ressaltando que esse modo peculiar de desenvolver está intimamente ligado com esse entorno. Da mesma forma, sua formação profissional – médico neurologista - está presente em toda sua obra. No *Projeto para uma Psicologia Científica*, escrito no final do século XIX, Freud constrói um aparato psíquico de redes, e sulcos que se formam por recorrentes pensamentos. Da mesma forma, em 1920, ele

¹¹⁵ MERLEAU-PONTY, op. cit. p. 81.

¹¹⁶ BLOS, Jr, P. Silence: A clinical Exploration. In: *Psychoanalytic Quarterly*, NY, v. 41, 1972, pp 348-363 1972, p. 361.

¹¹⁷ MEZAN, R. Viena e as Origens da Psicanálise. In: MEZAN, R. Tempo de Muda: origens da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

volta ao início de sua obra, como um sulco aberto nela, para conceituar pulsão de morte, uma pulsão que age silenciosamente, na tentativa da experiência de total prazer, sua tendência é o nirvana.

Freud conceitua a regra fundamental e nós analista o que fazemos? Como a entendemos?

Ao ficar preso a ela, muitas vezes o analista trava uma luta com seu paciente para que este fale, faz diversas intervenções nessa direção, pois longos períodos de silêncio nos deixa incomodados, nós que somos acostumados com a fala, tendemos a perguntar em que o paciente estava pensando. Como ressalta Zelig,

“Os intervalos de silêncio durante na hora de análise não são nem intervalos aleatórios nem períodos de descanso. Eles são estados mentais ricamente sobredeterminados e relacionados com os processos de verbalização, pensamento, lembrança e postura, parte essencial no jogo analítico.”¹¹⁸

Contemporâneo de Freud, Ferenczi¹¹⁹, no seu artigo *O Silêncio é de Ouro* volta sua atenção para o silêncio do paciente e faz uma correlação do silêncio com a fase anal. Para este autor, a constipação tem função de fortalecer o indivíduo, deixando-o cheio. Da mesma forma, aconteceria com a retenção das palavras, o paciente não fala durante as sessões para não se esvaziar. A fala seria uma evacuação.

Muitos outros autores vão trilhar esse caminho ferencziano, de olhar para o silêncio como uma manifestação da fase anal.

R. Fliess, intrigado com a aparição do silêncio, tendo em vista que se enuncia a regra no início da análise, e ainda percebendo o uso distinto que os pacientes fazem do silêncio, escreve um artigo intitulado *Silêncio e Verbalização: um Suplemento à Teoria da ‘Regra Fundamental’*, no qual descreve diversos tipos de silêncio e os correlaciona com as fases do desenvolvimento libidinal, tópico muito em voga nesse momento como veremos na revisão de Loomie que apresentarei a seguir¹²⁰. Ele parece desenvolver a idéia de Ferenczi do silêncio como expressão da fixação na fase anal. Diz Fliess que “se a palavra é um substituto da atividade esfinteriana, o silêncio seria o equivalente de um fechamento esfinteriano”¹²¹.

¹¹⁸ ZELIGS, M. A. The role of silence in transference, counter-transference, and the psycho-analytic process. In *International Journal of Psychoanalyses*, v 41 n.4/5, 1960. p. 412.

¹¹⁹ FERENCZI, S (1916) O Silêncio é de Ouro In: FERENCZI, S. *Psicanálise II*, SP: Martins Fontes, 1992, pp 277-8.

¹²⁰ ver pp. 89 e seguintes.

¹²¹ FLIESS, R. (1949) 2010, p. 64, grifos do autor.

O autor lembra que “o objetivo principal da exigência de submissão à regra analítica (...) é obter o máximo de rememoração e o mínimo de passagem ao ato”¹²².

O silêncio erótico-uretral seria, para esse autor, uma forma normal de silêncio. O paciente parece absorvido pelos pensamentos, sem tensão aparente. Há uma presteza do paciente para retomar a verbalização e uma modificação no conteúdo apresentado para um afeto.

Já o silêncio erótico-anal não parece normal, uma vez que nos períodos de silêncio, o paciente apresenta uma tensão. A expressão no rosto e a postura denotam sofrimento; e quando retoma o discurso, ele entrega somente parte do pensamento. Há uma retenção do pensamento. Diz ainda que “o discurso vem para interromper o pensamento”¹²³. Pode-se perceber que há um conflito entre o falar e o não-falar, ou seja, pode-se perceber que não se trata de um silêncio, mas sim de uma retenção do discurso.

Depois, apresenta um terceiro tipo de silêncio, o erótico-oral. Um tipo bastante regredido de silêncio, no qual o paciente se ausenta, poderíamos falar de uma retirada da libido no discurso. E, explica o autor, se o analista o convoca a falar, este não interrompe o silêncio, pois, como já dissemos, há um desinvestimento na relação. O paciente volta a falar sozinho, “quando quiser”, se assim pudéssemos dizer. Lembrando que, na fase oral, o bebê está envolvido no ato de colocar para dentro o mundo, há uma incorporação dos objetos. É dessa forma que ele conhece o mundo, como ensinou Freud, assim também Fliess apresenta o silêncio nessa paciente. O analista é incorporado, deixando de existir como objeto externo. Assim, falar para quem? A relação narcísica, característica deste momento, se faz presente também na sala de análise. Seria este o modelo de silêncio das bordadeiras? Uma retirada da libido da relação, ou medo de esvaziar, fui lá para roubá-las também, mais uma vez e daí elas me oferecem um silêncio erótico-oral?

O paciente, neste caso, volta a falar espontaneamente, como se algo tivesse se resolvido dentro dele e em alguns casos retoma seu comportamento e explica-o.

Fliess ao explicar metapsicologicamente esses silêncios faz a distinção entre o ato de pensar e o ato de falar. A verbalização, diz ele, é um representante da pulsão, que estimula o ego a se apropriar de partes da organização psíquica, e assim vai se desenvolvendo o ego. Retoma, o conceito de ego corporal dando a este a parte da representação corporal formadora inicial do ego psíquico, ou seja, aquele que está

¹²² *ibid*, p. 77.

¹²³ *ibid*, p. 66

fazendo a ligação percepção-representação, a fim de chegar à verbalização, ou seja, o ato de falar pressupõe uma organização egoica.

Dessa forma, é que o autor vai desenvolver sua teoria sobre a regressão dos silêncios e compreendê-los dentro do desenvolvimento psicosssexual. Ele nos faz pensar no silêncio dentro de um desenvolvimento psíquico, tendo passado pela fase oral. E os pacientes mais regredidos, com uma estruturação psíquica menos organizada?

Levy em seu artigo *Silence in the Analytic Session*¹²⁴, lembra que o silêncio é uma das manifestações mais antigas da técnica analítica, estando presente desde os primórdios do método da associação livre. Contudo, logo no início ele coloca o silêncio como um desvio, e este seria de duas naturezas: ou uma inibição ou uma dificuldade em falar, que pode ser crônica ou passageira.

K. Levy faz uma revisão bibliográfica do que estava sendo pensado sobre esse tema. Volta aos estudos de A. Freud para mostrar o funcionamento egóico e sustentar sua posição do silêncio ser uma resistência. Interessante em seu artigo é recomendação que ele faz aos analistas, diz K. Levy que

“isso não pode ser resolvido por um silêncio rígido por parte do analista. Se o silêncio deste aumentar a ansiedade do paciente, isto vai gerar uma expectativa, no entanto sem impaciência. Assim, uma análise não pode iniciar com a aderência estrita à regra fundamental, o paciente deve inicialmente senti-se capaz de segui-la”¹²⁵.

Será que Melissa não era capaz de segui-la? Este ponto leva-me a pensar que o paciente ao qual o autor se refere tem uma capacidade intelectual que dá ao paciente a capacidade ou a incapacidade de se submeter.

Percebendo a importância desse tema na psicanálise, em 1958 a Associação Americana de Psicanálise promoveu uma discussão sobre o paciente em silêncio. Loewenstein na abertura do evento diz que “embora em análise se espere que as facetas do passado e do presente (...) sejam traduzidas pela fala (...) outros aspectos não acham palavras para serem expressas, mas se mostram pelo distúrbio da linguagem ou pela comunicação não-verbal: pelo silêncio”¹²⁶. Reforça porém que apesar do silêncio ser uma dificuldade em análise, nem sempre é sintoma, algumas vezes é um modo de se relacionar com o objeto.

¹²⁴ LEVY, K. Silence in the Analytic Session. In *International Journal of Psychoanalyses*, vol. 39. 1958. pp. 50-58.

¹²⁵ Ibid. p. 57.

¹²⁶ LOEWENSTEIN, R. M. The Silent Patient - Introduction. In: *JAPA*, v.9 1961, p. 5.

Outro autor que pode nos ajudar na compreensão do silêncio na clínica é Weinberger¹²⁷. Ele percebe que nos artigos existentes o silêncio é descrito como um sintoma isolado, mas não se nota o significado da tríade: silêncio, masoquismo e depressão. Escreve que os pacientes que apresentam essa conformação expressam a perda de uma relação muito particular, ou seja, com a mãe, ocorrida entre os 18 meses e os três anos de idade. Ele frisa que é à relação e não à mãe real que ele se refere, e coloca ainda que esta perda pode estar relacionada com uma doença, ou uma mudança de atitude dela.

Sugere que nessa idade, nem a fala nem os recursos emocionais podem expressar essa perda e a quebra narcísica. A tríade se apresenta da seguinte forma: o silêncio manifesta esse desagrado, o masoquismo mostra seu sofrimento e há uma retirada dos investimentos libidinais das relações humanas. Outro autor que apresenta o silêncio como fixação na fase anal, e acrescenta que essas características podem ficar despercebidas durante o período de latência, vindo a atuar novamente na adolescência.

Weinberger ilustra sua teoria com dois casos em que seus pacientes respondem com o silêncio. Nesses dois casos, o autor percebe que são filhos mais velhos e que há a perda da posição de filho único por ocasião do nascimento dos irmãos. Ele interpreta o silêncio como forma de machucar os pais pela ausência deles, por ocasião do nascimento do irmão. Em um dos casos relatados, Weinberg conta que a paciente conhecia uma história indiana na qual deixava-se perguntar três vezes, isso seria a manifestação do interesse. Usava esse ‘conhecimento’ com o analista e com o namorado, eles tinham de mostrar seu interesse por ela.

Loomie¹²⁸ propõe trazer uma revisão desse tópico para a discussão, já que este tema foi discutido anteriormente em dois momentos diferentes pelas Sociedades Psicanalíticas – em 1927 em Viena, e depois em 1935 na Hungria e ainda não se tem uma compreensão abrangente dessa questão, frisa o autor.

Ele inicia lembrando um texto de 1911 de S. Ferenczi sobre os silêncios após palavras obscenas. Neste momento é interessante notar que as primeiras formulações psicanalíticas são de 1898 e o silêncio como manifestação do paciente só aparece nos escritos após 12 anos de trabalho. Antes disso, o silêncio estava nas mãos do

¹²⁷ WEINBERGER, J. L. A Triad of Silence: Silence, Masochism and Depression. In *International Journal Psychoanalytical*, v.45, n 2/3, 1964, pp 304-309.

¹²⁸ LOOMIE, L. S. Some Ego Considerations in the Silent Patient. In: *JAPA*, v. 9.1961. pp 56-78.

analista, que ficava quieto deixando espaço para o paciente se expressar, como quando Fraun Emmy Von N. pede a Freud para ficar quieto.

Em 1912, Freud formula suas recomendações para o exercício da psicanálise, isto é, postula a atenção flutuante e a transferência, manifestações do silêncio sustentadas teoricamente. Volta para Ferenczi em 1913 novamente discutindo o silêncio precedido de fala e do ato. Em 1914 Freud observa que a ausência de ideias é uma característica de uma atitude homossexual.

Faz-se uma parada nessa sequência de artigos, voltando apenas em 1916, depois 1920, 1928, 1935 nos quais o silêncio é discutido pela vertente do desenvolvimento libidinal: silêncio equivalente a fase anal.

Em 1936, Anna Freud discorre sobre o significado defensivo do silêncio, ilustrando com um estado de palidez nas associações devido à resistência.

Em 1940, um artigo de Marjasch faz uma reflexão bastante diferente do que vinha sendo exposto até o momento, observa Loomie. Ele observa que o silêncio é uma atuação do paciente ante a transferência positiva. Outro autor que concorda com essa posição é Hassoun¹²⁹. Ele descreve o caso de uma moça de 25 anos, correlaciona o silêncio com a dificuldade de esvaziamento que 'Z' (forma como se refere a ela) sente nos momentos de ataque de asma.

Ao mesmo tempo, percebe que o silêncio também é uma forma de se oferecer ao analista. Z não oferece palavras, mas seu corpo deix(t)ado no divã, talvez como muitas fotos de deusas deitadas em sofás que ela tenha visto. O silêncio mantinha um segredo. Ao colocar o silêncio como resistência, esses autores discutem apenas uma faceta que é a interrupção do pensamento, e daí a necessidade de ultrapassá-lo.

E qual a posição de Loomie? Após apresentar breve revisão bibliográfica ele conta três vinhetas clínicas, nas quais observa que há uma organização egoica débil, seriam *borderlines* na linguagem atual, em que o superego desenvolveu um limite frágil entre o ego ideal e a auto-imagem. Ele conclui que o silêncio apresentado nesses casos revela uma desconfiança com o processo. Esses pacientes recusam a prontidão do analista ao se apresentar como ego-auxiliar, dificultando as interpretações deste e apresentam impulsos libidinais orais e sádico-anais.

Entretanto, o autor percebe que o trabalho do analista está concentrado no esforço em fazer a análise fluir. Por outro lado, o analista deve se oferecer como modelo de um superego menos rígido e um ego mais flexível.

¹²⁹ HASSOUN, J. "Z". In: Nasio, J.-D. *O Silêncio em Psicanálise*. Rio de Janeiro: EJZ. 2010, pp. 94-102.

É instigante como esse tema é caro aos analistas. Há artigos ao longo de todos os anos. No entanto, nessa sucessão de artigos, chama a atenção os longos anos que esta questão fica também silenciada.

Nasio no seu livro *Sobre o Silêncio* escolhe alguns artigos e nos oferece uma lista de artigos que tratam deste mesmo assunto. Para nos dar uma amostra sobre a relevância desse tema, publica artigos da primeira metade do século passado e depois recheia com debate de autores contemporâneos.

Essa questão é percebida como relevante, no entanto a produção é restrita, os textos se repetem. Há vários textos no livro de Nasio que foram abordados por Loomie. Depois de tantos anos, será que nada de novo apareceu? Será pela dificuldade de sua compreensão como escreve Loomie, ou também pela resistência dos analistas, tomando emprestada a idéia de A. Freud?

Diferente dos autores anteriores, Reik¹³⁰ escreve na vertente do silêncio do analista. Ele inicia lembrando que acostumados ao diálogo, a psicanálise convoca o monólogo. O paciente fala enquanto o analista escuta... . Uma situação diferente até então, anteriormente havia um diálogo entre o paciente e o médico, depois de Freud as regras mudaram. Mas não seria essa a situação natural? Sim e não, lembra Reik e o paciente deve se acostumar com essa proposta; por mais que alguns achem essa situação estranha, num primeiro momento, lembra-nos Reik, esse silêncio é tranquilizador e o paciente percebe isso como uma atenção por parte do psicanalista.

Outro efeito do silêncio: o mundo de fora é coadjuvante do seu mundo, o silêncio do analista coloca o foco nessa realidade até então sombreada. Conforme o passar do processo o silêncio do analista vem convocar o paciente às suas falas indesejáveis. “O analista na sua tranquila espera, no silêncio de quem não ocupa o lugar de quem deve falar, espera, e daí, o paciente pode perceber suas “zonas de silêncio”, como compara o autor com a zona de silêncio de Vancouver”¹³¹. Ao fazer essa analogia, Reik ilumina, para usar a mesma imagem dele, também os perigos do silêncio interno. Ali, na situação analítica, afundar quer dizer ir ao encontro do material recalcado, por isso mesmo perigoso, mas ao mesmo tempo prazeroso – que delícia atravessa essa zona e chegar em seu destino!

Aos poucos, diz Reik, o silêncio do analista muda seu sentido: aquela espera tranquila entendida como atenção, o faz perceber que surgem pensamentos que ele

¹³⁰ REIK, T. (1926) No início é o silêncio. In: Nasio, J.-D. *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 2010. pp. 17-25.

¹³¹ No Pacífico, há um local em que nenhum som chega aos navios, por isso é conhecida como Zona do Silêncio, cf REIK [1926] op.cit.

não quer falar, e daí o paciente enche a sessão de palavras, mas este mesmo silêncio o ajuda a entender que naquele espaço o silêncio é bem vindo.

Mais adiante coloca que “O poder ativo do silêncio torna transparentes os pequenos nada da conversação e possui uma força que arrasta o paciente e o faz progredir, empurra-o para profundezas maiores do que havia visualizado”¹³². É o silêncio do analista que favorece esse olhar para as coisas deixadas ‘por debaixo do tapete’. E assim prossegue, dando ênfase no silêncio do analista, este que é esquecido na sua atenção flutuante, mas em seu silêncio, como diz o autor, se presta a escutar as palavras e seus ruídos, encorajando seu paciente nessa luta do alívio de dizer, mas na angústia de ter dito.

Em 1906, Freud publica o texto no qual analisa o romance de Jensen sobre a Gradiva. Neste romance, o autor narra o amor de dois jovens que se encontram adultos em Pompeia. Freud vai mostrando dentro do romance como a moça Zoe se transforma em Gradiva para trazer o rapaz de volta para junto de si, ou seja, traz à tona o amor recalcado que Hanold sentiu por ela quando eram crianças. Quando crianças eram amigos, e seu pai absorvido pelo trabalho de zoólogo não foi um objeto de amor para a filha que voltou sua libido para o amigo. No entanto, este também a deixou para investir nos estudos de antropologia. Zoe, ao encontrá-lo em Pompeia se assusta, mas percebe que se entrar na alucinação dele pode tê-lo de volta. O conto é uma narrativa dessa brincadeira da moça em fazer-se passar por Gradiva, a moça esculpida em mármore que Hanold está à procura e acredita ter sido enterrado em Pompeia.

Zoe encontra-o todo dia ao meio-dia, no mesmo local; da mesma forma que fazem os analistas com seus pacientes. Zoe deixa a transferência se estabelecer ao não se apresentar como Zoe, mas Gradiva que Hanold acredita ser ela...

Assim segue o romance e a análise de Freud. Neste texto, Freud mostra que seu método não precisa estar amarrado ao *setting*, mas sim na relação estabelecida entre as partes, com a intenção de escutar o inconsciente que perpassa as relações humanas. E o silêncio é um grande co-adjuvante na estória de Jensen, uma vez que ela, Zoe/Gradiva não pode falar no início uma vez que acredita ser ela uma moça morta na época da destruição de Pompéia. Neste caso, o texto freudiano vai ressaltar o silêncio da analista/Zoe/Gradiva.

O analista é uma pessoa em silêncio, antes de ser uma pessoa a quem se possa transferir, uma pessoa em atenção flutuante, etc, etc. é uma pessoa em silêncio pois não sabe o que é para falar. Só fala no momento em que acha que algo deve ser

¹³² Ibid., p. 22.

dito, rompe o discurso do analisando para entrar com outro discurso. Como nos ensina Figueiredo, a interpretação deve ser uma surpresa, deve-se deslocar o indivíduo de sua organização.

Outros autores, também, vêm mostrar que o silêncio também é uma forma de comunicação. O silêncio parece não ser apenas uma pausa na fala, mas é uma fala cheia de sentido. Zeligs para pensar o silêncio na situação analítica ele problematiza da seguinte forma: “Como o silêncio do paciente afeta o analista e Como o silêncio do analista afeta o paciente”¹³³. Para este autor o silêncio é como uma forma reativa da fala e assim pode escutar essa fala pelo seu avesso. Lembra ele que o silêncio está ligado a uma expressão da fase pré-verbal, assim o analista deve focar-se na compreensão desse silêncio ao invés de provocar a fala. Até mesmo uma interpretação antecipada pode fazer o processo analítico estacionar. “Durante uma análise, os pacientes re-encenam na transferência todos ou muitos usos originais e significados do silêncio que foram acumulados ou sintetizados nas diferentes fases do desenvolvimento”¹³⁴, explica.

Radmila Zigourys¹³⁵, de outra maneira, vivencia um atendimento em silêncio, porém neste, a paciente fala, mas são sessões pálidas, sem cor, nem afeto. As lembranças que a analista guarda desse atendimento são de imagens, e poucas frases ditas, a paciente enchia a sessão com palavras, entretanto nada dizia. R. Zigourys percebe que o que a paciente fala são ordens para ela analista que devem ser obedecidas imediatamente. Nunca se lembrava de nada que merecesse ser contado. Assim ela se via imobilizada e silenciada. Radmila é quem fica em silêncio, ao invés da paciente. Após alguns anos, a analista percebe que o silêncio que ela sentia era de um segredo da paciente, um silêncio que guardava a possibilidade da palavra. A paciente falava para não falar, era o silêncio – a verdadeira fala – que a analista sentia contratransferencialmente, mas também é pela impossibilidade da fala que Radmila sentia assim. No momento em que a analista fala desse seu incomodo, a paciente percebe sua impossibilidade de falar, ou de fazer diferente.

Na latência também temos outra forma do silêncio. A sexualidade se silencia, dando lugar ao intelecto. O indivíduo investe sua libido para o saber científico. Freud ao descrever o desenvolvimento psicosssexual, explica que após a fase genital, do

¹³³ ZELIGS, M. A. The role of silence in transference, conter-transference, and the psycho-analytic process. In: *International Journal of Psychoanalyses*, v. 41, n.4/5, 1960. p. 410.

¹³⁴ Ibid. p. 412.

¹³⁵ ZIGOURYS, O Olhar Selvagem. In: *Percursos Revista de Psicanálise*. São Paulo: Sedes Sapientiae e Idéias e Leituras, v. 11, 1993. p. 7-9

confronto edípico, há uma retirada da libido da sexualidade. O corpo silencia, deixando o intelecto livre. É o momento da aprendizagem.

O silêncio do paciente aparece em outros momentos da vida do indivíduo, como nos lapsos. Antes dos lapsos de memória acontecerem, há um silêncio, algumas vezes pequenos. O esquecimento do nome do pintor Signorelli, tão conhecido nos meios psicanalíticos, é material para Thomas pensar a diferença entre o calar-se e o silêncio pela palavra que falta, como é o caso do esquecimento de Freud, e o silêncio de Radmila. Diz ele “enquanto o primeiro [o calar-se] vela, o outro desvela, um para, o outro recoloca em movimento”¹³⁶, assim ele diferencia esse dois produtos da psique.

Como disse acima, esses tipos de silêncios são de pacientes, mas de pacientes de certa forma estruturados psiquicamente. Eles têm a possibilidade de acessar o simbólico. Minha preocupação ainda persiste, e aqueles pacientes com uma organização psíquica mais precária? Como se apresentam?

Morgenstern¹³⁷ vem dar um caminho para essa minha pergunta, ao apresentar seu pequeno Jacques, um garoto de dez anos, que havia interrompido a fala por algumas semanas após uma mudança de domicílio, depois parou de falar com seu pai e havia quatro meses não pronunciava nenhuma palavra. Diferentemente dos pacientes descritos anteriormente, que tinham episódios de silêncio, dentro da sessão, Jacques não falava nem em sua casa, nem com a analista.

O paciente não fala, mas demonstra um grande interesse pelos desenhos. Assim, ela lhe oferece a oportunidade dele usar essa outra forma de expressão, o desenho. Jacques começa a desenhar e a partir dos desenhos S. Morgenstern faz perguntas que ele responde com gestos ou com outros desenhos. É interessante notar que há uma conversa, mas de outra forma. O menino conta de suas aflições por meio dos desenhos e a terapeuta questiona com palavras. Outro fato narrado nesse caso é a vontade de falar que o garoto expressa nos desenhos, mas a impossibilidade. Morgenstern tenta por duas vezes impor-lhe a fala o que recusou. Ao final do tratamento, quando ele recuperou a fala, ela voltou nos desenhos produzidos durante o processo analítico e conversaram sobre eles.

Neste caso, não há apenas um silêncio, mas sim um mutismo.

Será que Melissa se recusa a falar como Jacques, ou está impossibilitada?

¹³⁶ THOMAS, M.-C. As Formas do silêncio no esquecimento de Signorelli. In: J. –D. *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: EJZ, 2010. p. 85.

¹³⁷ MORGENSTERN, S. Um caso de mutismo psicogênico. In: *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: EJZ, 2010. pp. 41-57.

Concordando com essa possibilidade do terapeuta estar ajustado ou desajustado ao pedido da paciente, Ferenczi¹³⁸ vem apresentar, em *Confusão de Línguas entre os Adultos e as Crianças*, um artigo que trata do analista se oferecer para **escutar** ao mesmo tempo em que há uma impossibilidade em compreender, como se cada uma das partes falasse em um dialeto, e a resposta a esse pedido incompreendido fosse muito adverso a necessidade do paciente. Conta ele de diversos insucessos no tratamento porque estava preso à técnica da interpretação, repetindo o que lhe tinha sido ensinado sem perceber a necessidade do paciente. Morgenstein pode entender o pedido do garoto e oferecer sua escuta, aqui pelos olhos. Foi olhando os desenhos de Jaques, que ela podia conversar com ele. Será que o silêncio me Melissa não eram equivalentes aos desenhos de Jacques? E aquele modo arredo das bordadeiras, não me mostrava que eu deveria estar de um modo diferente com elas?

Ferenczi reflete sobre o lugar do analista frente ao paciente. A situação analítica traz à tona experiências infantis e muitas vezes há uma regressão na situação, mas escreve o autor, o analista permanece na posição de interpretar para o neurótico e não obtém sucesso no trabalho. Com esse questionamento, começa a desenhar o que mais tarde verificaremos na clínica como a possibilidade de analisar pacientes não-neuróticos e crianças, como fez Morgenstein no atendimento do pequeno Jacques, que a obrigou usar uma técnica diferente para poder dar sentido ao medo dele.

Ferenczi, nesse momento, não está atendendo crianças, mas pode perceber que mesmo com adultos regredidos tem de se abrir para variações na técnica. Ele compara essa situação à relação criança-adulto que pela *confusão de línguas* impede o desenvolvimento da criança. O adulto não podendo se identificar com a criança responde de forma que ela não o compreende gerando uma situação traumática.

Winnicott, pela função de pediatra que exercia, voltou seus olhos e ouvidos para a dupla mãe-bebê e suas formas de comunicação. Assim, para ele o silêncio guarda outras funções além da resistência. No artigo *Preocupação Materna Primária*¹³⁹ vai discutir sobre essa primeira comunicação entre a mãe e o bebê, o que ele chama de preocupação materna primária, pois é a partir dessa identificação total com seu bebê que ela pode entender a ‘fala’ dele. Em *Desilusão Precoc*¹⁴⁰, o autor reflete

¹³⁸ FERENCZI, [1933] 1992.

¹³⁹ WINNICOTT, D. W. [1956] La préoccupation maternelle primaire. In Winnicott, D. W. *De la Pédiatrie à la Psychanalyse*. Paris: PBP, 1973.

¹⁴⁰ WINNICOTT [1939]) Desilusão Precoc. In: Winnicott, C; Sheperd, R.; Davis, M (org) D. W. Winnicott: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2007, pp. 17-19.

como um bebê, muito precocemente, percebe que não pode mostrar à mãe o que quer, como são, como se satisfazem. Mais tarde, ele nos apresenta um atendimento em que o garoto fica ao lado da mãe, sem nada falar, apenas brincando, mas vai ilustrando toda a comunicação que há entre mãe e filho¹⁴¹.

Para ele, o silêncio é um indicador de maturação do bebê. No artigo *Comunicação e Não-comunicação*, ele vai refletir sobre os passos do bebê para adquirir a capacidade de se comunicar que para ele está intimamente ligada às relações objetais. E diz ainda que de forma alguma são fenômenos simples. Para este autor tanto a mãe como o ambiente devem ser ‘suficientemente bons’, ou seja, devem oferecer boas condições para o desenvolvimento do bebê, o que está infiltrada a noção de frustração.

Nos estágios iniciais, o bebê, a mãe e o ambiente são apenas um; o ego imaturo do bebê se apoia no ego da mãe e assim as relações são com objetos subjetivos. Nesse momento, estabelece-se uma comunicação silenciosa para pouco a pouco estabelecer uma comunicação intermediária com os objetos que agora são objetivamente percebidos.

Diferente dos autores apresentados anteriormente, Winnicott, nesse artigo postula que

“no centro há algo incomunicável, que é sagrado e merece ser preservado (...) eu diria que as experiências traumáticas que levam à organização das defesas primitivas fazem parte da ameaça ao núcleo isolado, da ameaça dele ser encontrado, alterado, e de se comunicar com ele”¹⁴².

A partir disso, reflete sobre a possibilidade do paciente não querer se comunicar, e seria uma violência do analista querer se infiltrar nessa parte subjetiva que oferece ao paciente um sentimento de real. Continua, “[em análise] um período de silêncio pode ser uma contribuição positiva que o paciente pode fazer e o analista fica envolvido num jogo de espera¹⁴³”, como já havia observado Zelig anteriormente.

Khan, nessa mesma via, apresenta o caso de Peter já longamente exposto no capítulo I.

José Outeiral também nos conta da análise de uma adolescente que usava a comunicação não-verbal para falar de sua história. Percebe que o conflito era de uma etapa pré-verbal e ele tinha que interpretar o ato. Se a interpretação é anterior ao ato,

¹⁴¹ WINNICOTT [1960] Distorções do Ego em Termos do Falso e Verdadeiro ‘Self’. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processo de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. pp. 128-139.

¹⁴² WINNICOTT, D. W. [1963], O medo do Colapso. In: Winnicott C.; Sheperd, R.; Davis, M. (org) *Explorações Psicanalíticas*. D. W. Winnicott Porto Alegre: Artmed, 2007. p.170.

¹⁴³ Ibidem, p. 171.

neste caso ele era obrigado a inverter a ordem, uma vez que a paciente atuava na sessão, como já havia observado Marjasch em seu artigo de 1940, citado a cima, porém as atuações são diferentes.

A paciente de Outeiral atuava porque a experiência era pré-verbal, já os pacientes de Marjasch atuavam por uma defesa. Ela ficava muito tempo em silêncio, mas diferente de Peter, atendido por M. Khan, após as interpretações de Outeiral ela respondia com palavras.

O autor conta que eram a transferência, a contratransferência, o *setting* e o *holding* os pilares dessa análise. Após uma sessão em que a paciente o trata com muita agressividade, ele escreve que “quando um determinado paciente está com muito sofrimento dentro de si, se internamente sente o vazio, o caos e a destruição, ele não poderá fazer outra coisa a não ser tentar fazer sofrer e destruir o analista. A sobrevivência do analista é essencial”¹⁴⁴. Será que com Melissa minha sobrevivência – estar ali na sessão seguinte à sua espera – mostrava-lhe que sua agressividade não era mortífera, eu podia estar ali, não ia deixá-la?

Quase todos os autores apresentados aqui refletem sobre um silêncio que eles chamam de longo, mas acaba na mesma sessão. Eu trabalho com uma paciente que fica anos em silêncio, e meu grupo de trabalho fica meses em silêncio... para mim, são a sra Morgenstern e M. Khan que podem me fazer companhia nessa estrada árida, os outros passam sede com água perto!

Morgenstern, M. Khan e J. Outeiral apresentam fragmentos de análise de pacientes que tiveram experiências traumáticas e se expressavam silenciosamente para seus analistas. Winnicott fala de um núcleo sagrado, incomunicável que o trauma faz com que ele desenvolva defesas protetoras desse núcleo.

Melissa fica em silêncio por muito tempo, assim como as bordadeiras que também usam o silêncio para me fazerem sentir sua exclusão. Melissa e as bordadeiras passaram por situações traumáticas?

Então, será que a violência vivida na favela pode ser equivalente da experiência traumática? Passo a especular sobre essas experiências, a fim de entendê-la.

¹⁴⁴ OUTEIRAL, J. O. Interpretação e Transicionalidade ou Fragmento de Análise de Uma Adolescente. In: OUTEIRAL, J. O. e THOMAZ, T. O. (org) *Psicanálise Brasileira: Brasileiros Pensando a Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. pp. 80-88.

SOBRE O TRAUMA

No início das considerações sobre o silêncio, mencionei a obra de John Cage e o estranhamento que ela causou. Foi uma surpresa ir a uma sala para escutar uma obra e “escutar” o silêncio – um concerto desconcertante!

Foi um concerto que até hoje repercute nas rodas de conversa sobre música erudita. O que fazem as pessoas que conversam sobre essa experiência? Elas tentam entender, falando, perguntando, questionando sobre a música.

Freud percebeu que ao repetirmos estamos tentando elaborar uma experiência, ou seja, fazemos com que aquela vivência se torne familiar a nós. Ao ver seu neto jogando o carretel de linha e puxando, ele percebeu que o garoto repetia na brincadeira a experiência vivida com a mãe – o desaparecimento e o encontro.

Afinado com a prática clínica, ele forja seus conceitos, dia-a-dia, caso-a-caso e percebe que a repetição é uma experiência muito recorrente. Dessa apreensão deriva o conceito de transferência, re-significação psíquica, atualização da história.

Outra experiência que o segue desde os primórdios é a questão do trauma. Logo no início de sua obra, ainda com Breuer, eles pesquisavam se o motivo causador das paralisias era um trauma, teorizaram assim sobre a sedução. Ao longo dos anos, a teoria da sedução é abandonada e a noção de trauma fica como coadjuvante de seus conceitos, isto é são as fantasias inconscientes, recalcadas portanto, que invadem a consciência de forma traumática. Nesses eventos há uma preparação, ou seja há um aumento da angústia que deixa o indivíduo preparado para o perigo. No trauma, há uma invasão, por isso o despreparo, daí o terror. Como lembra bem Francisco Santos, nem sempre a surpresa causa descompasso, há “boas surpresas”¹⁴⁵.

Nesse caminho, Freud percebe que na experiência traumática há uma quantidade de excitação que o psiquismo não é capaz de absorver, por isso o trauma. Seguindo sua metáfora usada no Projeto para uma Psicologia Científica de redes, sulcos etc, pode-se dizer que o trauma seria um abscesso, ou um corpo estranho que tentou entrar, mas não foi absorvido – ele faz alusão a uma membrana rompida e uma invasão.

Freud descreve o evento traumático como gerador de uma perturbação na forma de administrar a energia pelo seu excesso, pondo todos os meios de defesa

¹⁴⁵ SANTOS FILHO, F. C. Traumatismo psíquico – realidade dos fatos, realidade psíquica e des(a)tino do sujeito. Tese de doutorado. PUC-SP, 2011. p. 53.

para se movimentarem. O sistema todo fica investido com a função de acolher essa excitação, e fazê-la parar, ou seja ligá-la psiquicamente.

Em um momento de seu trabalho a realidade invadiu sua porta. Não foi um trauma, pois ele pode sublimar e reformular sua teoria, assim a guerra não provocou somente um rearranjo na vida das pessoas como também na teoria psicanalítica. A sexualidade que tanto embalou sua teoria, aqui prega um susto, sonho como realização de desejo ocorreria também nos pesadelos dos guerrilheiros? Porque os homens sonham tanto com os eventos traumáticos? Por que aquelas situações retornam? Não se deveria evitá-las?

A mente brilhante de Freud volta para rever seus conceitos e engancha no narcisismo. A situação de guerra obriga o indivíduo a fazer uma cisão egóica, pois ao mesmo tempo que deve preservar sua vida precisa considerar o outro, seu semelhante, como um inimigo. O indivíduo é invadido de pensamentos e ações, que seus próprios ideais não podem suportar, e o fazem cair doente.

Freud também percebe que a repetição nos sonhos é um modo de desenvolver angústia, para que o indivíduo possa se preparar para esse evento. Conclui assim, que esses sonhos são anteriores ao princípio do prazer, isto é, o sonho como realização de desejo não cabe nessa matriz. É preciso pensar em outra conformação que abarque esse tipo de experiência, ou essas repetições 'desprazerosas'. Mais tarde, chamar a isso de pulsão de morte.

Esse percurso trilhado por Freud me faz pensar nas diferenças de experiências: as bordadeiras vivem em uma situação muito próxima à sobrevivência, a realidade invadindo suas casas. Já Melissa tem a violência do tio e do irmão, mas não posso esquecer os ouvidos surdos de sua mãe. Há três situações traumáticas aqui delineadas.

Vamos deixar Freud e continuar nosso caminho por outros autores afim de elucidar esses detalhes.

Os ouvidos surdos da mãe de Melissa nos transportam para o artigo de S. Ferenczi *Reflexões sobre o Trauma*¹⁴⁶ ao lembrar o comportamento dos adultos ante a criança que sofreu uma experiência traumática: ou punem a criança, ou silenciam-se deixando-a num vazio. Neste artigo, discorre sobre a falta de esperança que abate sobre o indivíduo frente ao trauma e novamente pode-se ver que ao silenciar o adulto

¹⁴⁶ FERENCZI, S. (s/d) Reflexões sobre o Trauma. In: Ferenczi, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

não oferece o cuidado que faltou e tampouco a esperança que já se foi. Mas é em *Confusão de Línguas entre os Adultos e as Crianças*¹⁴⁷ que isso fica mais evidente.

Nessa preocupação da repetição da cena traumática em análise, o autor trata, nesse artigo, da possibilidade do analista de repetir a experiência traumática. Inicia falando das perturbações que o material trazido pelo paciente produz no analista. Sua reflexão perpassa esse caminho. Ao perceber que os pacientes não melhoravam após uma sessão que julgava bem sucedida com relação a um evento traumático, o paciente voltava a queixar-se de angústia noturna e pesadelos. Ele notou ainda que suas interpretações eram bem recebidas pelos pacientes, não haviam contestações. Ao refletir sobre esse fato, pôde observar que algumas críticas a ele eram na verdade recalçadas.

Ao notar essas críticas e poder falar desse incômodo pessoal com alguns pacientes, abriu-se o caminho para as confusões de línguas entre as pessoas, título de seu artigo. Escreve: “a confiança (...) estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatizante”¹⁴⁸.

As confusões de línguas referem-se aos jogos de sedução, quando as brincadeiras infantis são lidas pelo adulto como desejos de uma pessoa adulta, com maturidade sexual, isto é o adulto responde à demanda de amor da criança com um amor passionai. Para este autor, a criança e o adulto amam-se e a criança tem fantasias lúdicas de como desempenhar um papel maternal. Esse jogo algumas vezes assume o caráter erótico por parte do adulto, invadindo assim a criança. O primeiro movimento seria a recusa, mas a criança sente-se física e moralmente indefesa para protestar contra a força e a autoridade dos adultos e emudece. Ao contrário desse primeiro movimento, elas submetem-se à vontade do agressor. A benevolência esperada pela criança vem em forma de agressão.

Encontrar ajuda nessas condições é um processo difícil, uma vez que a criança não consegue estabelecer uma relação de confiança e intimidade com as pessoas. Após essa experiência a criança sente-se confusa, pois ao mesmo tempo é inocente e culpada. Muitas vezes, o sentimento de culpa do amor e do ódio sentido contra o sedutor oferecem o colorido nas relações amorosas quando adulto. Outro fator, colocado por este autor é a identificação da criança com o agressor. Melissa, identificada com seus agressores, talvez aqui com sua mãe, estabeleceria comigo uma situação de violência?

¹⁴⁷ FERENCZI, S. (1933) *Confusão de Línguas entre os Adultos e as Crianças*. In: Ferenczi, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹⁴⁸ FERENCZI (1933), p. 100.

Ferenczi escreve que como consequência pode haver uma prematuração, que vem a ser o rompimento de emoções adultas na criança.

Outra experiência analisada pelo autor é o terrorismo do sofrimento, que vem a ser o pedido dos adultos para que a criança os ajude a resolver os conflitos familiares, ou até mesmo a inversão de papéis no cuidado, sem olhar para as necessidades e o lugar da criança. O autor apresenta várias situações em que a criança não é olhada na sua condição de infante, mas tratada como um adulto pequeno.

Ferenczi tem o propósito nesse artigo de alertar seus colegas acerca da questão da subserviência de alguns pacientes, decorrentes desse lugar peculiar que o analisando ocupa.

Voltando ao artigo *Reflexões sobre o Trauma*, ele o inicia pensando na comoção como um excesso que vem assolar o psiquismo sem nenhuma preparação. Isso caracteriza seu modo de entender a clínica, sua preocupação com o sofrimento de seus pacientes. Pois bem, como discípulo de Freud, isso vem a ser o desenrolar da noção freudiana do trauma estar ligado ao excesso. Mas diz ele, ante esse trauma temos uma defesa frágil, que é logo abandonada. Chama a atenção a questão da angústia, que diferentemente de Freud, ele a coloca depois do evento, como consequência, e escreve “a angústia traumática pode, justamente em consequência disso, transformar-se com facilidade em medo da loucura”¹⁴⁹.

Ao analisar a teoria dos sonhos, Ferenczi comenta que os restos diurnos não são apenas disparadores dos sonhos, mas também sintomas de repetição do trauma, ampliando a noção de repetição do sonho. Para ele estas diversas impressões voltam porque não foram dominadas, nem resolvidas.

Para pensar a função dos sonhos traumáticos, retoma a questão do trauma como um choque inesperado e esmagador, a partir daí faz uma análise similar a Freud com relação ao aumento de tensão. No entanto, para este autor, o trauma age como um anestésico, suspendendo a atividade psíquica, instaurando uma passividade sem resistência. Posto assim, a falta de percepção deixa o indivíduo sem proteção. Diz ainda que a paralisia total da mobilidade é concomitante com a suspensão do pensamento. As consequências do trauma para Ferenczi são drásticas, escreve que “nenhum traço mnêmico subsistirá dessas impressões, mesmo no inconsciente, de sorte que as origens da comoção são inacessíveis pela memória”¹⁵⁰.

Sendo assim, na análise, quase um estado de transe, que seria como o paciente se encontra segundo Ferenczi, seria possível a análise dos sonhos. Esta

¹⁴⁹ FERENCZI (s/d), op cit. p. 111.

¹⁵⁰ FERENCZI (s/d) op cit, p. 113.

seria uma forma do paciente entrar em contato com a experiência traumática. Não se pode esquecer a repetição da cena analítica, já exposta acima.

Concordando com essa hipótese do aumento de tensão, Winnicott diz que “um trauma é aquilo contra o qual um indivíduo não possuiu defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobreveem, seguido talvez por uma reorganização das defesas, defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da concorrência do trauma”¹⁵¹. Penso que essa definição caberia bem para compreender Melissa... ela regride e se apresenta como um bebê.

É interessante notar que Winnicott escreve essa definição no texto sobre experiência mãe-bebê de mutualidade. Como essa experiência se liga ao trauma? Winnicott aposta nessa relação, ele postula a preocupação materna primária na qual a mãe sabe as necessidades de seu bebê sem pensar, desta forma protege-o das intrusões externas. A comunicação silenciosa entre este par, expressa confiança contra a experiência que será traumática para o bebê por este não conseguir se proteger dela. Tal característica positiva na relação mãe-bebê é tão marcante que Francisco Santos em um momento escreve que

“(...) a mãe [para Winnicott] permite que o mundo não seja em demasia para o bebê. Protege, medeia e filtra, exercendo o importante papel de evitar o traumatismo. O bebê depende do respeito e do desejo materno, aquele desejo que sustenta em si um projeto de que ele seja um ser humano amoroso e capaz”¹⁵².

Winnicott é um autor cujo olhar é generoso e confiante com as mães e seus substitutos na maternagem. Fala também da mãe suficientemente boa, que oferece a experiência de ilusão e sabe também desiludir seu bebê. Seu modo de olhar para a dupla mãe-bebê é denotada em seus textos. No artigo, citado anteriormente, ao se propor refletir sobre o trauma, ele discute longamente acerca do lugar protetor da família, somente no final pensa na natureza do trauma e seus desdobramentos.

Ainda nesse artigo, retoma as consultas terapêuticas a fim de exemplificar mais uma vez como a família pode ser um lugar saudável, escreve que “o terapeuta efetua na criança uma mudança que é qualitativamente exata e quantitativamente suficiente para capacitar a família a funcionar de novo, com respeito à criança”¹⁵³. No entanto há outros textos, desse mesmo autor, citados ao longo deste trabalho, que mostram como essa relação tão delicada pode falhar. Esta mãe pode não oferecer uma maternagem

¹⁵¹ WINNICOTT, D. W. (1969) A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade. In: Winnicott, C.; Sheperd, R.; Davis, M (org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 201.

¹⁵² SANTOS FILHO, F. C. Traumatismo psíquico – realidade dos fatos, realidade psíquica e des(a)tino do sujeito. Tese de doutorado. PUC-SP, 2011. p. 112.

¹⁵³ Ibidem, p. 107.

suficientemente boa, pode não estar disponível e não desenvolver uma preocupação materna-primária, e assim não evitar as intrusões do ambiente subjetivo. Em *Reflexões sobre o Trauma*, ele oferece dois exemplos no qual a família estava envolvida na cena traumática, ou seja o lugar de proteção transforma-se em um lugar traumático. Afinal é uma relação ambígua, amor e ódio estão o tempo todo presente.

Apesar de concordar com os autores anteriores apresentados, Freud e Ferenczi com relação ao *quantum* de tensão, para Winnicott o trauma é um fracasso relativo à dependência, como algo que rompe a idealização de um objeto, no caso a mãe. Este objeto é causa de ódio por ter falhado no desempenho de sua tarefa. É interessante notar, que no início da obra freudiana, o trauma era uma realidade externa que invadia o ego. Para Winnicott, também é uma realidade externa, a falha ambiental, porém, há uma ampliação do conceito de realidade, pois aqui é uma realidade subjetiva, o ambiente faz parte desse complexo mãe-bebê-ambiente.

Antes desses dois textos, Winnicott escreve o artigo *O Medo do Colapso*, no qual ele abordado medo do colapso do *self*. Se no trauma, ocorre uma organização defensiva *a posteriori*, pois no momento do trauma o ego foi pego de surpresa, sem defesa, no medo do colapso, o ego se defende para que isso não aconteça, ele defende seu centro de forma que este não seja atingido, é a agonia original, sem palavras, é preciso se defender da experiência do vazio, do aniquilamento.

Enquanto no trauma, Freud coloca a questão da repetição, o medo do colapso põe Winnicott a estudar o incomunicável – a experiência sem palavra.

Essas reflexões sobre o trauma levaram-me a pensar no cuidado com as interpretações para Melissa, não ser intrusiva fazendo uma apresentação de objeto antes do tempo, ou mesmo me retirando 'deixando-a ao léu'. Até mesmo, respeitar o núcleo do *self*, para que ela não seja invadida pela agonia impensável.

M. Khan é outro autor que estudou o trauma por meio das falhas maternas, ele retoma os estudos da relação mãe-bebê, e as falhas dela, como havia observado Winnicott, e conceitua o trauma cumulativo.

Khan, pensando nos cuidados maternos, propõe-se a examinar a função da mãe como escudo protetor, para que o ambiente não invada o bebê. Ele toma o bebê e sua relação com a mãe num estágio pré-verbal para examinar seu desenvolvimento. Escreve que a mãe, entendida aqui como uma intersecção da pessoa da mãe com o manejo do ambiente não-humano, desaponta seu bebê em muitos momentos, são as fendas desse escudo.

A mãe como escudo protetor defende o bebê contra o amor e o ódio subjetivos e inconscientes da mãe favorecendo os processos de maturação do ego. A

preocupação materna primária oferece a experiência de onipotência, sem dar ao bebê a noção precoce de sua dependência, ao mesmo tempo em que ele pode projetar os impulsos agressivos e desagradáveis sobre a mãe deixando-a com a digestão dessa parte.

A preocupação materna primária é o que serve de molde para o escudo protetor, e esta empresta suas funções egoicas, para o pequeno bebê, de forma que este vá experimentando a realidade externa de forma gradual, passo a passo, fazendo a integração psíquica no seu tempo. O escudo protetor não se resume ao início dos primeiros meses, mas se estende até a adolescência, tornando um escudo mais complexo. A mãe vai ajudando a passar dos objetos subjetivos a percebido objetivamente, e a mãe vai sendo percebida como um objeto de amor e a necessidade de seu amor.

Desapontar o bebê faz parte desse jogo. Sem que a mãe queira ou perceba, em todo esse longo percurso, acaba por desapontar o bebê, deixa que a realidade invada, ou se apresente de forma intrusiva, deixa que uma frustração chegue à criança antes do tempo, e estas são as fendas que Khan vai reunir no trauma cumulativo. O autor é insistente ao se referir às fendas como falta de adaptação da mãe às necessidades básicas da criança.

Os fracassos da mãe em dosar e regular os estímulos externos e internos promovendo essas invasões dilaceram a integração do ego e provocam uma organização defensiva e um funcionamento prematuro. De formas diferentes, Ferenczi e Khan falar do amadurecimento forçado e prematuro do ego. Winnicott escreve que sua experiência clínica mostra que a identificação é o principal processo psíquico – há uma internalização do tipo incorporativo e projetivo que interferem nas representações objetais posteriores. O autor escreve que é na adolescência que o indivíduo toma conhecimento das falhas da mãe. A partir daí, o adolescente pode ter uma rejeição à mãe e todas as catexias e há uma tentativa de integração que anule os investimentos libidinais anteriores. A consequência disso é o colapso do desenvolvimento da personalidade ou uma breve e mágica recuperação no estágio de isolamento onipotente, ou ainda uma sede ardente de novos objetos.

As fendas não são traumáticas em si, podem apenas exercer uma “influência nociva”, como escreve Khan, isto depende da natureza, intensidade, duração e frequência desses micro-traumas, por isso o termo cumulativo, pois muitas são as funções, e as possibilidades de desapontamentos que vão se acumulando. Será que para este autor, é possível a mãe não traumatizar seu bebê? Escreve: “[o] papel da mãe como escudo protetor não é passivo; é uma atitude alerta, de adaptação e

organização. O papel de escudo protetor é o resultado das funções de ego maternas autônomas e isentas de conflitos”¹⁵⁴.

A relação da dupla mãe-bebê é dinâmica. A criança pode por meio de seu potencial de adaptação, recuperar-se das fendas do escudo, entretanto não podemos esquecer de que mesmo superado o indivíduo adulto pode entrar em colapso em consequência de forte tensão e crise. Para Khan, “o homem quando nasce é muito bem dotado para lutar contra as vicissitudes dos seus estresse internos e ambientais”¹⁵⁵.

A cidade pode ser considerada uma mãe pouco adaptada às necessidades de suas filhas – as bordadeiras? E a mãe de Melissa, não pode exercer as funções de escudo? Este autor é contundente ao mostrar que as pequenas falhas podem ir se acumulando numa experiência traumática.

Vivência traumática, trauma, pulsão de morte, agressividade são temas muito próximos e muito discutidos pelos psicanalistas, contudo esses assuntos trazem consigo a questão da violência, esta, ao contrário, menos explorado pela literatura psicanalítica. Vou passar agora a olhar a literatura voltada à esta questão.

SOBRE A VIOLÊNCIA

Jurandir F. Costa, preocupado com o tema da violência, apresenta um extenso estudo sobre a literatura psicanalítica voltada para essa questão. Acostumado, pelo seu objeto de trabalho, a olhar para a violência descreve no texto *À guisa de introdução: Por que a violência? Por a paz?*¹⁵⁶ seu percurso dentro dessa tópico, e vai desmanchando os conceitos pela fragilidade com que são apresentados. Diz que algumas vezes, o conceito carece de precisão (violência é a existência do sonho no ‘dormir’), outras que é débil na conceituação (negativo absoluto da razão, o que equipara a violência com o irracional e deixa de explicar a violência dirigida a um objeto), ou é tomada como fato inaugural da cultura, o qual Jurandir Costa refuta analisando suas bases, ou seja, os textos teóricos freudianos utilizados para tal (a teoria do trauma infantil, a pulsão de morte, e o mito do parricídio).

¹⁵⁴ KHAN, M. (1963) O Conceito do Trauma Cumulativo. In Khan, M. *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro: F. Alves Ed, 1977, p. 67.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 73.

¹⁵⁶ COSTA, J. F. (1984) *Psicanálise e Violência*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2003. pp 11-80.

Nessa revisão bibliográfica, ele vai analisar também o texto *Por que a guerra?*¹⁵⁷, no qual Freud logo no início usa a palavra violência em detrimento da palavra agressividade, empregada por Einstein, e marca assim, uma posição de que a guerra é fruto da violência e não da agressividade. Essa diferença se dá uma vez que a agressividade está ligada tanto a Eros como Thanatos, e a violência é dirigida apenas à destruição, para um objeto externo.

Freud nesse artigo faz uma análise de como esse tema mudou seu colorido: da força bruta para a confecção de armas e por último para o intelecto – as leis, que devem ser obedecidas e a violência que retorna a quem desobedece. Para ele, a violência é intrínseca ao homem e à cultura, como já descreveu em *Totem e Tabu*. Este modo de pensar permeia sua teoria. Nota-se também que em *Psicologia das Massas* ele volta seu olhar para as lutas, e não para os eventos bons.

Assim, em *Por que a Guerra?* identifica violência com poder e conflitos de interesses. Uma vez que as sociedades são formadas por indivíduos com forças desiguais, a violência está sempre presente, ou então deve haver uma transformação cultural da comunidade – mudanças de classes, por exemplo. Outra forma de contrapor a guerra são os vínculos afetivos e de identificação ou atos que “estimulem o crescimento da civilização”¹⁵⁸.

L. Tenório de O. Lima¹⁵⁹ concorda com a argumentação de Freud, e indo aos textos que sustentam a tese dele, lembra que identificação para Freud é a dessexualização, ficando um vazio que seria preenchido com violência.

Esse caminho permite a Jurandir F. Costa traçar algumas ligações e discordar da hipótese freudiana da violência ser instintiva, para ele “a violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos”¹⁶⁰ (grifo do autor). Para explicar sua conceituação, usa os estudos etnológicos sobre os ritos de passagem os quais são dolorosos, mas não cruéis e nem identificados como violentos. Este autor escreve que identificar a violência com agressividade instintiva banaliza a primeira, retirando o efeito moral que recai sobre o ato violento.

Ao discordar da tese da violência como promotora da cultura, J. Costa busca em Pierre Clastres sua justificativa, diz ele que:

¹⁵⁷ FREUD, S. (1932) *Por que a Guerra?* In FREUD, S. *ESOCSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol XXII, (1986) pp 241-259.

¹⁵⁸ op. cit., p. 259.

¹⁵⁹ LIMA, L. T. de O. *Sobre violência e cultura: uma ponte entre a antropologia e a psicanálise*. In: Sandler, P. *Leituras Psicanalíticas da Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. pp.76-83.

¹⁶⁰ COSTA. 1984, p. 39.

“A sociedade primitiva, é totalidade una, na medida em que o princípio de sua unidade não lhe é exterior. Ela não permite que nenhuma figura do Uno se desligue do corpo social para representá-la, para encarná-la como unidade. É por isso que o critério da indivisão é fundamentalmente político: se o chefe selvagem não tem poder, é porque a sociedade não aceita que o poder se separe de seu ser, que a divisão se estabeleça entre aquele que manda e aqueles que obedecem. (...) É a própria natureza desta sociedade [primitiva] que determina a existência e o sentido da guerra. (...) Para todo grupo local, todos os Outros são Estrangeiros”.¹⁶¹

Assim a guerra é a forma de preservar a unidade que a sociedade conhece. É este Uno que ela protege. A guerra seria uma política de relações exteriores, preserva as leis ancestrais que devem ser respeitadas sempre. A interação humana está assentada sobre o domínio da obediência às regras do diálogo, obediência exigida em troca de interesses universalizáveis. Isso não faz da violência uma atuação menor, ocupando o lugar das ‘trocas mal-sucedidas’, segundo este autor. Ao mesmo tempo, nessa citação, J. Costa sustenta que a violência como promotora do poder é um equívoco. O chefe não tem poder, mas é violento.

Mais à frente nesse texto, mostra que se para Freud o sagrado nasce da violência, para Clastres lhe é anterior, uma vez que se emprega a violência para manter a unidade, cuja fonte é o religioso.

Retirando da violência sua característica instintiva, promotora da cultura, consequência do poder, J. Costa propõe-se a modificar a pergunta feita por Einstein a Freud, para *Por que a paz?* Desse modo, acredita o autor tal questão ganharia outro colorido.

Com o propósito de jogar outras luzes sobre o tema da violência, o autor reflete *Transcendência e Violência*¹⁶² sobre a possibilidade da vida sem que a violência seja um aparato obrigatório da sociedade. Nesse texto, traz para a discussão H. Arendt no que tange à questão da promessa e do perdão. Ela oferece estofo para que Jurandir Costa apoie sua ideia de que somos destinados a agir de maneira livre. Pois prometemos e perdoamos porque temos a aptidão de recomeçar, e apostamos na capacidade do outro de agir da mesma forma.

O autor lembra que é no mito do parricídio que Freud forja o conceito do homem como um ser ambivalente e afetivo. A ambivalência do homem freudiano oferece lastro para a formação de laços afetivos e o sentimento de culpa. Isso

¹⁶¹ CLASTRES, apud Costa. Ibid., p. 55 e 57.

¹⁶² COSTA, J. F. *Transcendência e Violência*. In: Jacó-Vilela, A. M. (org) *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2007. Pp 89-102. Disponível em <http://jfcosta.sites.uol.com.br> acessado em 15/03/2011.

proporciona um suplemento à teoria de H. Arendt. O homem sente culpa, pois ama e odeia seu próximo, ao mesmo tempo os laços afetivos o levam a prometer e perdoar.

J. Costa vai coletando idéias para compor seu prisma de luz. As proposições de Winnicott sobre o indivíduo espontâneo e confiante, também vão ajudá-lo na sua reflexão. O indivíduo winnicottiano confia em que a realidade que esta o deixará agir espontaneamente, para seu desenvolvimento psíquico. Uma condição que antecede a confiança, mas que lhe é necessária.

Estas ondas luminosas que o autor faz incidir sobre a violência e a sociedade oferecem um espectro mais colorido para a questão da paz. Diz o autor: “porque somos espontaneamente ativos, podemos prometer, e porque somos afetivos podemos perdoar. A promessa e o perdão, assim, são a face visível da Transcendência ética”¹⁶³. Neste momento, parece-me que Jurandir Costa se aproxima de Freud, ao explicar o que seria um opositor da violência, já que Freud apenas escreve que seria estimular o crescimento da civilização.

Será que meu trabalho na favela pôde oferece outra dimensão do viver? Um viver pautado pelos trilhos da paz e não da violência?

Continuando no pensamento de J. Costa¹⁶⁴ que nos dá outra pista. Para ele a idéia de violência traz embutida a noção de coerção ou intimidação pela força ou pelo poder e também a ruptura de um contrato por alguém de modo gratuito abusando da força de que detém. Ao sobrepor esse conceito à matriz psicanalítica, diz que a violência só é violência porque tem uma representação qualitativa e não porque há apenas um quantum de excitação que desorganiza o aparelho psíquico. Lembra que filhos que foram educados sob palmadas e culpa não se sentiam violentados (exceto, surras ou outras forma agressivas abusivas). Escreve “o sujeito violentado sabe ou virá a saber, sente ou virá a sentir, que foi submetido a uma coerção e a um desprazer desnecessários”¹⁶⁵.

Assim, Melissa sabia que não deveria ter sofrido a violência de seu tio e de seu irmão, assim como sentiu como uma violência quando sua mãe não a escutou, sabia que deveria receber proteção dela e no entanto, esse contrato foi quebrado. Da mesma forma, as mulheres sabem que merecem os cuidados da sociedade, mas esta não oferece. Podemos falar que estas mulheres vivenciaram um encontro violento com a sociedade?

¹⁶³ Idib., p. 102.

¹⁶⁴ COSTA, 1984 p. 121

¹⁶⁵ Ibid. p. 125.

Este caminho reforça o que havíamos apresentado, que a violência é um fato cultural e existe em relação à lei. A lei ou o contrato oferecem ao indivíduo o direito que todo homem tem de ocupar um lugar na cadeia de gerações, eu acrescentaria um lugar na sociedade.

Cintia Buschinelli¹⁶⁶, com outro olhar, propõe uma tríade para pensar a violência., e junto a ela, a autora coloca o medo e as palavras. Isto porque a violência está entrelaçada com o poder, e daí decorre o medo. Para esclarecer essa dupla – violência e medo –, Cintia Buschinelli lembra que “nascemos sem notícia do que nos espera”¹⁶⁷, e o que nos espera segundo ela é a violência, na medida em que é intrínseca ao ser humano. Na verdade, temos apenas duas opções: ditador e soldado – que ela coloca na mesma categoria de pessoas que estão no poder – e carteiro, que seria seu oposto. Este, o carteiro, é o que se move, leva a palavra, as notícias boas e ruins, contudo não está cristalizado em um lugar.

Seriam essas palavras e esse movimento os opositores da violência, segundo a autora. Voltando a Freud, em *Por que a guerra?*, este coloca que as possíveis mudanças na Lei, ou os movimentos entre agredidos e agressores se solucionam pela violência. Assim como Freud, C. Buschinelli não oferece muitos subsídios para entendermos como as palavras fazem essa oposição.

Não podemos esquecer das diversas violências descritas ao longo da história: nos mitos, nas fábulas, nas estórias infantis... assim a psicanálise não podia deixar de olhar para este fato e para tal ela deve recorrer a outras ciências, é o que escreve J. O. Fagundes, que compara a violência à vivência traumática pelo despreparo do aparelho psíquico, entretanto deixa em aberto em quais pontos elas seriam divergentes. Seu texto parte do pressuposto de que o leitor compreende qual é a diferença, pois segue explicando que em decorrência da violência, os indivíduos têm uma dificuldade de representação e simbolização, e fica debilitado psiquicamente, destituído de sua subjetividade, desejo e singularidade.

Em seguida, passa a analisar o violentador, o qual estaria livrando-se de seu medo e de sua dor por meio de uma identificação projetiva. Esta colocação parece-me muito similar à de Freud¹⁶⁸ sobre o estrangeiro. Mais adiante o autor descreve a violência ligada à intolerância à diferença, uma vez que esta ameaça o narcisismo e reacende a angústia de separação. Este ponto é importante para meu trabalho no que tange à exclusão vivenciada pelas mulheres moradoras da favela.

¹⁶⁶ BUSCHINELLI, C. O medo, a violência e as palavras. In: Sandler, P. (org.) *Leituras Psicanalíticas da Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. pp. 15-20.

¹⁶⁷ Ibid., p. 15.

¹⁶⁸ FREUD [1919a].

Tomando este ponto como sustentação para a violência, ele vem corroborar com Jurandir dizendo que a oposição à violência é feita pela solidariedade, compaixão – que também é um modo de perdão –, e a busca de um bem comum que poderia ser entendido como a confiança e a possibilidade da espontaneidade.

Inácio Gerber¹⁶⁹ coloca a violência numa tríade: amor-violência-ódio. O autor toma como princípio que existe no bebê a esperança de amor; pelo medo de perder esse amor, que seria o desamparo e a morte, surge o ódio e a violência. Esta proposição me leva a pensar que nessa demanda constitutiva de amor está implícita a violência, uma vez que o ódio é o contraposto do amor, inclusive no título ele marca essa idéia quando equipara com a questão do ovo e da galinha. Gerber propõe um aparelho psíquico mais flexível para lidar com essa ambivalência, de modo a aceitá-la e não enfrentá-la, pois a ambivalência, essa sim, é constitutiva.

Muitas ideias sobre violência e seus desdobramentos. Desde a violência como constitutiva, ou como consequência do amor, ou mesmo um fenômeno cultural.

Jurandir Costa é enfático ao dizer que nem todo trauma é violento, mas diante do que pensamos aqui, tanto Melissa quanto as bordadeiras tiveram experiências traumáticas e sofreram violências.

Meus fios estão acabando, é hora de arrematar o trabalho. No bordado não se pode deixar fios soltos, mas se eu tomar a metáfora sonora usada no capítulo sobre o silêncio, sons sempre reverberam, as ondas são infinitas, por isso alguns fios sonoros ficarão reverberando, outros vão se calar.

¹⁶⁹GERBER, I. O medo e a violência ou o ovo e a galinha. In: Sandler, P. *Leituras Psicanalíticas da Violência*. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2004. pp. 41-49.

ÚLTIMAS REVERBERAÇÕES

Sinhá Vitória desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a cuia e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rondilha de molambos. Em cima pôs uma trouxa. Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. Sim senhor. Que mulher! Assim ele ficaria com a carga aliviada e o pequeno teria um guarda-sol. O peso da cuia era insignificante, mas Fabiano achou-se mais leve, pisou rijo e encaminhou-se ao bebedouro. Chegariam lá antes da noite, beberiam e descansariam, continuariam a viagem com o luar. Tudo isso era duvidoso, mas adquiria consistência.
(Graciliano Ramos – *Vidas Secas*)

O silêncio toma conta das salas. Procurando entender o que acontecia com Melissa e com as bordadeiras, fui à procura da ‘fala do silêncio’. Um silêncio que não parava de reverberar, e a solidão da analista, tomada no seu sentido mais concreto, me faziam buscar por parcerias nas leituras e discussões. Sabia que tinha diante de mim um fenômeno com muitas facetas, como um cristal. E ao longo desse trabalho fui percebendo seus múltiplos sentidos.

Responderei algumas perguntas levantadas aqui, sei que a todas, pois como disse no final do capítulo anterior, alguns sons continuam reverberando, procurarei não deixar fios aparecendo, mas talvez uns fiquem soltos. Esse é o desenho.

Talvez ficar em silêncio fosse a melhor forma de finalizar esse trabalho, mas...

O silêncio de Melissa falava, era sonoro, não estava ali para frear os pensamentos, que não deveriam surgir, mas para ser compartilhado, como sugeriu Roussillon. E mesmo as bordadeiras, era preciso compartilhar com elas o silêncio a que eram postas, penso que ali não cabia uma interpretação, mas essa outra forma.

Alan Meyer, ao relatar uma supervisão de Fedida, aponta para uma fala do autor que diz:

“(...) nós partimos geralmente da ideia de que o paciente vai descobrir na sua vida psíquica os traumas, os conflitos, não sei o que mais, mas é preciso que sejamos mais modestos, mais simples, para perceber que nossos pacientes estão extremamente angustiados de sentir neles a vida... não só a física, mas sentir a vida psíquica como se fosse estar ameaçado pela morte e pela loucura”.¹⁷⁰

Nesse trecho, Fedida lembra-nos de que há algo mais simples para o trabalho analítico – a vida – nem por isso menor, muito pelo contrário. Não era preciso nem que Melissa, nem que as bordadeiras tivessem um grande *insight* sobre seus conflitos, mas poder sentir a vida, sem se sentirem ameaçadas. Melissa mostrava-me esse fator, quando em prantos pegava a franja do tapete e arrumava, da mesma forma que fazia quando trabalhava na Suíça. Era seu objeto transicional ali na sala, aquele que lhe dava o aconchego da vida, para ela não enlouquecer. Muitas vezes era eu que sentia a ameaça da loucura de Melissa, o insuportável da vida. Khan, no seu livro *Quando a Primavera Chegar* escreve que, na aventura psicoterápica, (nas palavras dele) “A conversa com o *outro* é limitada, tanto temporal quanto espacialmente, o que

¹⁷⁰ MEYER A. V. O silêncio: a insistência da questão. In: *Revista de Psicanálise Percurso*. São Paulo: Idéias e Letras & Instituto Sedes Sapientae ano XVI, nº 31/32,. 2004, p. 40.

poupa à pessoa o pesadelo do perpétuo diálogo interno”¹⁷¹. Ela podia parecer louca, ficar louca por um tempo. Ao sair exercia outro papel.

O capítulo em que apresento Melissa é um texto cheio de reticências, ou mesmo exclamações. Era assim que sentia o processo. Muitos silêncios, muita reflexão, muitos momentos de solidão. Já as exclamações eram minhas surpresas, meu entusiasmo, minha esperança naquela criança. Se tivesse insistido na hipótese de uma resistência que deve ser quebrada, ao invés de deixar escutar o que ele me falava, penso que o processo teria se interrompido muito prematuramente. Era um silêncio, não um vazio. Não sentia que esse silêncio estivesse sendo a barreira de algum conteúdo reprimido, ou que se ela falasse se esvaziaria, como diz Ferenczi, ou mesmo consistisse em uma desesperança na fala. Era uma ausência de palavras, sentia que Melissa não podia falar. Muitos foram os momentos em que achava que deveria encerrar pois não sabia atendê-la.

O silêncio foi a forma como Melissa e as bordadeiras puderam colocar em evidência um lugar ocupado por elas e que retomam ali ante a analista. Retomando a fala de Lowenstein na abertura da reunião em 1958 ao enfatizar que “outros aspectos não acham palavras para serem expressas, mas se mostram pelo distúrbio da linguagem ou pela comunicação não-verbal: pelo silêncio”¹⁷², temos aqui esse exemplo.

Escutar essa transferência foi fundamental para prosseguir, tanto com Melissa quanto com Joana. Essa era minha baliza de estar dentro da psicanálise, pois atender em silêncio e por cartas, não fazia parte das regras. Pensei diversas vezes que poderia estar fazendo um conchavo com o sintoma de Melissa, no entanto fiz uma aliança com ela, da mesma forma que na favela, com algumas mulheres.

Melissa encena com seu silêncio sua experiência de total dependência da mãe e a falta de identificação da mãe com seu bebê. As bordadeiras mostram com seu silêncio a exclusão que sentem frente a sociedade, assim elas me excluem da roda, das conversas, do convívio que têm. A não participação da roda me traz um paradoxo, enquanto na viela a vida fervilha, eu sou excluída desse entusiasmo, fico reclusa no barraco. As relações extra-casa são fortes, é na viela que as mulheres tomam conta de seus filhos, secam roupa, trocam informações, assim como as crianças brincam, os homens conversam, e eu não era convidada a participar de nada daquilo.

¹⁷¹ KHAN, M. M. *Quando a Primavera Chegar: despertares em psicanálise clínica*. São Paulo: Ed Escuta, 1991, p. 10.

¹⁷² Conforme p. 88.

A forma encontrada para conduzir a análise de Melissa foi aceitar, aquilo que aparecia na sessão. Tudo era considerado associação livre, tanto o silêncio como as cartas e com esse material eu trabalhava e falava sobre minhas percepções. Eu não tinha elementos para formular uma interpretação, mas penso que não era esse meu objetivo pois a pequena Melissa não suportaria. Apreendendo o sentido do trauma cumulativo, eu deveria ser um escudo, até mesmo das interpretações. Deveria ir oferecendo palavras, dando sentido, organizando os pensamentos, como já havia resvalado nesse pensamento ao apresentar o artigo de Oddoux¹⁷³. Não penso que era um conteúdo que pertencia ao núcleo incomunicável, como postula Winnicott, mas fazia parte uma experiência traumática em um momento muito precoce da vida de Melissa – ao se deparar com uma mãe invasiva – que provocou uma grande desorganização, ou seja, um ego imaturo incapaz de conter a quantidade de excitação, ficando sem palavras e por isso incomunicável. Assim, penso que Melissa, diferentemente do pequeno Jacques estava impossibilitada de falar, não era uma recusa. Já as bordadeiras, não falavam porque se recusavam, como Jaques. Da mesma forma como sra Morgenstern, eu deveria estar junto delas de outra maneira.

K. Levy ao refletir sobre o silêncio diz que algumas vezes o profissional inicia uma análise apegado às regras e acontece do paciente não ser capaz de segui-las. Pensando em Melissa e especificamente na regra fundamental, não imagino que ela não era incapaz de se ater à regra fundamental, pois muitas vezes ela exprimia o desejo de que fosse diferente, sabia que deveria falar, mas não conseguia.

As dores no corpo de Melissa, sua queixa constante, é a expressão literal do seu ego, como o bebê que sente as insatisfações no corpo e é a elas que a mãe deve responder. Seu corpo fala de uma experiência muito primitiva, é no corpo que ela sente o mundo. Ao falar de uma amiga que deixa São Paulo escreve: *“queria ser forte e segurar a onda nesse momento de minha amiga ir embora, mas acho que meu corpo não pensa do mesmo jeito que minha cabeça. Tá tudo doendo. Agora é o pé, não consigo nem dirigir”*.

Sua vivência é corporal, não há separação entre ela e o outro, poderíamos dizer que ainda tem uma experiência com o mundo subjetivo, e assim bate seu corpo contra esse mundo, pois ele não está fora, mas dentro dela.

No jogo de dependência com a mãe, o bebê se relaciona com objetos subjetivos ao mesmo tempo em que interage com objetos não-eu. Nesse momento, a mãe deve estar atenta para retirá-lo da ansiedade inimaginável que o assola todo

¹⁷³ Ver p. 31.

tempo. É na identificação da mãe com seu bebê e na demonstração de amor pelos cuidados corporais que a mãe o retira desse lugar¹⁷⁴.

A ineficiência materna pode não dar essa segurança, isto é pode trazer como consequência uma indiferenciação 'eu/não eu'. As experiências do ego integram-se junto com a proteção do ego materno, nesse momento a mãe é parte da criança. A integração se baseia na unidade, que ao mesmo tempo sugere que o resto do mundo é não-eu. Se a mãe é incapaz de fazer esse trabalho, pode deixar seu bebê cair na ansiedade inimaginável. Há assim um fracasso no apoio do ego. O fracasso promoveria a não integração. Neste estágio inicial, ele precisa se defender, já que não há ninguém que o proteja, assim ele se desintegra, a fim de não mais cair no caos da não-integração. A desintegração é uma defesa pelo medo da não-integração. Ele não pode cair na ansiedade inimaginável. E Melissa teme esse lugar, sua mãe foi ineficiente.

Melissa, que vem para as sessões, é um bebê precisando de cuidados. Ela não pôde fazer esse descolamento, seu ego ainda é corporal, assim há o medo iminente de cair na ansiedade inimaginável. Não pôde ter a experiência de integração, e a segurança no ambiente, ela também não tem. Como um jogo de dominós, ela não dispõe de uma mãe devotada, decorre disso a falta de uma experiência com uma mãe suficientemente boa, assim seu ambiente não promove o processo maturacional e daí não há a integração do ego, e a descoberta dos objetos satisfatórios não ocorre.

Melissa ficou congelada nas primeiras experiências com essa mãe que não pôde se dedicar a ela... tantos filhos e a crença de que era o marido que deveria ter toda sua atenção...

Outro ponto que esses atendimentos me faziam refletir era sobre o tempo, quanto tempo deveria esperar. Em concordância com Meyer que diz "É preciso ter paciência e tolerância (...) não é uma questão de *timing* como técnica externa ao vivido na análise"¹⁷⁵, eu esperei. Assim fiz até que pudesse falar de meus sentimentos ou oferecer um cuidado ativo que estes processos puderam ocorrer. Estar **junto** com Melissa e com as bordadeiras é que era a técnica. Elas me obrigaram ao exercício da escuta livre, empurraram-me a me despir dos pré-conceitos (sem memória e sem desejo, nas palavras de Bion) me mexendo, ou me incluindo de outra forma dentro da teoria.

¹⁷⁴ WINNICOTT, D. W. [1952] A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 56.

¹⁷⁵ MEYER, 2004,

Porque Melissa chorava depois de eu ter falado, isso não sei. Não sei se havia feito algo de errado, se havia dito algo fora de hora... ela nunca retornou a isso. Mesmo errando, percebia minha intenção em ajudá-la. Havia uma possibilidade de existência. Era como se acreditasse naquele ser. No entanto, como no caso do pequeno Jacques, que a sra Morgenstern¹⁷⁶ voltou aos desenhos e conversaram sobre eles, eu pude voltar na sua história e perguntar alguns fatos e ela me re-contou colocando alguns detalhes que faltavam. Era como se voltasse para preencher algumas lacunas na sua história, mas seu choro nunca foi tema de nossas conversas.

Ferenczi fala de uma identificação com o agressor. Em alguns momentos talvez, Melissa identificada com o agressor estabelecia comigo uma situação de violência. Odiar sua mãe era difícil, ela sempre falava da forte educação religiosa que receberam e como isso tinha uma ação maléfica na família. É mais fácil odiar, agredir a analista, daí compactuar com a mãe em detrimento da análise – ficar quieta –, ou mesmo com seu irmão – eu não podia falar no episódio do abuso, ela ficava muito brava e chorava, ou quando perguntava porque ia almoçar no Dia das Mães com sua mãe ela não respondia. Havia me pedido para se conhecer – mas eu não podia falar... era como se eu estivesse burlando uma regra. Para atender seu pedido, eu a agredia, mas se não perguntasse, ela ficaria sem pensar nesse fato – sua obediência.

No momento em que passo a contar histórias à Melissa recuperar um cuidado maternal, e ela faz o gesto de prazer – encosta na poltrona e sorri. Se havia crescido, como tinha me contado nas cartas, eu a tomo pela mão e a acompanho. Ao contar as histórias, como fazem as mães, ofereço a possibilidade de experimentar um mundo também perigoso, mas em que há companheirismo. Estava ali ao seu lado, e as histórias também trazem conteúdos de solidariedade, afetos, perigos medo...

Outro fator que se nota nesse momento é que as formas escrita e falada se cruzam aqui, como Purificación B. Gomes¹⁷⁷ ressalta ao comentar *As Mil e Uma Noites*. Passamos da forma escrita para a oral na mesma sessão. Eu falo das histórias escritas por ela e ela escreve sobre aquilo que lhe falei; mas também passamos das histórias faladas, que vêm escritas por ela, para as histórias escritas por autores ‘desconhecidos’. Pudemos ler e ela escutar depois que trilhamos o caminho dela escrever e eu escutar. Eu a imito, de forma um pouco diferente, trago histórias para ela escutar. A paciente que não julgava ser padrão, como me disse algumas vezes, é meu modelo.

¹⁷⁶ MORGENSTERN, op.cit.

¹⁷⁷ GOMES 2000.

Ao longo do processo, o silêncio de Melissa vai transformando seu sentido, ele é múltiplo. Tentei seguir alguns, outros não me foram possível.

E Joana... chega pedindo cuidado. Este pedido tem múltiplos sentidos, é necessário que em cada momento eu possa reconhecer sua necessidade.

Apesar de estar ali como bordadeira, ser psicanalista me proporcionou um olhar diferente para aquela atividade que poderia ser apenas uma relação de ensino e aprendizagem. Podia ver o sofrimento naquele gesto de protesto, naquela recusa em estar comigo. Ser psicanalista me possibilitou intervir de outro modo, fazendo com que aquela situação pudesse abarcar também a reflexão de estar naquele lugar.

Se as casas são muito permeáveis, pelos próprios materiais de que são feitas, eu deveria entrar com cuidado, não invadir. Tudo ali inunda, contamina – a água, o fogo, os cheiros, os sons – e eu também não podia repetir esse excesso, mas deveria entrar com cuidado, aos poucos, conforme os pedidos de Joana.

Não era só ensinar, mais poder acolher e incluí-las na roda para dialogar com essa diferença, sem que nenhum dos lados fosse detentor de sabedoria, e a oficina é o lugar privilegiado para isso, como escreve S. Rickes. Moura Gonçalves Filho lembra que “A impossibilidade de compartilhar o mundo faz “despencar”. Na clínica winnicottiana, a vertigem, a angústia de cair, é frequentemente reconhecida como o sentimento de não existir no meio dos outros, não existir para os outros ou não *consentir* a própria existência”¹⁷⁸ (grifos do autor). Como Melissa, Joana e suas companheiras perderam a sustentação, não tiveram o *holding* social, passaram a não existir e eu deveria oferecer colo, sustentá-la na sua existência. Na favela ela está identificada com o lugar e há a possibilidade de transitar por esse lugar, sem o medo de se perder, isso eu deveria restaurar, agora fora da favela. Estar ali como bordadeira-psicanalista me permitia compartilhar desses afetos.

Nessa mesma linha, Jurandir F. Costa me ajudou a pensar. Ele escreve sobre a ambiguidade de afetos, que sustenta a possibilidade dos laços afetivos e o sentimento de culpa. E ainda, diz que prometemos e perdoamos porque temos a aptidão de recomeçar, e apostamos na capacidade do outro de agir da mesma forma. Com esses argumentos, este autor vai ligar a violência a uma transcendência ética, mas também está de acordo com a proposta de Beatriz Mizrhay na qual ela sugere *holding* e sustentação do gesto espontâneo como formas de apaziguar o poder da contemporaneidade. Assim é que procurava fazer como Joana.

Esse conjunto de fatores autorizava-me a trabalhar ali no sentido de oferecer outra dimensão do viver, pautado pela paz, como pressupõe este autor.

¹⁷⁸ GONÇALVES FILHO, (1988), p. 20.

Dentre os vários silêncios descritos no capítulo III, Joana parecia exemplificar o silêncio erótico-oral observado por R. Fliess¹⁷⁹, da mesma forma que me exemplifica o texto *Estranho* de Freud como citei no capítulo II. Lembrando que para este autor o silêncio erótico-oral é um silêncio bem regredido, no qual o paciente se ausenta, e se convocado a falar o paciente não se importa com tal chamado, voltando a falar quando quiser, pois há uma retirada da libido do discurso. Ali, Joana parecia que havia desinvestido as relações, não apenas o discurso.

Melissa sofreu abuso de seu irmão e de seu tio, e também não recebeu os cuidados de sua mãe. Nenhuma dessas pessoas pôde proteger Melissa dessas experiências traumáticas. Podemos fazer a mesma relação com o Estado e a comunidade da favela, pois este deveria oferecer cuidados aos seus habitantes e não ofereceu. O estado e a mãe de Melissa não puderam fazer a maternagem de forma apropriada, foram mães pouco adaptadas às necessidades de seus filhos e Khan é contundente em afirmar que as micro-falhas da mãe compõem o trauma cumulativo. Como disse no capítulo anterior, não é possível uma mãe satisfazer o bebê sempre, mas essas 'duas mães' parecem satisfazer pouco seus bebês.

A experiência traumática das duas situações é diferente, mas pode-se dizer que ambas sofreram. Assim como posso afirmar que ambas estiveram expostas a situações de violência.

O silêncio era o meio que embalava minha relação com as duas pacientes. Como diz M.-Ponty, 'a palavra vem banhada pelo silêncio', e Winnicott nos lembra que a preocupação materna primária está mergulhada no silêncio, assim não é possível desprezá-lo, mas minha função era conferir-lhe o devido lugar.

Dessa forma, criou-se tanto na sala de análise como no barraco um espaço transicional, no qual Melissa e Joana puderam fazer um gesto criativo de existirem. Pude acompanhar Melissa por vários anos e mostrar-lhe aqui o caminho percorrido com esse material que ela me brindou – o silêncio e as cartas. Meu trabalho com Joana foi por menos tempo e de forma diferente, mas pude trazer o percurso teórico que me guiou, trazê-la para perto e conversar sobre temas importantes para ela, para mim e para seus filhos.

Foi silenciosamente, como em um jogo de rabiscos, que pude ir desenhando as associações, interpretações, afetos nessas duas situações.

Alguns sons ficaram em aberto, pois nem sei se pude escutá-los todos, talvez uns tenham me ensurdecido de tão alto. Espero escutar alguns com a ajuda de meus leitores.

¹⁷⁹ FLIESS, [1949] 2010.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, G. O Bando e o Lobo. In: AGAMBEN, G. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*, Belo Horizonte: Ed. UFMG 2002 pp 111-117.

ALVARENGA, C. CADÊ A Favela? Experimentando Sentidos Inabituais, *VI Encontro Psicanalítico da Teoria do campos – Meditações Clínicas: Diálogos Possíveis*. São Paulo: CETEC e SBPSP, 2010

BAUMAN, Z. Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar às prisões. In BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: JZE. 1998.

BERLINCK, M.T. A Histeria e o Psicanalista. In Berlinck. M.T. (org) *Histeria*. São Paulo: Ed Escuta, 1997, pp. 29-47.

BUSCHINELLI, C. O medo, a violência e as palavras. In: Sandler, P. (org.) *Leituras Psicanalíticas da Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. pp. 15-20.

BLOS Jr, P. Silence: A clinica Exploration. In: *Psychoanalytic Quarterly*, NY, v. 41, 1972, pp 348-363.

BRUM, M. S. Repressão, clientelismo e resistência...relações entre estado e favelas no Rio de Janeiro. In: *Klepsidra – Revista Virtual de História*. Disponível www.klepsidra.net/klepsidra19/favelado.htm acessado em 19 de dezembro de 2010.

CHAUÍ, M. – Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In *Cardoso, R. et al - Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: JZE, 1986

CONCEIÇÃO, P O Silêncio Junto. In: Perdigão, A. B.(org) *Sobre o Silêncio*, S. José dos Campos: Pulso Ed., 2005. pp. 15-28.

BRUM, M. S. Repressão, clientelismo, resistência... relação entre estado e favelas no Rio de Janeiro. In: *Klepsidra, Revista Virtual de História*, abr/2004. Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra19/favelado.htm>, acesso em 04 de abril de 2011.

CALVINO, I. Leveza. In *Calvino, I. Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 13-41.

CINTRA, E. M. U. Trate-me como um cachorro. Ou assim que for possível. In: *Cadernos de Psicanálise – sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 23, n. 26, Rio de Janeiro, 2007, pp 35-51.

COSTA, J. F. Transcendência e Violência. In: Jacó-Vilela, A. M. (org) *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2007. pp 89-102. Disponível em <http://jfcosta.sites.uol.com.br>, acesso em 15 de março de 2011.

COSTA, J. F. [1984] *Psicanálise e Violência*. Rio de Janeiro: Ed Graal, 2003.

FERENCZI, S. [1916] O silêncio é de Ouro. In: *Psicanálise II*, SP: Martins Fontes, 1992, pp 277-8.

_____ (1933) Confusão de Línguas. In: FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 97-106.

_____ (póstumo) *Reflexões sobre o Trauma*. In: FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 109-117.

FIGUEIREDO, L.C. *A Clínica Boderline (2000-2001)*. São Paulo: Escuta 2003.

_____ *As Diversas Faces do Cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2009.

FOUCAULT, M. [1969] O que é um autor. In: *Revista Litoral*, nº9, Paris: Écres, 1983.

FREUD, S. (1893-5) Estudos Sobre a Histeria. In: *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. vol I . pp. 43- 363.

_____ [1900] A Elaboração dos Sonhos. In FREUD, S. *ESBCSF*. Rio de Janeiro: Imago. 1986, vol IV e V, pp. 295-543.

_____ [1907] Delírios e Sonhos em ' Gradiva' de Jensen. In: FREUD, S. *ESBCSF*. Rio de Janeiro: Imago. 1986, vol. IX. pp.13-95.

_____ [1909] Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol. X, 1986, pp.15-157.

_____ [1912] Recomendações aos Médicos. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol.XII. pp 149-162.

_____ (1913) Totem e Tabu. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. vol. XIII. pp.17-190

_____. (1919a) Estranho. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*, Rio de Janeiro: Imago 1986.,Vol. XVII. pp. 275-319

_____ (1919b) Introdução à psicanálise das Neuroses de Guerra. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro : Imago, vol. XVII, pp. 259-263.

_____ (1920) Além do Princípio do Prazer. In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. vol. XVIII. pp. 17-89.

_____ (1925) A Negativa. In: : FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. Vol XIX, pp 295- 306.

_____ (1932) Por que a Guerra? In: FREUD, S. *ESBOPCSF*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. vol XXIIpp 241-259.

FREIRE, G. (1938) *Açúcar – uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FROCHTENGARTEN, J. Apresentação. In J Pontalis, J.-B. *Entre o Sonho e a Dor*. São Paulo: Idéias e Letras, 2005. pp. 9-19.

GERBER, I. O medo e a violência ou o ovo e a galinha. In: Sandler, P. *Leituras Psicanalíticas da Violência*. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2004. pp. 41-49.

GIOVANNETTI, A Teoria dos Campos: Psicanálise sem Dentro e Fora. In Barone, L. M. C.; Giovannetti, A.; Hermann, L.; Taffarel, M.; Zecchin, R. M. do N. (org). *O Psicanalista: hoje e amanhã*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. pp. 37-45.

GRIMM, J E GIMM, W. *Contos de Grimm*. Ilustração de Elzbieta Gaudasinska, prefácio de Marc Soriano, tradução de Heloisa Jhan, São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

GOMES, P. B *O Método Terapêutico de Scheerazade – mil e uma histórias de loucura, desejo e cura*. São Paulo: Iluminurias, 2000.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação Social – Um problema Político em Psicologia. In *Revista Psicologia USP*. São Paulo, vol 9, nº2, 1998, pp. 11-67.

GONÇALVES, T. E. *A Degradação da Infância: Maus-tratos e Sevícias na Origem da Conduta Anti-Social. Um Estudo Psicanalítico*. Tese de doutorado. PUC-SP. 2006. pp1-308.

HANNS, L.A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Ed, 1996.

HERRMANN, F. *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

HOFFMAN, M. *Meu Primeiro Livro de Contos de Fadas: recontadas por Mary Hoffman*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

KHAN, M.M.R. (1963) O Silêncio como Comunicação. In: KHAN, M.M.R. *Teoria e Técnica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977, pp. 205-220.

_____ (1963) O Conceito do Trauma Cumulativo. In KHAN, M.M.R. *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro: F. Alves Ed, 1977, pp. 57-75.

_____. Quando a Primavera Chegar: despertares em psicanálise clínica. São Paulo: Ed Escuta, 1991,

LEVY, K. Silence in the Analytic Session. In *International Journal of Psychoanalyses*, vol. 39. 1958. pp. 50-58.

LIMA, L. T. de O. Sobre violência e cultura: uma ponte entre a antropologia e a psicanálise. In: Sandler, P. *Leituras Psicanalíticas da Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. pp.76-83.

LITTLE, M. I. *Ansiedades Psicóticas e Prevenção – registro pessoal de uma Análise com Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LOEWENSTEIN, R. M. The Silent Patient - Introduction. In: *Journal of American Psychoanalytical Association*, n.9, 1961. pp 2-6.

LOOMIE, L. S. Some Ego Considerations in the Silent Patient. In: *Journal of American Psychoanalyses Association*, v. 9. pp 56-78.

MENEZES, L.C. A Contribuição dos Autores Franceses: Comentários sobre a Clínica. In Outeiral, J. O. e Thomaz, T. O. (org) *Psicanálise Brasileira – Brasileiros Pensando a Psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, pp

MACHADO, A. M. *Histórias à Brasileira, recontadas por Ana Maria Machado*. São Paulo: Comp. Das Letras, 2004.

MERLEU-PONTY, M. A Jean Paul Sartre. In: MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Minotauro Ed. 1962. pp. 57-122.

MEYER, A. V. O silêncio: a insistência da questão. In: *Revista de Psicanálise Percurso*. ano XVI, nºs 31/32, São Paulo: Idéias e Letras & Instituto Sedes Sapientae. 2004, pp.39-42.

MEZAN, R. *Escrever a Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____. Viena e as Origens da Psicanálise. In: MEZAN, R. *Tempo de Muda: origens da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

MIRIM, L.A.L. *A Teia da Elaboração* dissertação de mestrado. PUC SP, 2004. pp 1-115.

_____. Balanço do Enfrentamento da Violência contra a Mulher sob a Perspectiva da Saúde Mental. In: *25 anos de enfrentamento da Violência contra a Mulher*. CFSS – Ford Fund., 2006. Disponível em: www.mulheres.org.br/violência/25anos

MIZRAHI, B. G. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, NASIO, J.-D. *O Silêncio na Psicanálise*. Rio de Janeiro: EJZ, 2010.

OVÍDIO (1-8 d.C.) Livro VI, versos 1 -145. In: *Metamorfosis*, Madrid: Alianza Editorial, 2000, pp195-199.

OUTEIRAL, J. O. Interpretação e Transicionalidade ou Fragmento de Análise de Uma Adolescente. In: Outeiral, J. O. e Thomaz, T. O. (org) *Psicanálise Brasileira: Brasileiros Pensando a Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. pp. 80-88

PASTERNAK, S. São Paulo e suas favelas. In *Pós. Revista do Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. FAUUSP, São Paulo, n. 19, jun. 2006.

Disponível em

<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-95542006000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 jun. 2011.

PERDIGÃO, A. B.(org) *Sobre o Silêncio*, S. José dos Campos: Pulso Ed., 2005.

PONTALIS, J.-B. *Entre o Sonho e a Dor*. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

POSTER, M. Mudanças na Estrutura da Família. In: Poster, M *Teoria Crítica da Família*, Rio de Janeiro: JZE, 1979, pp. 184-204.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 1983.

RICKES, S. M. O território híbrido das oficinas terapêuticas - entre a educação e a clínica. In: *VI ANPED Sul - Seminário de Pesquisa da Região Sul*. Santa Maria: Universidade de Santa Maria, 2006. pp. 1-12.

_____ Letras em Oficina: criando aberturas para inscrever lugares-sujeitos. In: *VII Seminário de pesquisa em educação da região sul - ANPED Sul / Pesquisa e Inserção*. Itajaí: UNIVALI, 2008. pp. 1-15.

RICKES, S. M.; RAINONE, F. *et all*. Construções em oficina: da produção de imagens à produção de si. In: *Boletim da Saúde*, Porto Alegre, v. 23, 2009. pp. 139-148.

ROSA, M. D. Uma escuta das vidas secas. In *Revista de Psicanálise TEXTURA*, , São Paulo – Ed Álgama, nº2, 2002. Disponível em <http://www.revistatextura.com/leia/umaescpis.pdf> acesso em 21 de novembro de 2009.

ROUSSILION, R. Agonia e Desespero na transferência paradoxal. In *Revista de Psicanálise da SBPPA*, v. 11, n. 1, abril, 2004. p 13-33.

_____ Atualidade de Winnicott. In: *Trieb Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro: SBPRJ, v. 9, 2000. pp 55-71.

SANTOS FILHO, F. C. Traumatismo psíquico – realidade dos fatos, realidade psíquica e des(a)tino do sujeito. Tese de doutorado. PUC-SP, 2011. pp. 1-186.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, dez. 1990.

STECASEVSKAS, Y. O. Contar História no HD Butantã – a Roda de Histórias, a Circulação de Sentidos e o Efeito da Palavra. Dissertação de mestrado. PUC – SP. pp 1-180.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; *et all.* Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. In: *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 5 n. 1 pp. 04–09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>. Acesso em 04 de abril de 2011.

WEINBERGER, J. L. A Triad of Silence: Silence, Masochism and Depression. In *International Journal Psychoanalytical*, v.45, n 2/3, 1964, pp 304-309.

WINNICOTT, D. W. (1939) Desilusão Precoce. In: Winnicott, C; Sheperd, R.; Davis, M (org) *D. W. Winnicott: Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 2007, pp. 17-19.

_____. (1952) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. pp. 55-61.

_____. (1956) La préoccupation maternelle primaire. In Winnicott, D. W. *De la Pedriatrie à la Psychanalyse*. Paris: PBP, 1973, pp. 168-174.

_____. (1960) Distorções do Ego em Termos do Falso e Verdadeiro ‘Self’. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processo de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. pp. 128-139.

_____. (1962) Os Objetivos do tratamento psicanalítico. In: WINNICOTT, D. W. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 2008. pp152-155.

_____. (1963) O medo do Colapso. In: Winnicott C.; Sheperd, R.; Davis, M. (org) *Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott* Porto Alegre: Artmed, 2007. pp.170-176.

_____. (1965) O Conceito de Trauma em Relação ao Desenvolvimento do Indivíduo dentro da Família. In: Winnicott C.; Sheperd, R.; Davis, M. (org) *Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott* Porto Alegre: Artmed, 2007. pp.102-115.

_____. (1969) A Experiência de mutualidade Mãe-Bebê. In: Winnicott C.; Sheperd, R.; Davis, M. (org) *Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott* Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 195-202.

_____. [1971] *Consultas terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1984.

_____. [1977] *The Piggie Relato do Tratamento Psicanalítico de Uma Menina*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

_____. *Holding e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZELIGS, M. A. The role of silence in transference, counter-transference, and the psycho-analytic process. In *International Journal of Psychoanalyses*, v 41 n.4/5, 1960, pp 407-412.

ZIGOURYS, R. O Olhar Selvagem. In: *Percurso Revista de Psicanálise*. São Paulo: Sedes Sapientiae e Idéias e Leituras, v. 11, pp 7-13.

APÊNDICE



Chegou casa. Já mudou, e mudou xixi o que fogei. Depois e
 logo me mudou a vida. Não sei o que fazer. Parece
 que já tudo mudou. Eu não sei como mudar tudo isso.
 Parece que nada já me ajuda mais. Sou só eu. Sou
 tudo isso mesmo não consigo. É tudo errado. Não sei como
 mudar tudo de novo. Um cara fora de lugar certo.
 mudou tudo isso. Um cara fora de lugar certo.
 minha vida para dentro. Sou todo um mundo.
 os meus são ficando confuso todo um mais confuso
 eu sinto cada vez mais. O que que um pouco fogei
 por tudo isso mesmo. Tudo isso mudou. Não consigo
 por por tudo isso. É sempre a mesma coisa. É sempre
 a mesma coisa. Nunca termina. Tudo que começa
 de novo é tudo que não diferente. Ainda que não diferente